



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
MESTRADO EM DANÇA**

VERUSYA SANTOS CORREIA

DANÇA COMO CAMPO DE ATIVISMO POLÍTICO: O BICHO CAÇADOR

PESQUISA CONTEMPLADA COM A BOLSA FAPESB/2011

Salvador

2013

VERUSYA SANTOS CORREIA

DANÇA COMO CAMPO DE ATIVISMO POLÍTICO: O BICHO CAÇADOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Dança.

Orientador(a): Profa. Dra. Fabiana Dultra Britto.

Salvador

2013

C849d Correia, Verusya Santos.

Dança como campo de ativismo político: o bicho caçador./ Verusya Santos Correia. – Salvador, 2013.

103 f.: Il.

Orientadora: Fabiana Dultra Britto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
Escola de Dança. Programa de pós-graduação em Dança, 2013.

1. Dança 2. Ambiente urbano 3. Coimplicação 4. Ativismo político
I. Título II. Subtítulo.

CDU 793.5

CDD 793.3

VERUSYA SANTOS CORREIA

DANÇA COMO CAMPO DE ATIVISMO POLÍTICO: O BICHO CAÇADOR

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Dança, ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 10 de maio de 2013.

Banca Examinadora

Fabiana Dultra Britto - Orientadora _____
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
PPG Dança - Universidade Federal da Bahia

Adriana Bittencourt Machado _____
Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
PPG Dança - Universidade Federal da Bahia

Thais de Bhanthumchinda Portela _____
Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro .
PPG-AU - Universidade Federal da Bahia

Ao

Gilmar Silva e à Maria Correia, pela generosidade e alegria que me contagiam.

AGRADECIMENTOS

À Fabiana Britto, orientadora desta dissertação, com quem nos últimos anos aprendi muito sobre dança, a cidade e política; agradeço pelo estímulo às minhas inquietações.

Ao Programa de Pós - Graduação em Dança da Universidade Federal da Bahia, cujo ambiente me proporcionou importantes reflexões referente a dança.

À Profa. Adriana Bittencourt e a Profa. Thais Portela, examinadoras desta dissertação, agradeço pelas boas interlocuções, questionamentos e estímulo quanto ao tema.

Aos meus pais, pelo amor, pelo apoio que recebi para a realização desta pesquisa.

Em especial ao bairro do Porto de Trás e seus moradores, pela experiência de convívio que me ajudou a pensar de um outro modo.

Aos entrevistados, pela disponibilidade e, com quem pude perceber os simbolismos sobre a cidade de Itacaré a partir da manifestação do Bicho Caçador: Adaite Hanorata da Rocha, Ademar Sá, Adelenisia Silva Santos, Adeliude Hanorate da Rocha, Adesilda Hanorata da Rocha, Adivailson Rocha dos Santos, Adonis Gomes dos Reis, Adriano Mendonça, Ana Paula Carmo de Jesus, Antônio da Silva, Aloísio José da Silva, Arionildo Gomes Sá, Arionilson de Sá, Carla Mussolin, Cláudia Cruz, Edson Monteiro de Assunção, Josenia Maria de Souza Pereira, Judite Pereira Bahia, Juliana Machado Oliveira, Leonardo Savino de Souza, Luis Carlos dos Santos, Luzitânia Rocha da Silva, Magno Rocha da Cruz, Matilde Campelo Santos, Maria de Lourdes Reis Oliveira, Mariana Ferreira Vitoria Barros, Marivaldo Alves Quaresma, Merijane Silva Santos, Nilma Santana dos Reis, Palmira Lopes Reis, Pedrina do Carmo Bispo, Pedro Oliveira Filho e Valmilson Conceição do Nascimento.

RESUMO

Esta pesquisa investiga a hipótese de que a dança pode ser uma forma de ativismo político, quando seu modo de produção e de ocorrência acontecem à margem das normas do mercado e do sistema oficial de profissionalização.

Pretende-se mostrar que as danças criadas como manifestações populares de grupos sociais espontaneamente organizados, que ocorrem na rua e se baseiam nas suas experiências cotidianas dos espaços públicos em que vivem, produzem um tipo de transgressão das normas tanto de organização urbanística quanto da dinâmica sócio-urbana vigente e da própria prática artística coreográfica, na medida em que subvertem a lógica segregatória e espetacular que se impõe atualmente como modelo hegemônico de cidade, de arte e inclusive de corporalidade (Britto e Jacques, 2008, 2010).

O objeto tomado para análise é a manifestação anual do Bicho Caçador, criada e realizada pelos habitantes do bairro Porto de Trás, na cidade de Itacaré (BA). Partindo da minha própria experiência de coreógrafa mobilizada por questões de segregação social, o estudo se desenvolve articulando depoimentos coletados e dados históricos contextuais, com as noções de coimplicação entre corpo e ambiente (Britto, 2008), corpografia urbana (Britto e Jacques, 2008, 2010) e profanação (Agamben, 2007), para mostrar como o Bicho Caçador transgride (desde o nome) as regras de convívio e ocupação do espaço urbano, pelo seu uso dessacralizador da segregação espacial, sócio-econômica e étnico-cultural vigentes na cidade.

Pretende-se, desse modo, sugerir que a dança pode ser um tipo de ação crítica, de desvio ou resistência aos modelos hegemônicos de pensamento e comportamento promotores da espetacularização – papel que denominaremos de ativismo político.

Palavras-chaves: dança, ambiente urbano, coimplicação, ativismo político

ABSTRACT

This research investigates the hypothesis that the dance can be a form of political activism, when its production and mode of occurrence happens margin market rules and the official system of professionalization.

It is intended to show that the dances created as manifestations of popular social groups spontaneously organized, occurring on the street and are based on their daily experiences of public spaces in which they live, produce a kind of transgression of the rules of both the urban organization as dynamic partner urban-effective and choreographic own artistic practice, in that subvert the logic segregated and spectacular that imposes itself now days as the hegemonic model of the city, including art and corporeality (Britto and Jacques, 2008, 2010).

The object taken for analysis is the annual event of the *Bicho Caçador* created and performed by the inhabitants of the district of Porto de Traz in the city of Itacare (Bahia). From my own experience of choreographer mobilized by issues of social segregation, the study develops articulating testimonies collected contextual and historical data, with the notions of co-implication between body and environment (Britto, 2008), urban bodygraphy (Britto and Jacques, 2008, 2010) and desecration (Agamben, 2007), to show how the *Bicho Caçador* transgresses (from the name) the rules of coexistence and occupation of urban space, by its use unsacred spatial segregation, socio-economic and ethno-cultural force in the city.

It is intended, therefore, suggest that dancing can be a kind of critical action, diversion or resistance to hegemonic models of thought and behavior promoters spectacle - which will be called role of political activism.

Keywords: dance, urban atmosphere, co-implication, political activism

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 CAPÍTULO I - O CONTEXTO	12
2.1 A CIDADE	12
2.2 O BAIRRO	28
2.3. A RUA	32
3 CAPÍTULO II – A DANÇA	37
3.1. O BICHO	37
3.2. O PERCURSO	47
3.3. A FESTA	53
4 CAPÍTULO III – O ATIVISMO POLÍTICO	67
4.1 O CORPO	67
4.1.1. Modo de composição	67
4.1.2. Modo de movimentação	68
4.2 O AMBIENTE	70
4.2.1 Modo de organização	70
4.2.2 Modo de transmissão	71
4.3 O ATIVISMO	72
4.3.1 Modo de participação	72
4.3.2 Modo de ocupação	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
6 ANEXOS	80
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

1 INTRODUÇÃO

A dança, como prática artística, no litoral baiano, pela complexidade de seu contexto de pólo turístico e ambiente de intensa produção de danças ligadas a tradições culturais locais, deixa flagrar uma situação um tanto urgente: muito ainda está por acolher, reconhecer, incentivar e apoiar essa produção, levando-se em conta as estéticas diversas relacionadas a momentos históricos diversos e especificidades contextuais diversas, coexistentes ali. Há sete anos venho pesquisando sobre a encenação da diferença: o corpo como discurso e a dança como ativismo político. Em minha pesquisa de especialização, por exemplo, debruicei-me sobre a análise dessas questões relacionadas à diferença cultural, concentrando-se especificamente nas formas de preconceito que vigoram nas sociedades contemporâneas.

No Brasil tais questões aparentam estar resolvidas, mas a enorme diferença econômica entre as diferentes camadas sociais e seus respectivos estereótipos de comportamento, tipo físico, local de nascimento e etc. são bases para a formação de julgamentos antecipados e ações preconceituosas. Num plano mais geral a sociedade contemporânea globalizada, com seus fluxos migratórios radicaliza o confronto entre diferentes culturas tornando tal questão mais que pertinente para a atualidade.

Nesse sentido, comecei a me interessar por corpos que driblam estes controles e se movem para uma esfera política mais alargada, cujo enfoque é a presença do corpo, o conteúdo da história destes corpos. E é na cidade de Itacaré no litoral baiano, onde moro, que vejo uma manifestação muito peculiar: *O Bicho Caçador* - evento organizado pelos moradores do bairro do Porto de Trás, um cortejo que rompe as ruas de Itacaré, as portas das casas se abrem para receber esta dança que acontece duas vezes no ano no mês de janeiro.

Esta pesquisa parte da contextualização do ambiente de manifestação do Bicho Caçador pelo argumento crítico ao fenômeno da turistificação, relacionada ao modelo urbano que as cidades contemporâneas vem adotando, inclusive o município de Itacaré, Bahia, Brasil. Uma cidade pequena com sua belas praias, rios e cachoeira, localizada na mata atlântica, na Zona da Costa do Cacau, acaba também se afetando mesmo não sendo uma capital e nem mesmo uma grande cidade. A cidade pequena acaba seguindo aos modismos políticos, administrativos, de gerência que adotam um plano gestor sem relação com o contexto local. Trata-se do velho hábito da copia dos modelos de fora, uma mentalidade subdesenvolvida

que imita modelos cuja organização dada não compactua com a presente realidade local. Por conta disto as cidades pequenas como Itacaré, com características específicas, adotam estes mecanismos, próprios do modelo sócio urbano baseado na turistificação, que, por sua vez, é uma derivação da espetacularização urbana, conforme descreve criticamente a arquiteta urbanista Paola Berenstein Jacques (2008). Estes mecanismos promovem a noção de que o espaço público deve ser apaziguado e, para isso os grupos sociais devem estar separados e isolados nos seus próprios cantos, os grupos de diferentes interesses não podem conviver no cotidiano da cidade. É a estratificação social como estratégia de administração pública voltada para evitar conflitos naturais à convivência cotidiana entre diferentes. Este tipo de gerência administrativa da cidade impede a sociabilidade espontânea, impede que as pessoas convivam no seu cotidiano com a alteridade, o que nos exige o exercício constante de ajuste e negociação para viver num espaço comum.

A hipótese com que estamos trabalhando aqui é de que qualquer situação em que existe algum tipo de impedimento ou restrição imposta como forma de controle contém a sua contraface natural, o desvio. Num lugar super reprimido, podemos encontrar alguém, um grupo que descobriu uma saída, uma válvula de escape, um caminho para desviar, aquele que fugiu daquela repressão. Analisaremos manifestação do *Bicho Caçador*, sob esta perspectiva, tendo em vista a sua característica organizativa de ir para as ruas e se basear no corpo a corpo. Pretende-se apresentar a manifestação do *Bicho Caçador*, como foco de resistência, a contraface natural deste ambiente controlado, estratificado pelo atual processo de espetacularização das cidades contemporâneas, já referido.

Como pretendemos apontar nesse trabalho, a cidade de Itacaré reproduz esse modelo de administração pública que separa cada grupo social num bairro claramente delimitado segundo a hierarquia espacial da cidade (centro, periferia, área nobre, espaço do turismo, bairros dos nativos, etc.) cada um reservado à sua zona de controle. O que observamos é que os editais culturais e as políticas públicas servem para fortalecer esta zona de controle, separando as festas e os movimentos culturais em cada área, destinando-os aos mesmos interessados. Com o objetivo de não misturar nunca as diferentes ações e manifestações populares, o ambiente urbano torna-se todo estratificado.

Nesse sentido, a manifestação que explicita esta resistência é justamente a manifestação que atravessa esta estratificação: *O Bicho Caçador* contrapõe-se a isso corporalmente, entrando, pelo corpo a corpo, em áreas que lhe foram interditas pelas normas de urbanização

segregatória. A presente pesquisa procura demonstrar que esta manifestação *o Bicho Caçador* é um exemplo de ideia de dança que cumpre uma função de desvio ou resistência profanatória como diz Agamben (2007) aos modelos promotores da espetacularização - papel ao qual denominaremos ativismo político.

Tal propósito focaliza a manifestação *O Bicho Caçador* por tratar-se de um ato de resistência à segregação sócio-espacial, instaurado pelas ações de dança. As características peculiares desta conjuntura serão analisadas a partir das relações de coimplicação entre corpo e ambiente descrita pelas autoras Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques como *corpografia urbana* (2008, 2010).

A noção de *corpografia* como sendo um “processo de configuração recíproca entre corpo e ambiente” (ibdem) pode ser entendida como um modo de tomar consciência de si em seu lugar, ou seja, da sua própria situação. *Corpografia urbana* é, como explicam as autoras, a própria síntese das interações do corpo no ambiente urbano. Desta interação o corpo nos apresenta a sua corporalidade, ou seja, a configuração de sua experiência da cidade, a grafia da sua experiência urbana. Corporalidade entendida como resultante do processo de relacionamento do corpo com tudo o que faz parte do seu ambiente (as condições relacionais), se expressa como corpografia.

A corpografia é a cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia) ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também a define, mesmo que involuntariamente ¹. (grife meu)

Quando os moradores do Porto de Trás, saem com *o Bicho Caçador*, eles provocam as pessoas a perceberem a situação do lugar e a sua própria situação. Este argumento a ser construído nesta pesquisa parte do pressuposto de que a percepção de qualquer pessoa da sua própria corpografia (relação do seu corpo com a espacialidade que lhe circunda) acontece no corpo. A tomada de consciência do seu lugar, como forma de auto-percepção, pela dança é o que chamamos neste trabalho de *ativismo político*.

¹ BRITTO, Fabiana D. & JACQUES, Paola B.. *CENOGRÁFIAS O CORPOGRÁFIAS URBANAS um diálogo sobre as relações entre o corpo e cidade*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA-VOL. 1, nº1 (2003) pg. 79 – Salvador FAUFBA: EDUFBA, 2003V.:IL.

Além da ideia de *corpografia urbana*, desenvolvida por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques, as bases teóricas desta pesquisa sobre ativismo político pela dança incluem a noção crítica de *espetacularização das cidades* desenvolvida por Paola B. Jacques (2010) e a ideia de *profanação* apresentada por Giorgio Agamben (2007): profanação no sentido de uso que desvia a lógica segregatória. A partir do texto “elogio da profanação” (Agamben, 2007) a religião é definida como aquilo que subtrai pessoas, coisas, lugares do uso comum e as coloca em uma esfera separada. A hipótese que o filósofo Giorgio Agamben nos traz é que em toda separação conserva em si um modelo genuinamente religioso. Profanar traz em sua ação um outro modo de fazer uso das coisas, dos lugares. É o que ignora a separação, a negligência. Implica em deslocar, modificar os dispositivos de poder, pois o que estava inacessível, isolado é restituído ao uso. Profanar é por em uso comum os espaços, as ações dos homens.

Apresentamos também, nesta pesquisa, um breve apanhado histórico do município de Itacaré, para contextualizar a manifestação do *Bicho Caçador* como forma de ativismo político em dança pela resistência profanatória que ela representa frente ao processo de espetacularização urbana em curso na cidade, a partir de entrevistas e relatos coletados junto aos moradores e, observando seus desdobramentos e problematizações em relação ao bairro do Porto de Trás.

Nesse sentido, adotamos a noção processual de ambiente, tal como proposto por Fabiana Britto (2008), que argumenta os modos como os procedimentos de seleção e elaboração do corpo e espaço são formulados. Esta idéia, segundo a autora: “[...] é construída a partir de pontos de conexões, das organizações resultantes das relações que o corpo estabelece em seu ambiente de existência. Uma situação bem diferente daquela que busca depreendê-la por enumeração de parâmetros lineares, quantitativos na sua configuração. Assim, as idéias de unidade, identidade, origem, influência, matriz estão muito distantes quando frente aos termos envolvidos num processo, pois sua natureza relacional e contínua estabelecem transformações mútuas, irreversíveis entre o corpo e o ambiente”. (BRITTO, 2008, p.13)

Nesta pesquisa, “o ambiente não é um lugar, mas as condições para as interações entre as coisas acontecerem, cujas configurações resultantes, por sua vez, estabelecem a possibilidade de permanência e continuidade das dinâmicas relacionais. Este constitui as condições para a experiência sensível, ou condições da percepção. O ambiente entendido como uma unidade sensorial tanto para o do corpo do cidadão como, para o corpo urbano. Pois no momento que as interações acontecem as coisas que interagem modificam-se reciprocamente. E, deste

modo, modificam inclusive as condições de continuidade desta interação. A coimplicação entre estes sistemas (o corpo e o ambiente) estabelece vias de interlocução entre suas especificidades mas, de modo processual, desencadeia ações expansivas nos dois sistemas.” (BRITTO, 2008, p. 12)

A estrutura da dissertação segue a divisão de três capítulos, cada qual corresponde a um dos aspectos de abordagem da questão central da pesquisa: **O contexto**, em que apresentamos a cidade, o bairro e a rua em que ocorre o evento estudado, o Bicho Caçador; **A dança**, em que descrevemos como acontece o evento Bicho Caçador, seu percurso, e dinâmica de festa; e **O ativismo político**, em que explicamos os modos de composição e movimentação do corpo no evento Bicho Caçador, os modos de organização e transmissão que constituem o ambiente do Bicho Caçador e os modos de participação pública e ocupação da cidade que correspondem ao ativismo aqui proposto, e, desse modo, apresentamos a relação entre o corpo e ambiente como parâmetro de instauração do ativismo político pela dança.

As entrevistas realizadas com habitantes da cidade, moradores do bairro Porto de Trás, moradores de outros bairros do município de Itacaré, realizadores do Bicho Caçador e turistas, cumpriram a função de subsidiar a reflexão crítica realizada nesta pesquisa sobre as relações sugeridas entre o corpo, dança e ambiente na manifestação do Bicho Caçador e as concepções teóricas de *corpografia urbana, ambiente e profanação*, para caracterizar o que chamamos de ativismo político em dança. Por isso, foram transcritas como Anexo da dissertação.

2 O CONTEXTO

2.1 A CIDADE

“A revolução urbana” chega em Itacaré com o turismo com a finalização da estrada BR 001 em 1998. Transformações geoeconômicas começam a acontecer neste município, até então uma sociedade predominantemente rural, 14 anos mais tarde apresenta um alto salto, a urbanização prevalece apresentando um aumento do índice de concentração populacional na sua sede (COUTO, 2007). A cidade desenvolveu-se de forma abrupta. A corrida imobiliária, com os seus preços altíssimos, empresários de diferentes localidades, mais especificamente vindos do Sul - com o padrão de vida elevado, instalam-se na cidade à procura de uma vida mais tranquila para investir nos seus belos e luxuosos empreendimentos (resorts, pousadas, restaurantes, etc.). Imaginou a cidade de Itacaré como um lugar de estabilidade, de pessoas tranquilas a partir do progresso turístico? Esta ilusão popular fica mais cristalizada quando se tem em conta toda a potência ambiental com suas cachoeiras e rios, praias com diferentes atrativos, mata atlântica, mangue, modo de vida pesqueira, quilombos e ações socioambientais. Pode-se ver que as relações sociais são mais complexas e confusas ao que é mostrado nas agências de viagens como venda nos seus pacotes de turismo, como também os seus terrenos espalhados pela cidade.

Muitas vezes, as primeiras impressões sobre lugares tranquilos e povos felizes são enganosas. De qualquer forma, apesar de falsas, eles nos instruem. Tomaremos como exemplo os serviços de mão de obra pesada, a sua maior parte é direcionada aos nativos², e para os recém-chegados das cidades circunvizinhas à procura de uma estabilidade de trabalho. Com isto, o que se vê é uma segregação espacial muito grande no município de Itacaré, o grupo dos sulistas, dos estrangeiros, dos nativos e dos forasteiros. Cada grupo em seu gueto/ bairro/ área de trabalho. Pode-se ver o discurso do último secretário de Turismo do município de Itacaré:

O novo Secretário deseja promover a aproximação com escolas do município com o objetivo de divulgar a cultura do turismo sustentável e levar cursos técnicos em parceria com instituições como o Senac. ‘Queremos fortalecer a capacitação’, afirma. Cléber Filho acredita que a inserção de itacareenses no mercado de trabalho vai ajudar a elevar a autoestima dos moradores. ‘Vamos conscientizar turistas e

²Nativos: nome atribuído às famílias que nasceram e se criaram em Itacaré antes da invasão do turismo em 1998.

empresários da importância de ter itacareenses inseridos no mercado de trabalho ou como empreendedores ofertando bens e serviços, como artesanato e guias', garante.³

Muitos fazendeiros de cacau empobreceram, cedendo lugar à hotelaria e ao comércio turístico no topo da pirâmide social. Isso corresponde a mais de 60% da população, o que impede praticamente de subir na vida, segundo o censo demográfico 2010⁴. Ainda que o sistema transitório do turismo tenha criado uma cidade mais misturada, suas fronteiras temporais mantêm bastantes segregadas. Evidentemente, o contato não aproximou as classes tanto assim. O que se vê é uma carga horária de trabalho muito rígida e intensa, as planilhas de trabalho são organizadas e cada trabalhador da hotelaria tem direito a um dia de folga na semana, eles quase não têm tempo para se encontrarem, trocar ideias, etc. A área da hotelaria segue a lógica de mercado⁵; por ter um ciclo sazonal, no turismo de Itacaré muitos trabalham um só trimestre para o ganho do ano todo. E os turistas que fazem passeios/compras acabam partindo, seguindo a sua rotina. Uma expectativa e tensão que atinge este funcionamento, seguindo à risca os capitalistas rigorosos como Henry Clay Frick disse: “ ‘o melhor empregado’ era o que trabalhava sem parar, mobilizando suas energias para empurrar o corpo até o limite, a fim de ganhar dinheiro” (SENNET, 2003, p. 274).

A chegada da expansão do turismo proporcionou o que muitos consideram a verdadeira revolução social no município. Mas nem os mais antigos moradores deixariam de simpatizar com este novo movimento. Na época dos veranistas com os antigos moradores - ali foi criado serviços como de domésticas, jardineiros, caseiros – de modo informal. Os que coabitavam com os padrões misturavam-se a eles nas mais íntimas da vida familiar durante a estação de férias e/ou social, de Dezembro a Fevereiro; e, na época de julho, a população duplicava – a população local aprendeu a dar assistência aos veranistas. Muitas vezes cancelava os seus afazeres para ficarem na companhia dos veranistas. Com isto, o que se observa é que foi nesta época que os ricos e os pobres, nativos e visitantes, compartilhavam uma certa intimidade. Com diálogos, encontros e diferentes experiências de vida. O contar histórias e perceber outro ritmo fizeram com que muitos ficassem atraídos em mudar de estilo de vida.

³ Fonte: <http://www.itacare.ba.gov.br/?pg=not%EDcia&id=185>

⁴No site no Portal ODM – Relatório Dinâmico indicadores municipais. Em: www.portalodm.com.br. Acesso em 25/6/2012.

⁵Lógica de mercado: “o mundo da mercadoria como ele é, pois seu movimento é idêntico ao afastamento dos homens entre si e em relação a tudo que produzem” (DEBORD, 1997, pg. 28)

As casas que antes eram alugadas deram espaço para a construção de pequenos quartos e pousadas que se encarregaram de eliminar esses postos de trabalho, dando assim outro modo de vínculo. Pois a maior parte dos empregados dos veranistas foram aos poucos se direcionando para os empregos oferecidos pelas pousadas e restaurantes, como camareira, servente, garçom, eletricista, pintor, cozinheira, etc. A relação que antes era direta com o seu patrão passa a ser, então, terceirizado.

Quem conseguia juntar dinheiro se mudava para a tão sonhada casa própria, distribuída no Bairro da Passagem, Bairro Novo, no Porto de Trás, quilômetro 6 e no próprio centro, ou nos terrenos vazios da casa dos familiares. O quintal se transformou em concreto: em cima, do lado, atrás da casa dos pais e/ou familiares. Ou comprando seu terreno, como também invadindo terreno.

Em duas administrações municipais, lotes de terrenos foram doados aos nativos para que construíssem suas moradias. Isso aconteceu nos governos de Edgar Alves dos Reis, no período de 1988 a 1992; e de Antônio Hudson Santana Vasconcelos, de 1992 a 1996. A localização era respectivamente nas regiões dos Alagados, Pituba e Bairro Santo Antônio, sendo que essas doações incluíam também moradores da cidade circunvizinha - Ubaitaba, Arelino Leal, Ubatã, Uruçuca, Maraú.

Nesta tão sonhada casa própria, os nativos não pagam a construção da laje, o trabalho é compartilhado entre os conhecidos e amigos; os homens se juntam para colaborar na casa do outro. Por volta das 4h, vê-se uma rua interditada ou a masseira⁶ feita ao lado da construção, é feita uma feijoada e servida bebida para depois do trabalho.

Essas residências não são enfileiradas em quadras uniformes. Cada morador determina o início de seus pátios, portas e muros em relação à rua. E a maior parte das casas tem as janelas abertas para dentro da casa, os seus quartos em sua maioria sem janelas, com pouca ventilação, uma casa colada na outra, sem claridade, e casas por reboco a fazer, pequenos cômodos, famílias inteiras vivem neste espaço. Ouve-se com muita frequência as brigas sobre as invasões de terrenos entre vizinhos, este é um tipo de assunto que já virou rotina em Itacaré. Essas construções têm a aparência muito diferente dos casarões construídos no auge do cacau.

⁶Masseira: nome que se dá à massa de cimento utilizada na construção civil.

As residências são transformadas em comércio; basta olhar para a lateral delas que se percebe a existência de alguns quartos, provavelmente para locação. Ou muitas vezes na frente da casa abre-se uma loja de roupa, de 1,99, bares, sacolão de frutas, etc. As casas residenciais deram espaços para o comércio. A invasão se deu, principalmente, na Rua Joaquim Vieira, no centro, às atividades dos lojistas, de lojas de 1,99, CDs e DVDs piratas, loja de eletrodoméstico e de construção. Os pontos de mototáxi transbordam para as ruas, os pedestres caminham de modo sinuoso e até mesmo na rua, ao som do microfone com suas caixas à procura dos consumidores. O centro deixou de ser um lugar de moradia, poucos resistem ao comércio.

Todo investimento para um desenvolvimento, crescimento ao poder separado, a exemplo de: a especialidade das funções de trabalho para a aceleração; o aumento na competitividade; rivalidade em prol da produtividade; o isolamento; o automatismo corporal, tendo como foco a ampliação do mercado capitalista. Grande parte da comunidade e o censo crítico é capturado.

Os que chegam pela rodoviária, os mochileiros, os novos turistas com seu kit à procura de aventuras se deparam no primeiro momento com o assédio dos carregadores de malas, com sotaques diferentes, que nós não sabemos ao certo o que estão falando. Cortam a rua Joaquim Vieira num ritmo acelerado, sem perceber ali a sua transformação. Um movimento e tanto de compra e venda. As músicas de Arrocha⁷ ou pregação religiosa predominam, ditam o ritmos das lojas e o caminhar das calçadas. Porém, o que se vê é, praticamente, nenhum turista, são mais os nativos e os ditos forasteiros (moradores vindos das cidades circunvizinhas) que frequentam este comércio, seguem direto para a rua Pituba ou para a Praia da Concha. Para este público e para os que chegam pela rodoviária, esta rua funciona como passagem.

Os números das casas são de forma aleatória, a empresa Embasa tem a sua própria numeração; a Coelba tem a sua; e a Prefeitura também. Muitos moradores de Itacaré já tiveram problemas com documentação por conta desta variedade de números identificando as suas residências. O que prevalece são os nomes das famílias nativas, ou um estabelecimento antigo, já conhecido por todos. Muito diferente do que acontece em outros lugares.

Como disse DaMatta:

[...] as cidades dos Estados Unidos se orientam muito mais em termos de pontos cardeais - norte/sul; leste/oeste - e de um sistema numeral para ruas e avenidas do

⁷Arrocha: um estilo de música proveniente da seresta, influenciado pela música brega e o estilo romântico, com modificações que o tornaram, segundo seus adeptos, mais sensual. Estilo musical originário da Bahia, nasceu na cidade de Candeias. Não é necessário ser tocado por uma banda completa, normalmente são usados um teclado arranjador, um saxofone e uma guitarra.

que por qualquer acidente geográfico, ou, ainda, alguma característica social e/ou política. (DAMATTA, 1997, pg. 29)

Podemos ver estruturas rígidas de urbanização com padrões de linearidade e de ordem na função de facilitar e melhor orientar os seus habitantes, sem utilizar nenhuma relação com as pessoas ou estabelecimentos que ali estão.

Espaços antes que serviam como ponto de encontro não há mais na cidade, a exemplo disso a Praça São Miguel – ora está interditada, ora está em obras, e com isso já se vão seis anos. Na gestão do governo Jarbas (2000 a 2008), veio para a cidade um projeto do Governo de Estado para a revitalização da praça e da orla. Porém, o ex-prefeito Jarbas não aceitou este projeto. E com verba do município, sem nenhuma consulta pública, colocou abaixo toda a praça municipal, no calar da noite, tendo em suas mãos um projeto arquitetônico para esta praça.



FIGURA 1- Praça São Miguel/Projeto cuja obra foi embargada - Nível Inferior
Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbana da Prefeitura Municipal de Itacaré

Durante este período houve um movimento organizado pelo grupo da terceira idade, junto ao Ministério Público que embargou a obra. A praça, alvo de tantos comentários, choros, belas e tristes lembranças, na gestão do atual prefeito Antonio de Anísio, teve a sua obra iniciada com o novo projeto que não foi 100% concluída, este novo projeto tem a aprovação do IPAC.

Essa praça era o ponto de encontro de muitas pessoas, mesmo em sua construção inicial tendo um modelo importado, sem nenhuma relação com a história da cidade fala de um morador do Porto de Trás, Valmilson dos Santos:

[...] tinha um coreto, mas nunca houve neste espaço discursos políticos ou decisões referentes à cidade construídos juntos com a população, e decisões de guerra, etc. O famoso pirulito, tão falado, não tinha utilidade nenhuma, era um monumento deixado pelos jesuítas para marcar e indicar aos navegantes o seu domínio territorial [...]⁸

O que está na memória corporal da população do bairro do Porto de Trás em relação a esta praça é a segregação espacial na época dos veranistas, entre as décadas de 60 a 80. Pois os moradores deste bairro não se sentiam à vontade em circular pela praça, não se sentiam pertencente a ela, à cidade. Ficavam afastados na balaustrada da Igreja, que dava acesso para ver de cima e de longe todo o movimento da Praça São Miguel.

Infelizmente, em Itacaré, empreendimentos comerciais que não estejam diretamente ligados à atividades turísticas têm poucas chances de se manter. Exemplo disso foi o fechamento da única livraria, a Urso de Óculos, pela pouca procura. No período em que se manteve na ativa, a livraria, coordenada por Sara Rebeca, promoveu projetos culturais, dirigidos por Juliana Machado, que tinham como foco a socialização de informações entre os frequentadores. Tudo acontecia pela troca livros e discussões do conteúdo das obras, além de dividir outros assuntos a respeito da rotina da cidade, gerando um tipo de curiosidade e diálogo entre as pessoas. Penosamente, os projetos não tiveram continuidade. Um dos motivos foi a falta de tempo, o “corre-corre” dos seus frequentadores.

As notícias em Itacaré são propagadas, principalmente, por via oral. É o famoso boca a boca. As conversas acontecem nas ruas, as informações transitam. As novidades circulam na banca do peixe, nas filas dos correios e banco, na galeria, na farmácia do Zé, ou mesmo no baba⁹. Na cidade, a fala tem mais confiabilidade do que o texto. Mesmo assim, o jornal impresso conseguiu conquistar seu espaço, há cerca de vinte anos, mas a primeira banca de jornais instalou-se há apenas três anos. A distribuição dos diários é coordenada pelo senhor Pedro, que declara haver poucas vendas com relação à quantidade de habitantes locais - vinte e cinco

⁸Caderno de campo 23/9/2011.

⁹Baba - jogo de futebol que acontece na beira da praia.

mil pessoas. Por dia, são vendidos apenas dez jornais, sendo que a quantidade aumenta para quarenta exemplares apenas aos domingos.

O que é comum na cidade são as articulações comandadas pelas associações socioambientais e culturais que formam seus pontos de encontro para troca de notícias, articulações para o benefício da cidade, agenciamentos com as ONGs (Organizações Não Governamentais), algumas delas internacionais, na formulação e ação de projetos sociais, que atendam a população carente. Os dados do Registro Civil de Pessoas Jurídicas do Município de Itacaré nos mostram uma ascensão nas entidades associativas. Foram “registrados 14 entidades associativas até o final da década de 1980; 52 na década de 1990 e do ano 2000 em diante 73 entidades, até a última checagem realizada em março de 2006” (COUTO, p.91), uma característica muito peculiar nesta cidade. São grupos separados que não se encontram, criam seus próprios modos de organização e reivindicações.

O município de Itacaré foi incluído em uma Área de Proteção Ambiental (APA) criada por decreto do governo do Estado da Bahia. Porém, vê-se claramente uma discrepância dos moradores desta cidade em relação ao entendimento de ecologia e sobre o lixo reciclado. Lixeiras fixas com os seus rótulos diferenciando o material de lixo foram distribuídas pela cidade em 2009 e, em pouco tempo, vimos este material espalhado de forma aleatória, vimos as caixas de várias cores (verde, azul, amarelo, vermelho) espalhadas pela cidade sem a sua real função.



FIGURA 2 - Lixeiras espalhadas na cidade
Foto: Verusya Correia

Agora, as lixeiras são fixas na tentativa de mostrar o tanto que a população acompanhou a grande revolução ecológica, o lixo reciclado e toda a divulgação que a cidade promove em torno deste assunto. Mas a população nos mostra um outro uso para isto.

O comércio de drogas, tanto ilegais quanto legais, tem ganhado força na cidade. Pontos de vendas de entorpecentes se espalham pela cidade e é gritante o descaso da polícia com os casos. Mas, vale lembrar, que não só de drogas “ilegais” sobrevive esse comércio, há também as ditas “legais”, comercializadas clandestinamente. Os “sintéticos” e “tarjas pretas” já invadiram o cenário, contando com uma clientela diferenciada - jovem e elitizada, em razão do alto preço.

No encalço do crescimento do tráfico de drogas é notável o grande aumento dos casos de crimes violentos. Muitos são motivados pelo comércio e uso dos entorpecentes. Tiroteios antes vistos apenas nas capitais, agora fazem parte da rotina da pequena cidade. Brigas entre gangues rivais, na luta por pontos de drogas, alargam sua esfera de ação. Já se pode ver e ouvir tiros em plena luz do dia, numa simples ida ao supermercado, em pleno centro da cidade. O domingo na orla já não é mais seguro. Assassinatos ali ocorrem e o assassino foge de canoa. Outros crimes, como estupros nas trilhas, violência doméstica contra mulheres e menores, além de pequenos assaltos não são devidamente investigados. Poucas pessoas se arriscam hoje na cidade a participar de uma festa de largo¹⁰, principalmente se elas acontecerem nos bairros da Passagem ou Bairro Novo.

Caminhando pelas ruas de Itacaré, percebe-se os diferentes nichos que se formaram nesta cidade turística. Pode-se ver claramente logo na entrada da cidade, descendo a ladeira grande, uma vista belíssima, o mar à frente banhando a cidade e logo à direita o Bairro Novo com sua característica de som alto, com suas casa sem reboco, na sua própria estrutura geográfica, as sua descidas e subidas com o alto índice de criminalidade. Poucos que não conhecem o bairro não se encorajam em percorrer suas ruas, o que se vê é uma mudança abrupta nestes dez anos. A cidade começa a ter histórias semelhantes às de uma cidade grande.

A cidade de Itacaré antes da construção da estrada finalizada em 1998, tinha os seguintes bairros: o Centro, Porto de Trás, Marimbondo e o Angelim. O Centro, onde ficam localizadas a Igreja e a Praça São Miguel, estende-se pela Praia da Coroa.

¹⁰ Festa de largo - festas populares e de bairro, muito comum na Bahia, que acontecem nas ruas da cidades. E que antecedem o carnaval.



FIGURA 3- O município de Itacaré antes da estrada BA 001

Fonte: Acervo de imagens da Secretária de Cultura, Esporte e Lazer do Município de Itacaré

Neste reduto, estabeleceu-se o centro administrativo, comércio da cidade e os grandes casarões foram construídos nesta área pelos comerciantes e os proprietários da cultura do cacau. Com a decadência do cacau, esta área sofreu uma transformação. Toda a conservação e modificações que a cidade estava acostumada a ver com a potência do cacau, agora se via com o declínio econômico. Porém, com a chegada do turismo, os casarões e todo o Centro foram de interesse para o desenvolvimento das atividades turísticas, que na década de 1990 começaram a despontar sendo, ao longo dos últimos anos, pela revitalização da área. Situados às margens do Rio de Contas, na beira do mangue, os bairros do Porto de Trás e do Marimbondo permaneceram incrustados e quase invisíveis atrás do morro do cemitério. Os moradores se viam discriminados e aceitaram este estigma, muitas vezes assistiam às mudanças dessa nova organização da cidade na balaustrada da Igreja, que dava vista de cima e de longe de todo o movimento da Praça São Miguel. Vê-se na constituição do bairro do Porto de Trás uma característica bastante peculiar. Sua formação se deu através do agrupamento das famílias Rocha, Cruz e Gomes, pelo que conta os moradores, que com a decadência do cacau os pequenos agricultores que moravam na beira do rio seguiram para esta região, além de a organização ser a resultante do antigo quilombo do Oitizeiro estabelecido rio acima.

Quando se anda pelo bairro, observa-se uma característica familiar com as relações que se formam, nas conversas dos adultos, nas brincadeiras das crianças e adolescentes. Até pouco tempo, os estranhos que percorriam a rua eram questionados “ - o que tinha perdido ali!”.

Relatos dos moradores do Porto de Trás¹¹ nos contam que há 20 anos o delegado da cidade, em festa produzida neste bairro, entregava a sua arma a um dos moradores. Todo o controle era entregue ao próprio bairro. Um bairro residencial, a rua principal, estreita, desemboca no Rio das Contas, o sentido de rua é a extensão das casas, todo o lazer das crianças e alguns trabalhos dos adultos são compartilhados por todos que estão presentes. Por esses motivos citados, o acesso de carro é restrito, cerca de 400 pessoas vivem na área do Porto de Trás.



FIGURA 4-Rua principal do bairro do Porto de Trás
Foto: Verusya Correia

As famílias que viveram, em sua maioria, da atividade pesqueira, do marisco e que anteriormente também trabalharam na estiva do Porto, ainda são conhecidas pela forma reservada como mantiveram a privacidade dos moradores estabelecidos na longa e estreita rua e atualmente conta com um segundo quarteirão (Rua da Jamaica) e terceiro quarteirão (Baixa da Gia) de casas construídas num sentido paralelo. Hoje, muitos vivem do turismo (cozinha, camareira, condutor, artesanato, canoieiro) e em outras áreas: pintor, pedreiro, eletricitista, babá. Dando continuidade à ocupação predominante nas margens do rio, na área interior ao Porto, situa-se o Marimbondo. Segundo os moradores, essa área teve por origem um aglomerado de casas de taipa, construídas pelos ribeirinhos de mesma proveniência, que desceram o rio para comercializar os produtos de suas roças e trabalhar nas docas do porto de escoamento do cacau.

¹¹Caderno de campo 22/7/2011.

mistura de seus habitantes - comerciantes, surfistas e alternativos, com o seu comércio e restaurantes; Conchas do Mar I e II, que em toda sua extensão litorânea concentra as principais pousadas de bom padrão de Itacaré; São Miguel ou Alagados, um pequeno trecho de habitações precárias entre a Pituba e os loteamentos da Concha; Alto da Ribeirinha, que vem se constituindo como um bairro de moradia para padrões médio e alto em oposição ao seu vizinho; e Bairro Novo, também conhecido como Santo Antônio e reconhecido localmente como uma área de expansão desordenada da cidade, que acolheu as populações rurais e circunvizinhas atraídas pelas novas oportunidades de trabalho.

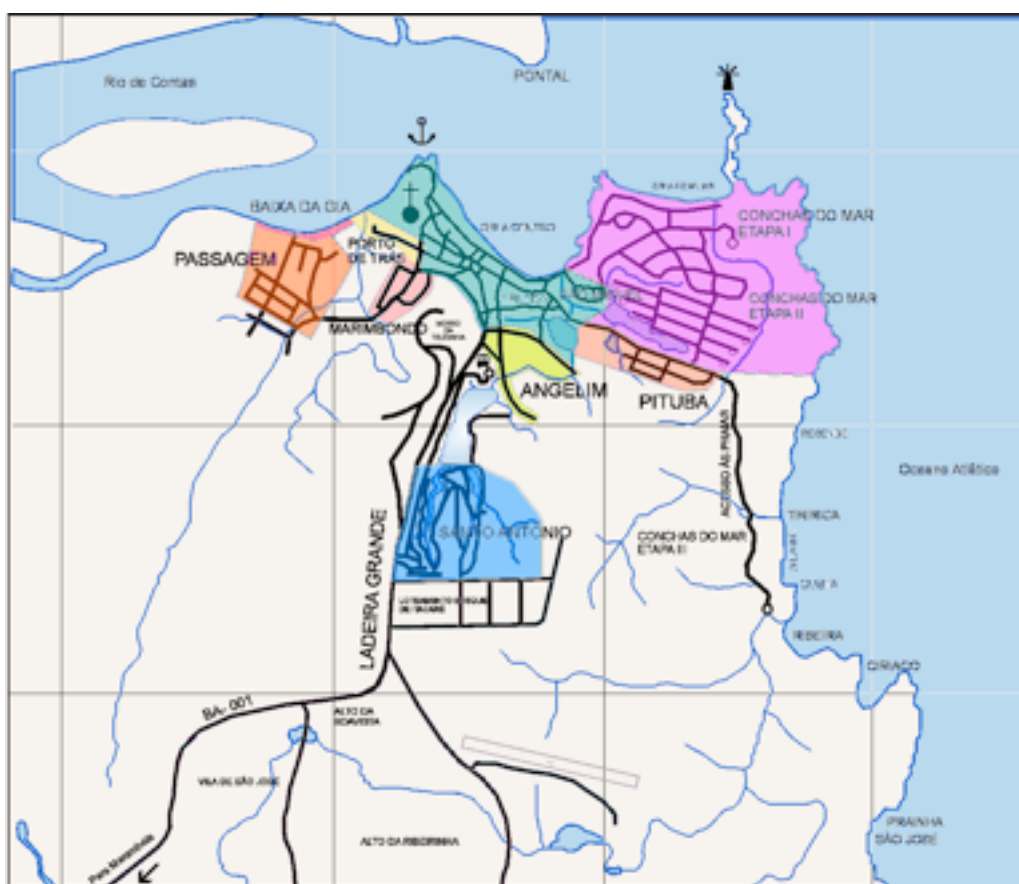


FIGURA 6 - Itacaré depois da BA 001/Baseado em mapa da da CONDER - Plano Diretor do Município de Itacaré /junho 2006
Fonte: COUTO, 2007, pg. 220

Momentos marcantes percorrem o processo da construção do município de Itacaré. A cidade se divide em duas fases: antes e depois da construção da estrada BA 001 (1996-1998). De acordo com os habitantes do município de Itacaré, a cidade teve sua origem no século XVIII,

com a aldeia indígena Guerém catequizada pelos jesuítas que introduziram o plantio de cana-de-açúcar na região.

Os jesuítas construíram uma capela em homenagem a São Miguel e nomearam a nova povoação de São Miguel da Barra do Rio de Contas no ano de 1718. O Rio de Contas com toda a sua potência de navegação, a partir do século XVIII, serviu de eixo de ligação entre o interior da Chapada Diamantina e o litoral baiano, no qual São Miguel da Barra do Rio de Contas servia como apoio náutico devido à sua potência na rede hidrográfica. Assim, a pequena vila, por causa de sua localização, constituiu-se num ponto estratégico para embarque e desembarque de produtos da época e também para o tráfico de escravos que serviam às fazendas locais.

O primeiro investimento agrícola feito pelos jesuítas, a cana-de-açúcar, não se adaptou ao tipo de solo da região. Foi somente em meados do século XIX que a região do litoral sul do Estado saiu de sua condição de fornecedora de produtos de subsistência para ganhar relevância econômica e se tornar a principal região produtora de cacau do Estado (FALCON, 1995)¹².

O porto de Barra do Rio de Contas, a partir deste período, ganhou uma outra função. Fortalecia, assim, o domínio do transporte náutico entre a região e a capital São Salvador, sendo até então um único vínculo de comunicação para a população do entorno com a capital e também começou a escoar toda a produção cacauzeira do sul do Estado da Bahia. Com a nova organização da vila, habitada essencialmente por pescadores e ribeirinhos, muitos deles de origem indígena ou filhos e netos de escravos, oriundos, tanto dos quilombos e mocambos regionais (SPIX e MARTIUS, 1981) quanto das fazendas locais – ela começou a apropriar-se de novos interesses e valores de segmentos sociais mais abastados. A intensidade da vida ganhou potência de compra no mercado baiano, decorrente da riqueza obtida com o cacau. Durante o terceiro ciclo do cacau (1895/1930), luxuosas casas de veraneio foram construídas pelos fazendeiros do interior e comerciantes, que passaram a residir na área do porto. Assim, em torno da igreja de São Miguel, no alto de uma pequena colina junto ao mar, desenvolveu-se o centro da vila. A região portuária ganhou construções portentosas que gravavam a riqueza de seus proprietários.

No final da década de 20, o porto de Barra do Rio de Contas perde parte de sua importância estratégica para o escoamento da produção cacauzeira. Por questões políticas, dois fatores

¹²in COUTO, Patricia. Porto de Trás: etnicidade, turismo e patrimonialização. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 9(3). Special Issue. pág.21. 2011

foram essencialmente importantes para a decadência: a construção do porto de Ilhéus entre os anos de 1920 e 1926 e a extensão ferroviária que conectou os povoados desta área ao novo porto, mais central para a região sul. Em 1931, o município e sua sede passam a se chamar Itacaré. Com as modificações no setor econômico e a perda da relevância portuária regional, o porto continuou a escoar a produção municipal e a embarcar os passageiros que viajam para Salvador até o final da década de 1960, quando foi desativado devido ao assoreamento crescente do Rio de Contas.

Com o fechamento do porto de Itacaré, os habitantes que antes tinham toda a facilidade náutica à disposição, veem-se com pouca mobilidade de circulação tanto para o comércio como para os investimentos pessoais, devido aos frágeis caminhos terrestres, além da crise econômica do cacau nos anos 80, a famosa crise “vassoura de bruxa”, que varreu as plantações de cacau do sul da Bahia e com a queda do produto no mercado internacional. Este município entrou numa decadência por não dispor de outros produtos que aquecessem o mercado interno, usando o antigo sistema da monocultura.

A crise do cacau tanto afetou o município de Itacaré como todo o sul da Bahia. Com a ausência de frutos saudáveis e a queda do valor de mercado do cacau, houve uma grande escassez financeira abrangendo todo o município.

Para reorganizar a economia do Estado da Bahia, foi criado no ano de 1991 o PRODETUR/BAHIA - Plano de Desenvolvimento do Turismo da Bahia – com a finalidade de estruturar e implementar a indústria turística estadual no âmbito nacional e assim atingir o mercado internacional do turismo.

Foi elaborada uma série de metas e criada uma geografia turística do Estado, dividindo-o em seis áreas: Costa dos Coqueiros, Costa do Dendê, Costa do Descobrimento, Costa das Baleias, Costa do Cacau e Chapada Diamantina. Como resultante deste planejamento governamental, situada na então Costa do Cacau, foi detectado que o município de Itacaré era um dos últimos redutos da mata atlântica, e para a expansão e implantação das novas ações turísticas, foi construída a Estrada Parque Ilhéus-Itacaré, entre os anos de 1996 e 1998.

Foi montado um plano de ação de investimento turístico de acordo com apreensões de características naturais, culturais e históricas das seis áreas da Bahia. Cada território turístico foi classificado por possíveis potencialidades de empreendimento, com o interesse de viabilizar economicamente o projeto governamental perante as agências de fomento internacional a exemplo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) que teve



FIGURA 7 - O PRODETUR/ BAHIA - Plano de Desenvolvimento do Turismo da Bahia, 1991.
 Fonte: <http://www.bahia-turismo.com>

intensa participação na concretização do projeto turístico estatal (PRODETUR/ BAHIA) e posteriormente na efetivação do PRODETUR NE I (COUTO, 2007).

O que foi definido para o município de Itacaré foi a forte riqueza natural de seus rios, cachoeiras, praias e mata atlântica. Todo o plano de investimento turístico foi direcionado para os recursos naturais e culturais da região. Com isto, criou-se a Área de Proteção Ambiental na mata atlântica do município. Em nenhum momento houve um movimento participativo da população local para esta nova organização que se implementava na cidade. O que alguns moradores contam é que depois da implementação o custo das áreas imobiliárias triplicaram os valores. O discurso dos gestores e órgãos de turismo eram de que este tipo de

turismo era diferenciado, pois tinha como objetivo a inclusão dos nativos para essa nova fonte de renda.

Após o plano turístico, o município conseguiu um acesso terrestre que facilitou as idas e vindas tanto dos moradores como os interessados, curiosos em conhecer as belezas naturais e culturais que este município tem a oferecer. Se antes da estrada Itacaré só quem tinha acesso eram veranistas baianos, viajantes alternativos e surfistas em busca de paraísos naturais e ondas perfeitas que enfrentavam as difíceis condições de acesso terrestre para usufruir das belas paisagens do município, a partir de então essa localidade tornou-se acessível nacional e internacionalmente.

A facilidade possibilitou o aumento da presença de fluxos populacionais sazonais, conseqüentemente todo o processo de migração em direção à região foi alavancada, pois com a crise regional devido à queda do cacau fez com que a população circunvizinha visse este município como o de novas oportunidades econômicas. E para tanto, os pequenos empresários e grandes especuladores imobiliários internacionais e nacionais, vindos das diferentes regiões do Brasil, também tiveram essa mesma visão. Tais modificações decorrentes do processo de absorção do fenômeno turístico têm provocado uma nova configuração social, econômica, territorial e simbólica das áreas urbanas do município (COUTO, 2007).

Com o isolamento a partir do fechamento do porto de Itacaré, a cidade com o investimento do turismo reaqueceu a sua economia. Um novo quadro socioeconômico se estabelece na cidade. Os confrontos nas relações de poder emergem nos pares de oposição; superioridade e inferioridade, moral e social; autopercepção e reconhecimento; exclusão e pertencimento; passaram a interferir de forma objetiva as condições existenciais de seus habitantes, que lutam para encontrar uma posição na nova hierarquia socioeconômica local, posto que o fluxo populacional que afluiu para o município reconfigurou valores, hábitos, costumes e redesenhou as territorialidades urbanas do lugar.

Como podemos observar trata-se de uma configuração urbana bem mais complexa se comparada ao período anterior à construção da estrada, quando o município se encontrava em relativo isolamento.

2.2 O BAIRRO

O processo de turistificação urbana em uma cidade tende à borrar os traços culturais das localidades onde este fenômeno aporta, a permanência das singularidades; e a organização do bairro do Porto de Trás fez com que essa área se tornasse um símbolo de resistência cultural dos novos tempos citadinos. O que nós podemos ver é uma tentativa dos órgãos do turismo de rotular o bairro do Porto de Trás a ser reconhecido no imaginário urbano como o guardião da “verdadeira cultura nativa” da cidade de Itacaré.

Porém, o que vimos é uma manobra para o esquecimento de todo o processo de rejeição e falta da assistência do poder público no bairro do Porto de Trás. Pois no passado, durante o auge da cultura do cacau, este núcleo de ocupação tinha suas representações como lugares, remetidos ao espaço de moradia dos negros, ex-escravos, servidores dos senhores do cacau. A geografia deste confinamento se revela na própria posição que ocuparam dentro do espaço urbano. Enquanto os brancos ricos ou remediados do lugar se fixaram na região do centro, próximo a Igreja e construíram seus casarões na colina ou beira-mar, os pretos e pobres elevaram suas casas de taipa numa área sucessiva beira-rio, num espaço de sombra, invisível à vigilância e abastança dos primeiros.

Esta segregação racial, social e econômica, explicitada na própria configuração do espaço urbano em suas áreas de confinamento e interação social, foi condição para a constituição da corporalidade dos moradores do Porto de Trás, caracterizando suas corpografias urbanas, conforme explicam as autoras Fabiana D. Britto e Paola B. Jacques (2008). Portanto, não se trata da preservação de práticas culturais por uma situação de isolamento, mas sim de uma memória coletiva e coimplicada na construção de referenciais a partir do meio urbano e amparados nas relações de pertencimento, exclusão, segregação e interação entre os moradores do bairro e os demais habitantes da cidade.

A configuração e a argumentação que se articula em torno do Porto de Trás tem como características um espaço comum a famílias negras que se uniram por alianças matrimoniais até constituírem uma coletividade.

A própria geografia do bairro do Porto de Trás contribuiu para a organização desta população. Nesta área de ocupação, os diálogos e as ações culturais se fortaleceram. E o que ocorreu foi uma continuidade da apropriação dos fazeres locais, tais como: o samba de roda, a dança da

volta da jibóia¹³, O Bicho Caçador, a capoeira e as festas de São João, todas essas ações são voltada para a população do bairro.

Isso se explica pelo fato de que entre as décadas de 1960 e 1990, o assoreamento do Rio de Contas e as dificuldades de acesso terrestre mantiveram a cidade de Itacaré num relativo isolamento. Conseqüentemente, a população do Porto de Trás, na beira do mangue, permaneceu vinculada à atividade pesqueira, mantendo-se contida pelos limites da divisão social do trabalho e dos estigmas decorrentes. A construção da estrada permitiu não somente a chegada de novos moradores e oportunidades de trabalho, mas facilitou a circulação dos antigos moradores que até então sofriam com a dificuldade de deslocamento. Assim, a população do Porto de Trás teve uma oportunidade diferenciada ao entrar em contato com outras realidades e localidades, vindas também pelo turismo.

Ainda na década de 1990, muitos moradores jovens do bairro, que trabalhavam como condutores¹⁴ na área do turismo, tiveram acesso a outras realidades e ao aumento da comunicação, que permitiu à eles uma expansão da consciência cultural e política. O acesso às questões emergentes no movimento negro e o cultivo da autoestima através de interações com o movimento social redimensionaram a consciência política desses jovens e moradores do Porto de Trás. O que houve foi a atualização das práticas culturais de seus pais e avós, e passaram a investir na manutenção da coesão grupal.

No caso específico do Porto de Trás, a cultura foi compartilhada e cultivada pelo grupo que, mesmo passando por uma longa trajetória de estigma e segregação racial, não abriu mão dos valores, das práticas e do modo de organização cultural. Em razão disso, foram fundadas a Associação dos Moradores do Porto de Trás e a Associação Cultural Tribo do Porto, ainda em fins da década de 1990.

Embora o poder público local, vinculado às velhas oligarquias da economia cacauceira, tenha historicamente ignorado as necessidades e direitos dos habitantes desta área, a articulação dos moradores do Porto em torno de suas práticas do dia a dia, através de contatos com estrangeiros e turistas que visitam a localidade de Itacaré, como também moradores da cidade

¹³ Dança da volta da Jibóia: chega em Itacaré nos meados dos anos 50, uma dança popular, hoje liderada por Dona Mãezinha, filha da Dona Perceлина do bairro Marimbondo. Uma dança que tem uma jibóia de pano, com uns sete metros de comprimento. As mulheres, dançarinas carregam esta jibóia, fazendo movimentos circulares e esperais, os homens as acompanham tocando os instrumentos.

¹⁴Condutores são os que acompanham os turistas, não são denominados como guia porque não sabem uma língua estrangeira.

que são atraídos pela singularidade deste bairro, tem despertado o interesse de algumas ONGs internacionais, o que vem possibilitando, com muita resistência, alguns benefícios para os moradores do Porto de Trás. Porém, ainda sem utilizar estes investimentos em produto turístico de Itacaré.

Como exemplo, a CARE Brasil, nos anos 90, encarregou-se da construção dos banheiros nas moradias do bairro, que até recentemente só contava com um único banheiro público. Em 2006, foi escrito pelas crianças locais um livro sobre “Biatatá”, que é uma lenda do Porto de Trás; ele foi publicado pela editora espanhola Libré Obert, de Barcelona. Há cerca de três anos, uma empresa turística, SVEA internacional, financiou a construção de um centro cultural no interior do bairro, solidificando um espaço anteriormente criado pela Associação Cultural Tribo do Porto, um grupo formado por capoeiristas da área. Mais recentemente, liderado pela Associação de Moradores, pleitearam junto com a Fundação Palmares o reconhecimento do Porto de Trás como quilombo urbano, com o intuito de garantir a manutenção do território para as famílias tradicionais locais participarem das políticas de reparação propostas pelo Estado e gerar capacitação profissional para a população jovem do Porto. Contudo, viram que este trâmite burocrático exige de todos os moradores do bairro que conquistaram o seu espaço e que construíram as suas casas a perda da propriedade em contrapartida aos benefícios de reparação. Mediante a essas exigências, eles não deram continuidade à titulação do bairro do Porto de Trás como quilombo urbano.

A prefeitura e as empresas turísticas locais, ainda que de modo superficial, vêm buscando uma aproximação com os moradores, seja citando-os como patrimônio da cultura local ou negociando sua inclusão nos calendários festivos. Podemos ver claramente empresas privadas, como Petrobrás, apoiando a festa de São João em vários bairros de Itacaré, inclusive no bairro do Porto de Trás.

No final dos anos 90, vê-se um número surpreende dessas empresas na organização das festas populares, como também coletivos de arte que atuam em favelas e periferias em busca de inserção social por meio de atividades de produção e consumo cultural¹⁵.

¹⁵ Podemos ver o crescimento e modificações nas políticas das empresas públicas e privadas por meio de parcerias e editais. Dados do Ministério da Cultura nos mostram uma ascensão no investimento do Fundo Nacional de Cultura que salta de 16 milhões reais em 1996 para 138 milhões de reais em 2006. Ver www.cultura.gov.br/apoio_a_projetos. Por meio da lei Rouanet, as grandes corporações comandam as diretrizes da relação entre a arte, a política e o mercado.



FIGURA 8 - São João no bairro do Porto de Trás
Foto: Verusya Correia

Muitas vezes, as primeiras impressões sobre lugares tranquilos e povos felizes são enganosas. De qualquer forma, apesar de falsas, eles nos instruem. Um exemplo disso é a necessidade de tornar o bairro do Porto de Trás como um bairro cultural, sem observar como essa organização de bairro se constituiu.

Mesmo com a segregação sofrida anos a fio, este bairro mantém uma força, uma resistência, um modo peculiar de convívio¹⁶. Ele foi capaz de construir novas formas de vida, pensamentos comunitário e coletivo que extrapolavam a política do isolamento e conquistaram algum nível de autodeterminação com a proteção do grupo e com o uso dos eventos religiosos. No caso da manifestação do Bicho Caçador, acontece num evento religioso - no Dia de Reis¹⁷. Porém, o que se vê é outra manifestação, é um encontro popular, um embate no meio da rua. Este encontro rompe o espaço que lhe foi reservado e percorre as ruas do centro de Itacaré, imprimindo o ritmo próprio, peculiar do bairro do Porto de Trás. A segregação contribuiu para aumentar a estranheza do cotidiano que foi construído neste bairro com os demais bairros da cidade de Itacaré, fazendo com que este modo de vida diferente fosse cada vez mais enigmático para os poderes dominantes da cidade. E agora identificado

¹⁶ Ver mais detalhes no anexo desta dissertação pg. 80-99

¹⁷ Dia de Reis é uma festa católica: “as danças, procissões e cortejos que representam a viagem feita pelos três Reis Magos do Oriente em busca do Menino Jesus, guiados pela estrela-guia”. Segundo ele, a Folia de Reis é uma tradição que chegou ao Brasil pelos colonizadores portugueses, que já a realizavam na Península Ibérica, onde era comum dar e receber presentes, entoando cantos e dançando ou apenas pedindo esmolas e alimentos. O Dia de Reis marca oficialmente o fim do ciclo natalino, terminando com a queima das lapinhas, a retirada dos presépios e a apresentação de autos tradicionais, como bois natalinos, as marujadas e as pastorinhas, dentre outros.” Autor: Gustavo Pereira Corte. Título: Dança, Brasil!: festas de danças populares. Indicação bibliográfica: Belo Horizonte, Ed. Leitura, 2000.

pelas empresas turística como bom atrativo turístico com a tentativa de transformar o bairro do Porto de Trás como o bairro cultural.

Por mais de dez décadas, o bairro do Porto de Trás ocupou e ocupa este espaço, criando medidas defensivas e juntando comunhão entre familiares. São essas características que compõe este bairro - uma resistência ao diferente, o medo do contato com os corpos de outros bairros; mantêm um grupo que se organiza, conversa, briga e que ainda não perdeu a noção de destino compartilhado.

2.3 A RUA

Pituba é uma rua cercada de lugares para comer e fazer compras. Os comerciantes não param de demolir habitações pobres e lojas humildes para erguerem pontos comerciais destinados à classe média ou aos ricos. A propriedade privada e hereditária do solo possibilitou que essas mudanças fossem feitas com rapidez e pouca interferência pública.

Jovens ricos e recém-chegados investiram em habitações caras na cidade do surf. Artistas, pequenos comerciantes e profissionais liberais atraídos pela vida tranquila também residem na cidade, envelhecem nela, mas sem abrir mão da boemia e continuam interessados nesse cenário de tantas nuances. Contudo, a realidade não é tão harmoniosa como parece à primeira vista.

Os turistas limitam-se a apreciar apenas as belas paisagens das praias, a percorrer a rua da Pituba. Os sulistas e os nativos vivem respectivamente em seus guetos. A turistificação empurrou a pobreza, concentrando-a em lugares mais distantes.

Fortalecendo essa estratificação, os responsáveis pelos empreendimentos turísticos procuraram distanciar seus investimentos das áreas mais pobres da cidade. Muitos desses empreendimentos podem ser encontrados fora do perímetro urbano (Eco Resort, Villa de São José, Txai, Restaurante Itacarezinho); muitos clientes nem chegam a visitar a cidade, ficam nas praias desertas. Pequenos comerciantes, como vendedor de pamonha, milho, tapioca e coco, que transitam nesses espaços, são assediados pelos donos dos grandes empreendimentos, que oferecem valores de baixo custo para pararem de vender suas mercadorias próximo aos seus estabelecimentos. Pequenos proprietários de terra também são assediados para vender os seus poucos hectares por uma troca em um automóvel e/ou um

custo bem abaixo do valor de mercado. E quando isso ocorre o terreno é loteado e o valor de um lote é maior do que toda a compra que foi feita.

Corpos individuais que transitam pela cidade tornam-se, gradualmente, desligados dos lugares em que se movem e das pessoas com quem convivem nesses espaços, desvalorizando-os através da locomoção e perdendo a noção do destino compartilhado. (SENNETT, 2003, pg. 264)

Este corpo individual pode recuperar a sensibilidade e a autopercepção ao se sentir deslocado ou em dificuldade?

Ao contrário das propagandas, imagens pintadas pelo mundo afora, é um belo quadro de diferentes grupos: estrangeiros, sulistas e baianos, convivendo em harmonia naquilo que parece a bela imagem do Haváí brasileiro. Tão divulgado por Durval Lélis, cantor e compositor da AxéMusic que tem sua bela fazenda à beira do mar afastada da cidade. O lugar que encontrei é muito diferente. No Bairro da Concha só tem pousadas de alto nível. Suas ruas não são calçadas, dificultando o acesso da população local. O não calçamento é uma exigência dos donos das pousadas, a ação privada com maior força que o poder público, pois só as pessoas que têm carro e com um bom carro para ter acesso a este bairro.

O progresso do turismo trouxe a ilusão da mistura, porém suas fronteiras espaciais/temporais mantêm-se bastante claras. Durante o dia, a população local vai ao comércio do centro e os turistas saem a passeio, visitando praias e cachoeiras e se aventurando em trilhas pela mata atlântica. No fim da tarde, o comércio da Pituba mantêm-se aberto aos turistas, para que eles façam compras e provem as delícias da culinária local.

O sorvete de capim-limão, o carpaccio de peixe, o peixe provençal e o camarão da ilha são iguarias muito procuradas. Para atender aos paladares mais urbanos, há também o Café Expresso, o Restaurante Subway, além de estabelecimentos fast-foods.

Como não poderia deixar de ser, no encalço do progresso, as franquias das grandes grifes também aportaram na cidade. Lá, estão O Boticário, Hering e Cantão. Muitos turistas se assustam ao avistarem estes estabelecimentos, pois buscam em Itacaré o bucolismo dos vilarejos praianos.

Nesta zona turística, pode-se comprar com cartão de crédito internacional, mas caso o visitante for ao comércio do centro e na Rua Joaquim Vieira, por exemplo, este tipo de atendimento não será encontrado. Algumas lojas só abrem na alta temporada, sem relação com a população local, elas vêm e se instalam na cidade, têm alto faturamento e vão embora.

Há um movimento mais atuante em resistir aos artesãos que vêm de fora da cidade, eles não encontram tanta facilidade assim.

A clientela da Rua da Pituba constitui de pessoas das classes média e alta, pois o preço das bebidas e comidas afasta os mais pobres. O comércio da Pituba só funciona das 16h às 22h; um ou outro restaurante que quebra este regime e abre no horário de almoço. Este controle é destinado aos turistas, após a chegada dos passeios; assim se faz uma programação ordenada e todo o comércio da Pituba se concentra a essa organização. Há uma mudança de rotina, inversão dos papéis de quem oferece o serviço, o comércio fica à espera dos turistas. Isso é para os que chegam a viver uma experiência diferente neste local? E não para os que chegam com o interesse de observar o cotidiano do local, a peculiaridade desta cidade.

Etimologicamente, o termo experiência deriva do latim *ex periri*, que significa provar ou experimentar. É composta pelo radical *ex*, que significa lançar para fora, ou ponto de partida, e pelo radical *periri* que significa *periculum*, perigoso. A raiz indo-europeia é *per*, que significa travessia ou prova. Assim, a experiência pode ser lida como lançar-se a uma travessia perigosa, ou a um provar perigoso, ou ainda a um provar o perigo numa travessia perigosa, movimentos que colocam em questão uma exposição e uma disposição do experimentador para o perigo. Mas já não estamos suficientemente expostos ao perigo em nosso cotidiano? E que tipo de perigo nos ameaça e nos acomete e que tipo de perigo nos falta ou nos caberia experimentar? E de que modo estaríamos dispostos ao perigo da experiência? Isto é, situados com alguma precisão, intenção e presença sobre tal perigo. (SILVA, 2011, pg. 1)

A lógica do cotidiano das cidades contemporâneas é modificada, e a autora arquiteta urbanista Paola Jacques identifica este processo como “espetacularização das cidades”:

[...] A forma mas recorrente e aceita hoje desse processo esterilizador faz parte do processo mais vasto de espetacularização das cidades e está diretamente relacionado com a pacificação dos espaços urbanos, em particular, dos espaços públicos. A pacificação do espaço público, através da fabricação de falsos consensos, busca esconder as tensões que são inerentes a esses espaços e, assim, procura esterilizar a própria esfera pública, o que, evidentemente, esterilizaria qualquer experiência, em particular, a experiência da alteridade nas cidades. (JACQUES, 2012, pg. 14)

A cidade se põe a serviço deste consumidor/turista. A força da monocultura se alastra na economia da cidade há algum tempo. Primeiro na força do cacau, hoje no turismo (COUTO, 2007).

Diferente dos turistas, a população local é direcionada para outra área comercial, que fica no centro da cidade. O comércio nesta área tem o horário convencional. Criou-se na cidade um novo sentido sociocomercial: o funcionamento do comércio como um isolamento do espaço esvaziando-se. Este modelo visa, basicamente, ao turista – e não o habitante local – e exige um certo padrão mundial, um espaço urbano padronizado. Esta organização espalhou os

pontos de encontro praticamente impossibilitando as aglomerações de diferentes grupos para ouvir uma conversa, criar um diálogo, por exemplo, rua deu a origem a uma distribuição espacial similar à distribuição do trabalho, afastando o comércio central para os turistas e os outros empreendimentos, cujos interesses são diversos, e que tratam de procurar espaço diferenciados, sem barulho, tranquilos e com mais conforto para os seus clientes.

Além disso, os frequentadores da Pituba imprimem no seu modo de vestir, falar e andar com a logomarca das grande grifes que quase não se vê à primeira vista. O que é muito diferente dos costumes locais, que se mantêm fiéis aos bares dos seus bairros e centro; e assim com suas roupas e com a grande propaganda estampada nas suas blusas, bermudas e calças. Portanto, o movimento de compra e venda de passeios e ações/tarefas/aulas voltadas aos turistas conduz à perda de todo o contato físico com o local.

“Além disso, é preciso reconhecer que os espaços e a tecnologia da comodidade produziram prazeres reais.” (SENNET, 2003, p. 281). Temos como exemplo em Itacaré a Rua da Pituba, uma grande vitrine, uma via pública, indivíduos de ambos os sexos que passam, sentam-se, só estão interessados nas sua bela e exótica culinária, o alto preço das bebidas, nas belas compras e lembrancinhas da cidade do surf, além de apreciar os shows de capoeira e o forró, que tem hora marcada para terminar para não incomodar os moradores da Praia da Concha. Pode-se encontrar esse tipo de entretenimento no restaurante Mar & Mel. O que se vê neste estabelecimento são vários professores de forró com a ilusão de se casarem com uma aluna estrangeira ou sulista. A diversão é sem contato, apenas espectadores, tranquilos e sem conflitos na espera de um desfecho de um final feliz para este encontro. A Cabana Corais, uma cabana de praia noturna, resiste e sofre pressão dos empresários donos do luxuoso empreendimento Resort Aldeia do Mar. Em prol da tranquilidade dos seus hóspedes, existe uma luta judicial, uma normatização dos horários de funcionamento e controle de volume de som da Cabana Corais.

O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível, inacessível Não diz nada além de “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que por princípio ele exige é a aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência. (DEBORD, 1997, pag. 16)

A multidão dos fazedores/trabalhadores do setor de turismo não ameaça mais, e nem reivindica de modo voluntário ou não o modo de vida. Pois nem se cogita a possibilidade de puxar uma conversa com um turista sentado diante de um copo de cerveja ou de um aperitivo;

a não ser por uma pretensão estritamente sexual, drogas ou compra de terreno. Neste *cenário espetacular* (JACQUES, 2008), o ambiente urbano se caracteriza como uma simples utilização e circulação de seus habitantes e visitantes de modo disciplinar. Se apresenta como cenografia, em que os processos segregatórios, acríticos e conservadores compõe toda a operação consumista, turística e mercadológica da cidade contemporânea.

Não há espaço para uma ação de resistência, de construir um território político. O turismo neste sentido une o passivo e o individual, estimulando e fortalecendo a estratificação espaço-social. O conforto dos assentos das barracas reforça esse isolamento, não foge a essa tendência que destaca o bem estar individual.

Em público, a população de Itacaré tem a expectativa de abordar e ser abordada. Já no bairro do Porto de Trás esta relação é bem diferente. Já acompanho a manifestação do Bicho Caçador há três anos, frequentando o bairro com uma certa assiduidade, conversando com alguns moradores, realizando trabalhos de dança com eles. Porém, o que vejo é um certo silêncio, algo diferente dos outros lugares que percorro nesta cidade.

De acordo com a ideia de corpografia urbana, desenvolvida por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques, este contexto em que ocorre o Bicho Caçador é, para o corpo dos habitantes da cidade, do bairro Porto de Trás e dos participantes da manifestação, uma condição de relacionamento com o ambiente urbano em que vivem, a partir da qual, são formuladas suas corporalidades.

3 A DANÇA

3.1. O BICHO

O Bicho Caçador: um cortejo que percorre as ruas de Itacaré. Uma meia lua se forma em frente da casa onde a dança acontece, os dois bichos e o caçador entram na casa e todos em volta esperam a saída dos bichos e do caçador para o confronto; e no meio a essa espera o que sustenta o grupo que acompanha o cortejo é o samba duro¹⁸. Neste caminhar pelas ruas da cidade, o bater das palmas, as cantigas e o toque do timbau compõem este cortejo. A formação básica do cortejo inclui três timbaus, quatro pandeiros, um agogô e um reco-reco, um caçador, dois bichos e os responsáveis pelo samba e canto. Todos os participantes são moradores do Porto de Trás e todos que queiram seguir esta prática social (uma caminhada dançante pelas ruas do centro de Itacaré).

O Bicho Caçador é uma festa que acontece no mês de janeiro no município de Itacaré/BA. Não há registros escritos até então, toda a organização desta manifestação foi transmitida de forma oral. Porém, sabe-se que houve muita resistência dos mais velhos em transmitir seus conhecimentos para os mais novos por medo ou até mesmo por conta da discriminação que sofreram anteriormente por residirem no bairro Porto de Trás, por serem negros e por terem uma baixa condição socioeconômica. Hoje, o que se vê é uma nova e diferente atitude que se observa nos habitantes participantes. Há um grupo responsável por toda parte criativa que estimula os novos sucessores deste encontro.

Até onde se sabe, O Bicho Caçador não teve o seu surgimento na sede do município de Itacaré, o cortejo originou-se na zona rural. A festa começava no dia 1º de janeiro e terminava no dia 6 de Janeiro – Dia de Reis –, misturando, assim, o sagrado e o profano numa mesma manifestação. Ao chegar em frente às casas por volta das 18h, o grupo cantava primeiro os Reis. Neste momento, só as janelas das casas ficavam abertas; após o término da cantiga, o dono da casa convidava todos para entrar e o samba começava. O dono da casa era responsável pela bebida e pela alimentação de todo o grupo. A festa ia até o amanhecer e o cortejo seguia de casa em casa pela zona rural e só no dia 6 de janeiro, no Dia de Reis, que se

¹⁸Samba duro (espécie de variante do batuque) sobrevive em dezenas de pequenas comunidades interioranas do Estado da Bahia, sendo a principal manifestação popular nas datas festivas, comemorações familiares ou nos batuques que animam o encontro de amigos.

chegava à sede do município de Itacaré. O cortejo era feito pelas ruas, provavelmente, dançava-se em algumas casas, mas essa finalização ninguém sabe ao certo como se configurava; e com o desfecho da manifestação todos retornavam aos seus lares. Com o crescimento da cidade, alguns pequenos agricultores que moravam na beira do Rio de Contas se instalaram na região que hoje está localizado o bairro Porto de Trás. No princípio eram dez casas, dez famílias que se fixaram nesta região. O Senhor Narzi¹⁹ já residia na cidade; adaptou a festa criando uma nova configuração. O evento continua acontecendo no mês de janeiro, agora com dois dias de saída: um no dia 6, Dia de Reis; e o outro no dia 26, aniversário da cidade. Existe uma comunicação, um convite por parte da organização do evento aos donos das casas ao qual O Bicho Caçador irá dançar²⁰. Além de receber O Bicho Caçador, os donos das casas são responsáveis pela bebida dos principais integrantes do grupo. Muitos pedidos são feitos na cidade para o Bicho Caçador dançar, mas em algumas noites a demanda não dá. Esta prática social não tem patrocínio, como também não tem apoio de político e nem da Prefeitura.



FIGURA 9 - Equipe de tocadores

Fonte: acervo de imagens da Associação Cultural Tribo do Porto

Os instrumentos utilizados para acompanhar a festa eram feitos de couro de animal - pelo de preguiça, de cobra, de teiú - e eram produzidos pela própria organização. Hoje são instrumentos industrializados: timbau, pandeiro, reco-reco. Existe uma pessoa responsável

¹⁹Segundo depoimentos coletados nesta pesquisa, o Sr. Narzi é o responsável pelo desenvolvimento desta manifestação na cidade de Itacaré. Ver o anexo desta dissertação pag.88.

²⁰ Os mais antigos que aceitaram este convite são o finado Poin, Mario do Correio, Zé Poveira, Dona Nenê, finado Adonai, Dona Lurdinha, Senhor Oswaldo Soldado, Azul e Guri - Caderno de campo 12/3/2011.

pelo ritmo do timbau e outra pelo do pandeiro²¹. Mesmo com instrumentos usados em samba (pandeiro) e capoeira (timbau), o toque da dança não corresponde ao desses ritmos, e sim ao de uma marcha. Os mais velhos começam a ficar cansados e um grupo novo começa a tomar conta da organização: Arionilson Sá, Anadilson Biela, Valmilson Nascimento, Ditan Rocha, Cláudia Rocha, Pedro Conceição, Ailton Conceição e outros. Independentemente da modificação, os mais velhos se sentem orgulhosos ao verem esta geração dançar e coordenar esta prática social.

A sua saída e o seu percurso um aglomerado de pessoas dançam, batem palmas, imprimem um ritmo peculiar. Isso gera uma curiosidade na cidade e muitas escolas vão à procura dos participantes para saber como se veste o bicho, de qual material é feito, qual é o enredo, por que só sai esses dois dias, etc. E no centro da cidade os moradores antigos (já estabelecidos na cidade antes da BR 101) ficam à espera ou preparam as suas casas com bebidas para receber o Bicho Caçador. Nesta época, existe toda uma animação, uma alegria, tanto no bairro Porto de Trás como no centro da cidade. Porém, há muitos moradores da cidade que nunca ouviram falar sobre essa manifestação, como constatado a partir das entrevistas realizadas (em anexo). Tanto o bicho como o caçador usavam máscaras confeccionadas com pele de animal e de cortiça. Este trabalho era mantido em segredo até o dia da apresentação, apenas as pessoas da organização tinham acesso. Para o restante da população do bairro era surpresa, pois cada ano se construía uma máscara diferente. Hoje, elas são industrializadas, feitas de borracha.

O sentido no Bicho Caçador não é simplesmente ir para rua, é a valorização do nome do bairro do Porto de Trás que é exposta. São esses corpos que invadem, que atravessam as ruas da cidade. São os modos de se dançar deste bairro que é posto em visibilidade. É a impressão dessa dança que fica marcada na memória da cidade, nos corpos que dançam e de quem acompanha essa manifestação. Pois esta característica profanatória²², no sentido de “uso” proposto por Agamben, de criar, produzir suas próprias festas e encontros tendo relação direta com o espaço público, podemos ainda encontrar no bairro Porto de Trás e um pouco no bairro do Marimbondo, porque esta prática social não se limita só a este bairro.

²¹ Edson Monteiro de Assunção (Seu Edinho) fica na frente do timbau e Arionildo Gomes Sá (Seu Didi) controla o toque do pandeiro - Cadernos de campo 15/12/2010

²²A noção de profanação, segundo Giorgio Agamben, como por em uso, está diretamente ligada à ideia de espaço - movimento proposta pela Arquiteta Urbanista Paola B. Jacques, para discutir a noção de participação em seu livro *Estática da Ginga*, pgs. 149 a 155.

Todos do cortejo, a população do bairro, com sua ala de músicos e os interessados, seguem o pilar – os dois bichos e o caçador –, desse encontro popular que dança em frente às casas e se configura como o Bicho Caçador. Não há lugar preferencial, a composição é caminhar nas ruas no ritmo acelerado, um tanto agressivo. É possível ver crianças por todos os lados, as senhoras indo de mãos dadas com seus filhos e/ou amigos para darem suporte e ajudar no seu deslocamento. Grupos cortam caminhos para chegar perto dos bichos e do caçador. Muitos já não podem acompanhar por conta do ritmo e ficam à espera no bairro Porto de Trás para verem o combate final e o samba. Existem as casas que frequentemente o Bicho Caçador dança, mas ninguém sabe ao certo o roteiro. A cada ano, o percurso muda em razão do horário de saída e embriaguez dos participantes. Dependendo da hora, muitas casas já estão fechadas e seus moradores já recolhidos para dormir. Pode acontecer também de a organização mudar a casa durante o cortejo ou alguém pedir para que isso ocorra. Todos da organização ficam muito atentos a esta caminhada dançante. Neste jogo de brincadeira, os moradores de Porto de Trás estão vigiando, estão atentos, protegendo os dois bichos e o caçador – os mascarados, para que nada de errado aconteça.

O campo dessa manifestação é a própria cidade de Itacaré. Essa organização parece pequena e restrita a um bairro, mas ainda assim, neste compasso íntimo, o estar junto é confrontado por desafios monumentais. A população do bairro Porto de Trás, com esta manifestação, convence-nos de que tais desafios de estarmos junto são válidos; e coloca em xeque o tão complexo “o que é” e “como foi a relação dos dominantes com os dominados em Itacaré”.

[...]Muitos pensam que o Bicho Caçador tem só a conotação da natureza, entre o caçador e o bicho, estes personagens. Para mim vai além. Vejo uma relação ancestral, até sobre as histórias também dos escravos, do homem negro sendo escravizado, acho que tem este significado, que está intrínseco, que fica mais subjetivo, pois é uma manifestação forte, e por trás da cultura, da dança e da brincadeira existe um pouco de protesto. Quando cheguei aqui eu não tinha idéia da dimensão da dificuldade de aceitação das pessoas daqui com as pessoas de fora. Eu não percebia isto. Com o tempo, eu fui percebendo, sim que existe uma dificuldade de interação [...] (Informação Verbal)²³

A característica incomum na Manifestação do Bicho Caçador está na construção dos seus personagens que dançam: os dois bichos e o caçador. Poderíamos imaginar uma caçada planejada com todos os suportes para o caçador (representando o poder hegemônico) capturar o bicho (representando a resistência) o mais fácil/frágil possível. O que nós encontramos é um

²³ Caderno de campo, depoimento - Juliana Machado, 2011.

combate intenso a cada casa em que está manifestação passa. O bairro rasga a cidade oferecendo o livre-arbítrio para todos os que vêm a opção de seguir, ou de participar, ou de ignorar essa manifestação. Os padrões vão se quebrando aos poucos. O encontro não acontece durante dia, no clarão do sol, na potência maior da visibilidade espetacular, só acontece à noite. Isso está relacionado com o regime de visibilidade tratado por Didi Huberman ao se referir aos vagalumes como resistência:

[...] Não vivemos em apenas um mundo, mas entre dois mundos pelo menos. O primeiro está inundado de luz, o segundo atravessado por lampejos. No centro da luz, como nos querem fazer acreditar, agitam-se aqueles que chamamos hoje e hollywoodiana antifrase - alguns poucos people, ou seja, as stars - as estrelas, que como se sabe, levam nomes de divindades - sobre as quais regurgitamos informações na maior parte inúteis. [...] Mas, nas margens, isto é, através de um território infinito, mas extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos pouco. Logo, para os quais uma contrainformação parece sempre mais necessária. Povos-vagalumes, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do “reino”, fazem o impossível para afirmar seus desejos, emiti seus próprios lampejos e dirigi-los a outros. (DIDI-HUBERMAN, 2011. pg.155)

Por exemplo, a cidade neste momento está no comando do bairro do Porto de Trás - “É noite! Vumbora!”²⁴. O ambiente vai testá-lo no objetivo de alterá-lo.

A manifestação do Bicho Caçador apresenta ruptura em diversos padrões: a própria descontinuidade do seu roteiro, a embriaguez, o modo agressivo e a particularidade de dançar, etc. Muitas casas ficam à espera para recebê-lo e, muitas vezes, essa expectativa não é cumprida. O sentido de ambiente é diferente do santuário, as pessoas se tornam vivas expondo-se, reconhecendo e dialogando com partes discordantes.

Qual o valor de uma crítica dessas para nós que habitamos cidades cheias de contradições étnicas, sexuais, etárias e de classe? Como a sociedade multicultural pode precisar de desenraizamento, ao invés de segurança e conforto? (SENNETT, 2003, pg.286)

O que aparece nesses corpos que dançam e compõem O Bicho Caçador não é mais do que a tenacidade de um projeto, uma força de um desejo de imprimir seus movimentos na tão estratificada cidade de Itacaré.

Hoje, há uma organização responsável pelo bicho composta por grupos divididos por atividades: uma pessoa é responsável por enfeitá-lo e avisar as casas por onde ele vai passar; um grupo cuida dos tocadores; outro é responsável pelo ritmo e cânticos; há também o que

²⁴Caderno de campo 06/01/2012

direciona a saída e todo o cortejo pelas ruas e, por fim, a equipe que dá suporte aos dançarinos com suas roupas. Podemos detectar um coletivo, que foge à lógica de autoria de um grupo específico e homogêneo.

Antigamente, a manta do bicho era feita de samambaia, de barba de Pai Ventura, fibra de canabrava, de estopa de madeira do imbiruçu, ou até mesmo de bambu. Hoje, a organização vai de casa em casa do bairro na coleta de materiais para a confecção da manta do bicho. Podemos ver que essa é confeccionada por banderolas que restaram da festa de São João ou de retalho de tecidos e saco plástico. E o que sustenta estes materiais é o saco de linhagem²⁵.



FIGURA 10 - Vestimenta do bicho MANTA - Saco de linhagem
Fonte: acervo de imagens da Associação Cultural Tribo do Porto

No início da manifestação esta manta pesa de 10 a 15 kg, mas com o decorrer do tempo e com o suor dos dançarinos, o peso chega a uns 30 kg. O que nós sabemos é que os materiais que estão por baixo da vestimenta para dar o volume do bicho e a estabilidade do rabo são o barbante, a cesta de cipó e o arame. É um trabalho em conjunto o momento da montagem, pois uma equipe fica de apoio e atenta também para reorganizá-la durante o percurso, caso precise. A técnica para a montagem do rabo do bicho é um segredo que nem mesmo todos da organização sabem: este é um dos trunfos de orgulho que este coletivo carrega.

Um dado importante é o anonimato de quem vai dançar. São várias pessoas que dançam tanto o bicho como o caçador. Porém, as máscaras e vestimentas dificultam a identificação dos dançarinos.

²⁵Caderno de campo 12/02/2012

As próprias pessoas do bairro ficam com esta curiosidade e na expectativa causadas propositadamente pelos organizadores, pois o reconhecimento do sujeito é descoberto a partir da dança, e existe todo um movimento de mostrar sua grafia e ao mesmo tempo de confundir os que observam. Com tudo isso, tem mais uma armadilha deste cortejo: quando O *Bicho Caçador* chega à casa, existe a possibilidade de troca de dançarinos para gerar mais confusão.

- *Caçador é vem.. oooo...é vem caçador...bicho é vem caçador...a tira no bicho caçador.....bummm...*²⁶



FIGURA 11 - Equipe de apoio mais o rabo do bicho
Fonte: acervo de imagens da Associação Cultural Tribo do Porto

Antigamente, por conta da rivalidade entre os bairros, O Bicho Caçador não dançava no bairro Marimbondo. Hoje, ele dança neste bairro e vai até o bairro da Nova Brasília. O percurso passa, em média, por oito a dez casas numa noite. O bicho sai por volta das 21h e retorna para o bairro por volta das 24h, e o samba duro é que rege a festa a partir de então.

O Bicho Caçador – composição e dança – é feito de modo espontâneo. O conhecimento é adquirido pelo ver e fazer. Não existe técnica ou aula direcionadas para tocar nem para dançar o caçador e o bicho. O aprendizado da dança é feito no dia a dia, pois os que fazem o bicho e o caçador estão ali circulando pelas ruas, conversando com um e com outro no bairro Porto de Trás. Cada gesto é analisado, admirado e comentado no bairro e na cidade²⁷. Muitos dos participantes começam a se identificar com O Bicho Caçador por volta dos 10 a 15 anos. A

²⁶Caderno de campo 06/01/2011

²⁷ Ver mais detalhes no Anexo desta dissertação pg.86

criação dos movimentos começa com as brincadeiras na rua, na observação dos outros bichos e caçadores e com o reconhecimento do som percussivo do pandeiro e timbau.

Segundo relatos dos que atuam hoje, quando era época do Bicho Caçador os jovens aprendizes ficavam com ansiedade para vê-lo dançar. Porém, muitos não conseguiam por conta do horário da sua saída. Mas isso não foi um impedimento para que os interessados e curiosos se envolvessem na dança. Até para ver a preparação da vestimenta do bicho era difícil, tudo era velado, esta característica ainda se mantém. Com o interesse dos mais jovens e os mais velhos já ficando cansados, outros morrendo, os novos começaram a penetrar e entender um pouco desta brincadeira, como era feita a maquinaria da vestimenta e a ter mais acesso aos movimentos da dança. Por terem um comportamento mais reservado e de poucas falas os mais velhos não chamam os mais jovens, alguns deles são coaptados por esta manifestação e começam a participar. Só assim o convite é feito pelos pais, tios e compadres da organização a um jovem para dançar o bicho ou o caçador .

Após a saída do Bicho Caçador, eu e meus amigos ficávamos brincando; e eu sempre escolhia o caçador para dançar e com isto fui criando um modo de dançar. Aprendi a dançar com Buzano (o outro caçador), e quando tinha uns 20 anos comecei a dividir com ele o caçador. E cada um tem sua característica de dançar, eu mesmo vou mais para o ataque, vou para cima. O Buzano não, vai muito para o chão. (depoimento de Arionilson Sá – um dos caçadores)²⁸



FIGURA 12 - O Caçador

Fonte: acervo de imagens da Associação Cultural Tribo do Porto

Segundo os dançarinos, o que difere na escolha de se dançar o bicho e o caçador é a qualidade e a força dos movimentos que cada participante apresenta. Observa-se que os que dançam o

²⁸ Ver mais detalhes do seu depoimento no Anexo desta dissertação pg.98-99

caçador têm uma mobilidade e uma flexibilidade corporal muito ampla, qualidade esta que proporciona todo o movimento sinuoso com trabalhos de rotação das articulações das pernas, dos braços e torção no tronco. Já os que dançam o bicho tem uma força explosiva, uma habilidade nos metatarsos, ficando a maior parte nas “pontas dos pés”. É o que sustenta toda a sua locomoção e pulos. Com a prática da dança, eles adquiriram uma autopercepção porque reconhecem uma certa estabilidade nos seus padrões cognitivos – motor no momento que dançam no ritmo da música, observam que têm mais controle corporal e conforto.

A dança é, por excelência, a busca do ato expressivo direto, da imanência desse ato; não da dança do balé, que é excessivamente intelectualizada pela inserção de uma coreografia e que busca a transcendência desse ato, mas a dança dionisiaca, que nasce do ritmo interior do coletivo, que se externa como característica dos grupos populares, nações, etc. A improvisação reina aqui no lugar da coreografia organizada[...] (OITICICA, pg 72,1965)

Uma dança improvisada, sem projeto-coreografia. Por isto, quando há dissonância no ritmo da música ou algo não planejado durante a apresentação, os dançarinos necessitam de mais atenção, pode surgir movimentos novos. Por isso, eles se cansam e chegam até se machucar. É o momento que eles identificam como improvisação.

Na improvisação, o sentido autoral da ideia de composição deslocou-se do sujeito para a relação que ele estabelece com o mundo em que vive. Corpo, dança e mundo são coautores involuntários de suas respectivas identidades. O entendimento da dança, deslocado para o eixo da instabilidade, reorganiza nossos conceitos estabilizados: põe no corpo o que estava na coreografia: a dança; põe na dança o que estava no corpo: a identidade; e põe na relação entre todos o que estava em cada um: a autoria. Diluir na vida o sujeito autoral é a ética deste registro estético. (BRITTO, 2008, pg. 109)

A organização não vê nenhuma relação do Bicho Caçador com o turismo. Pois quem samba? É só a população do bairro Porto de Trás, não que outras pessoas de outros bairros e cidades são impedidos. Quem dança os bichos e o caçador? Só os moradores do bairro, até então. E quem acompanha? Quando o turista vê o percurso, ele está desprevenido. Não há mapas nas agências de viagem, roteiros para este acompanhamento, como também os organizadores não têm um plano de divulgação, eles não se preocupam em transformar a manifestação em uma atração turística. Não há divulgação na FM, eles não colocam na bicicletinha de Nem²⁹ para anunciar. O grupo não tem interesse nos turistas, porque eles preferem que esta manifestação

²⁹O meio de divulgação mais conhecido na cidade. Trata-se de uma pessoa que circula numa bicicleta com um megafone divulgando a programação de eventos que acontecem na cidade, como também as propagandas do comércio.

seja feita para o bairro Porto de Trás. Gostam de ver o seu próprio bairro dançar. Mas os que não moram no bairro, que têm pouco acesso e conhecimento defendem que esta manifestação deveria ter relação com o turismo, que o turista deveria ser informado sobre a história, data da saída, horário, etc., e não vão porque não é divulgado ³⁰. Há algum tempo surgiu o desejo de se fazer uma sede para o Bicho Caçador, mas este projeto não foi adiante. Então, o Bicho Caçador não tem sede própria, não há esta identificação de onde cada membro irá sair. Cada participante se veste na casa de um ou na casa de outro, no Centro Cultural Tribo do Porto ou na sede da Associação dos Moradores. Cada ano eles saem de um lugar diferente. Depois, encontram-se para o primeiro combate, no final da rua 16 de Dezembro. Há um espaço voltado para as apresentações, para os eventos do bairro, como festa de São João, local de conversas e espaço para as crianças brincarem. Pode-se chegar ao final da tarde e iremos encontrar um aglomerado de crianças percorrendo este espaço, brincando de pega-pega, esconde-esconde, etc. É neste ponto que a concentração do samba acontece, na espera do Bicho Caçador. Porém, ninguém sabe ao certo a hora que os dois bichos e o caçador chegam e, nem de onde vêm e qual será o percurso. Como também não há um percurso definido a ser seguido pelos participantes nas ruas de Itacaré e assim segue o cortejo.



FIGURA 13 - O confronto

Fonte: acervo de imagens da Associação Cultural Tribo do Porto

O primeiro nome desta manifestação era O Bicho e o Caçador, mas ninguém sabe em qual momento o nome foi modificado para O Bicho Caçador. Alguns moradores antigos de outros bairros perceberam esta diferença com um certo estranhamento:

³⁰Ver mais detalhes no Anexo desta dissertação pg.98-99

[...] E não é este nome, e de um certo tempo para cá que modificou, e coloram este bicho caçador. O bicho não caça, ele é caçado. O caçador é um homem e não o bicho. Porque o Bicho Caçador é um bicho que come um outro bicho.[...] (Informação Verbal)³¹

Bicho Caçador, já no nome nos mostra indícios de transgressão às regras de convívio e ocupação do espaço urbano, pelo seu uso dessacralizador da segregação espacial, socioeconômica e étnico-cultural vigentes na cidade de Itacaré.

3.2. O PERCURSO

Os percursos não são fixos, não há uma pré-determinação, um roteiro a ser seguido por parte da organização, eles são construídos no presente que segue (ver nas figuras de n° 23 e 24). A cada manifestação, a cada ano, este percurso muda, isto por conta do horário da sua saída e por conta também da embriaguez dos participantes, como foi dito anteriormente. Nesta pesquisa foi escolhido o percurso realizado em 2011. Neste ano, a sede da Associação dos Moradores do Porto de Trás foi o ponto de arrumação de todos os participantes desta prática social. Sua localização fica na beira do Rio de Contas, final da rua 16 de Dezembro. Ao seu redor, pode-se ouvir reggae e samba no *Bar dos Amigos*. Neste estabelecimento não há espaço para arrocha ou estilos parecidos.

Um aglomerado de pessoas bebendo, tocando e dançando o samba já esperam o primeiro combate dos bichos e do caçador no espaço voltado para as apresentações do bairro, que fica ao final da rua. Bancos improvisados – uma parte de madeira e outra de concreto são preparadas para os mais velhos se sentarem e para os músicos tocarem.

Por volta de 21:40 a organização chega com os bichos e o caçador. Os moradores do bairro aos poucos vão se mobilizando e vão ao encontro desta primeira apresentação e combate. Uma roda é feita com músicas enunciativas, o caçador e os bichos dançam para que todos possam assistir a este primeiro encontro. Depois, o cortejo segue para visitar as casas nos outros bairros percorrendo as ruas da cidade. Porém, um bairro considerado, pelo

³¹ Caderno de campo, depoimento - Judite Bahia, 2011.

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro³², como um quilombo urbano não escapou da corrida das construções e pregações das igrejas evangélicas que vêm invadindo o município de Itacaré nesses últimos cinco anos.



FIGURA 14 - Final da rua 16 de Dezembro
Foto: Verusya Correia

Podemos ouvir em determinadas noites seus cultos e cânticos concorrerem com os programas das televisões, como os diálogos e o próprio silêncio das casas ao seu redor.

A rua 16 de Dezembro não é uma passagem, mas um espaço para o conserto e limpeza do material de trabalho para alguns moradores. As brincadeiras das crianças, como as paqueras dos adolescentes, e decisões são tomadas neste espaço aberto, compartilhado entre os moradores deste bairro. A intimidade das roupas é exposta na rua nos dias nublados e úmidos. Com a proximidade das janelas abertas quando se anda nesta rua, é possível ver parte da organização das casas dos moradores do bairro.

Após a “revolução urbana” em Itacaré, citada no capítulo 1, vê-se uma transformação nas construções das casas do bairro. Ainda se encontram pequenas casas com telhados ou de eternit. Mas uma extensão destas casas já se pode ser de vista. São as construções das lajes que invadem a rua 16 de Dezembro. Saindo do bairro, a configuração da rua já é outra, é mais larga por conta do fluxo dos carros. Porém, a rua nesta região não amedronta muitos moradores, pois deixam suas portas e janelas abertas e um espaço de convivência é montado

³² O Presidente da Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, Edvaldo Mendes Araújo (Zulu Araújo), certifica a comunidade do Porto de Trás, localizada no município de Itacaré/BA Registrada em Livro de Cadastro Geral n°.013, Registro n. 1.399,fl. 015, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n°.98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n°.228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1,f. 29, *Se Autodefine como Remanescentes de Quilombo*.

no passeio, conversas e abordagens neste fluxo da rua é compartilhado. Chega-se a uma das casas visitadas pelo Bicho Caçador:

Abro a porta para o Bicho Caçador. Eles entram e um monte de gente fica em volta da minha casa. Fecho a porta, eles descansam lá dentro, se há algum problema com a roupa eles se organizam, costuram ou colocam algum adereço que saiu do lugar, tomam água, bebem, ficam à vontade. Aí eu abro a porta e eles saem para dançar. (depoimento de uma moradora das casas visitadas – Pedrina do Carmo Bispo, 2011)

Como as casas são selecionadas? Os códigos que identificam onde o Bicho Caçador pode entrar estão no envolvimento por força de transmissão de hábito cultural na família. Por este motivo, dançam na porta das casas das pessoas mais antigas da cidade, estabelecidas antes da BR 001.



FIGURA 15 - Uma das casas visitadas pelo Bicho Caçador
Foto: Verusya Correia

Logo, encontramos a Farmácia do Povo, do seu Adolfo Silva, mais conhecido por Adolfinho, torcedor do Vasco da Gama. Podemos encontrar várias fotos, quadros e imagens do seu time espalhados no seu estabelecimento. Nesta farmácia, o remédio para os clientes são as cachaças e os conhaques distribuídos nas suas prateleiras, uma boa conversa, o jogo de baralho e a reza que também fazem parte desta receita. Também podemos comprar farinha, banana da prata, cigarros, coco, azeite de dendê.

E o início das reformas dos casarões começam a acontecer em Itacaré, segundo os mesmos modelos homogeneizadores aplicados mundialmente:

O modelo de gestão patrimonial mundial, por exemplo, segue a mesma lógica de homogeneização: ao preservar áreas históricas, de forte importância cultural local, utiliza normas de intervenção internacionais que não são pensadas nem adaptadas de acordo com as singularidades locais. Assim, esse modelo acaba tornando todas essas áreas – em diferentes países, de culturas das mais diversas – cada vez mais semelhantes entre si. Seria um processo de museificação urbana em escala global: e

os turistas acabam visitando as cidades do mundo todo como se visitassem um único museu. (JACQUES, Do especular ao espetacular. Este texto é a apresentação da edição brasileira do livro de Henri-Pierre Jeudy, 2005)

A mais recente restauração é uma casa em frente ao mar, após a sua reforma passou a ser chamada de Casarão Azul – café e boteco da vila, tem em suas serviços: uma pousada e um bar café. Vende comidas feitas na roça, doces, bolos, salgados, sucos, bebidas encontrados nas mais variadas docerias espalhadas nos grandes centros urbanos. Pode-se encontrar neste estabelecimento o mais cobiçado chocolate AMMA – recebeu em 2012 a medalha de ouro na categoria País Produtor na etapa Américas da premiação International Chocolate Awards, concurso internacional que tem o objetivo de identificar e reconhecer os melhores chocolates do mundo³³. Vemos claramente uma grande estratificação entre a Farmácia do Povo e o Casarão Azul. Estabelecimentos bem próximos e com um público diverso.

O Bicho Caçador passa em frente a esses dois comércios e adiante segue pelas ruas estreitas paralelas à orla da cidade, próximo à igreja, denomina-se esta área como o centro histórico. Contudo, pode-se ver grades de proteção compondo a estética e a segurança das casas nesta região. A segunda casa visitada não foge deste padrão, apesar das grades indicarem um certo isolamento. Nilma Santana dos Reis observa que com a presença do Bicho Caçador sua casa fica mais alegre. Com um jeito diferente, um tanto despojado, os participantes do Bicho Caçador entram na sua casa, se sentam, conversam e bebem. Segundo ela, a alegria deles transborda nas casas por onde passam, esta manifestação não tem cunho político. Eles dançam e já dançaram em casa de opositores políticos.

A maior parte das casas nesta região tem sua frente voltada para estas ruas e o seu quintal para o mar. Muito diferente é o ponto de vista das construções das casas na época do cacau³⁴ para as de hoje. As experiências que o turismo trouxe para a cidade nos mostra uma outra visão de uso da cidade, privilegiando, por exemplo, a vista para o mar da sua residência, valorizando o conforto e tranquilidade. Hoje, há casas à venda ou sendo construídas³⁵: com suas sacadas, mezanino, todos voltados para o horizonte do mar. Chegamos à balaustrada da igreja São Miguel. Há uma visão do mar delimitando o horizonte e a tão sonhada praça de São Miguel,

³³Ver site: www.ammachocolate.com.br

³⁴Tema abordado no 1º capítulo desta dissertação

³⁵Essas vendas e construções se estendem para a Praia de Tiririca, e os novos condomínios fechados fora do perímetro urbano.

palco de grandes shows, encontros e festejos da cidade. Como também memórias reprechedoras inscritas nos corpos dos moradores do bairro Porto de Trás, este cortejo corta esta rua contaminando muitos que passam em sua volta ou retira das casas os curiosos e admiradores desta prática social.

Temos que desviar dos pontos de lixo reciclado fixados pela cidade, logo nos damos conta que as cores dos baldes se repetem, há uma certa desordem. Estas identificações de cores nos baldes servem para quê? O primeiro ponto segue as cores: verde, azul, verde e amarelo; o segundo ponto: vermelho, azul, amarelo e vermelho. E o que mais impressiona é o não uso destes itens numa cidade que faz parte de uma APA³⁶.



FIGURA 16 - Casas à venda
Foto: Verusya Correia

O bicho chega à rua dos casarões do centro da cidade visitando duas casas neste trajeto: a casa de Maria de Lourdes Reis de Oliveira, que observa uma força, uma alegria que contagia a cidade neste período. Para ela é também um encontro familiar, seus filhos moram fora e não perdem a festa. Toda a equipe do Bicho Caçador entra em sua casa assustando os seus netos e noras, ficam muito à vontade, pois Maria de Lourdes os recebe com muita bebida. Quando era mais nova ia buscar o bicho lá no Porto de Trás, vinha dançando, cantado e bebendo. Pois só frequenta o bairro de ano em ano, com a saída do bicho. Mário Palafoz, mais conhecido como Mário do Correio³⁷, e sua família não frequentam este bairro. Quando vão é por conta de algum evento promovido pelo próprio bairro; no dia da saída do bicho ficam todos à espera

³⁶O Governo de Estado da Bahia, decreto n° 2186 em 07 de junho de 1993 - Cria a Área de Proteção Ambiental da Costa de Itacaré/Serra Grande, nos Municípios de Itacaré e Uruçuca, e dá outras providências. Acesso ao site: <http://www.meioambiente.ba.gov.br> em 24/11/2011.

³⁷Identificação da pessoa através do reconhecimento da população local na sua atuação no trabalho.

em sua casa. Com uma certa reserva, O Bicho Caçador chega; havia dois anos que esta manifestação não dançava nesta casa devido à sua caminhada mutante.

O percurso está próximo à rua da Pituba, logo à frente nos damos conta da corrida imobiliária que invade a cidade com suas placas de vendido grafado nas casas. O abandono, a quebra de relações e vínculos sociais decorrentes ao crescente número de casas fechadas alteram a rotina da cidade.

O bicho avança em direção à rua da Pituba, mas a sua vinda às proximidades desta rua está voltada para a casa mais antiga, em que o Bicho Caçador dança, que fica na praça Santos Dumont. A rotina dos taxistas que estacionam seus carros em frente à casa de Palmira Lopes Reis é modificada neste dia. Nessa residência, parte da casa foi transformada em comércio, ação muito comum na cidade após a chegada do turismo, conforme foi abordado no capítulo 1 dessa dissertação.



FIGURA 17- casa comércio e a casa mais antiga visitada pelo bicho
Foto: Verusya Correia

Em volta à esta praça, encontramos grandes lojas de franquias com suas blusas, bermudas, perfumes, batons e sabonetes à venda. Neste ponto, podemos ver um número de turistas espantados e sem saber o que acontece neste ambiente. Uns até dançam o samba e ficam admirados com a evolução da dança dos bichos e do caçador, são contagiados pela festa se juntando com os demais e seguem o percurso.

O Bicho Caçador vai em direção ao interior da cidade. Há um outdoor da Lavanderia Puro Brasil, que pode ser visto de longe, com o intuito de atingir todos que passam com pouca ou com alta velocidade nesta rua de paralelepípedo. Há também a marca do Gan`a – grupo de atitude nativa, pintado na parede do muro em frente –, que é uma associação cultural-

ambiental que tem o seu foco nas melhorias da cidade voltada aos nativos. Muitas vezes, esses sinais passam despercebidos com a aceleração que O Bicho Caçador imprime nesta rua, como também na rotina dos moradores e visitantes que caminham pela rua. Passa-se pelo colégio municipal, posto de saúde e Fórum, de onde dá para ver muitos moradores em suas pequenas sacadas observando a rotina da cidade e o percurso do Bicho Caçador até chegar à casa da falecida Percelina – foi responsável pela casa do samba³⁸. Percebe-se uma homenagem por conta da organização do Bicho Caçador nessa casa, pois o som percussivo do samba tem uma força e todos que iam à roda, imprimiam um glamour em sua dança; isso acontecia nas outras casas, mas nesta o encanto era diferente. O percurso chega ao bairro do Marimbondo, vê-se uma característica muito similar tanto na estética das construções das casas como na rotina deste bairro com o Porto de Trás; é comum ver rede de pesca sendo construída em plena praça, e festas promovidas pelos próprios moradores, porém já não mais com tanta frequência como o seu bairro vizinho. O Bicho Caçador faz sua última apresentação neste bairro. Nesta casa, na movimentação diferente do caçador, detectamos que houve uma troca de dançarinos, antes de seguirem para o bairro Porto de Trás, finalizando o percurso com o combate final – a morte do caçador e depois a roda de samba comanda a festa.

3.3 A FESTA

Começa com cânticos enunciativos da chegada para despertar a família visitada para a receptividade dos promotores daquele evento. Os bichos e o caçador vão na frente dançando na marcha. É o bater na porta ou o som da campainha ou o bradar – *Oi de casa!* – avisando que ali tem gente. Uma maneira que vara séculos e tem como resposta a abertura da porta da casa para exposição da dança. O samba sustenta o aglomerado de pessoas que ficam em volta da casa aguardando a dança do caçador e dos bichos.

O lugar de descanso, da arrumação da vestimenta, a troca dos dançarinos, da bebida e o preparo para o confronto são as casas visitadas durante o percurso. Os participantes se sentem à vontade e são bem recebidos nestas casas, é motivo de orgulho. Há um sentimento de

³⁸Espaço hoje abandonado, palco dos grandes encontros de samba na cidade e comemoração de 2 de julho, são só três cidades do Estado da Bahia que comemoram - com hasteamento das bandeiras por autoridades, desfile – a independência da Bahia (Cachoeira, Itacaré e Salvador)

pertencimento em colaborar, em fazer parte desta manifestação. Os tocadores e os dançarinos não sabem exatamente o percurso, a sequência das casas que irão dançar e tocar.

O chamado é feito de fora da casa: – É vem caçador!!!³⁹ – Ali, com os movimentos astutos, paciência, cautela, perspicácia com suas armas em punho, o caçador demonstra o desejo de capturar a sua presa. O caçador se apresenta mostrando as suas habilidades com as armas (espada e a espingarda de madeira compõem este combate) com gestos de ataque e de defesa para o público que está em sua volta na meia-lua. Em frente à casa visitada, com movimentos sinuosos, às vezes rápidos e utilizando pausas, o caçador mostra suas armas para o público, fazendo som e arrastando-as ao chão, o que se vê são os paralelepípedos fazendo parte deste cena.

Outro chamado pelo público é feito alertando o caçador: – O bicho é vem, caçador! Após a demonstração, os dois bichos chegam com todo balanço, num vai e vem um tanto esquisito entram em cena, os pés em meia ponta, controlam a transferência de peso das pernas de um lado para o outro, é esta movimentação que faz a vestimenta do bicho tremer, dando a ela um design que lhe é próprio. Os bichos se aproximam do público e ficam atentos ao movimento do caçador. Sua marca maior são os pulos que vão para o avanço em direção ao caçador, com o intuito de amedrontá-lo. Depois, então, com a percepção da presença de dois bichos enfurecidos, decorrente do instinto natural que apresentam movimentos próprios de cada espécie prontos para um combate, são levados pela sua ferocidade em busca da preservação da espécie. Mas com muita astúcia o caçador se esquiva, invade o território do público para abrir espaço. Inicia-se o confronto e, neste ataque e defesa, com o estampido, em alto som “BUM!”, os dois bichos são mortos pelo caçador que perfura o público. Todos saem correndo, abandonando a casa, seguindo em direção à outra. Assim, percorrendo as ruas e visitando as casas, retorna ao ponto de partida quando no combate final os bichos conseguem reverter todo o confronto anterior vencendo o caçador. Os dois bichos com movimentos trêmulos correm em direção ao caçador, que os abafa.

Um dado interessante nesta pesquisa foi detectado nos próprios depoimentos coletados e o modo como os três grupos selecionados se colocaram diante de seus depoimentos: o primeiro grupo - *moradores do bairro* -, uma característica que acompanhou este grupo foram os diálogos acompanhados por mais de uma pessoa. Já o segundo grupo - *moradores de outros*

³⁹Caderno de campo 06/01/2012.

bairros -, os depoimentos foram feitos individualmente, não houve a necessidade de um testemunho. E, em relação à organização do Bicho Caçador, foram subdivididos em três grupos: a parte dos tocadores, do caçador e do bicho. Durante o processo da pesquisa, vários encontros foram marcados e desmarcados com a organização, por questões de incompatibilidade de horários e insatisfação de algumas pessoas em falar sobre essa manifestação, pois alguns se negaram a falar acerca do assunto.

Este modo de posicionamento já nos indica algo diferente deste grupo, pois estamos numa cidade turística, e o senso comum nos informa que este bairro é o mais cultural da cidade, supostamente o de maior visibilidade e comunicação. Porém, este grupo não está interessado em expor o que faz. Mostra-nos uma heterogeneidade e um comum de grupo que é compartilhado assim como a manifestação do Bicho Caçador; cada um com sua experiência e tempos diferentes de envolvimento com a manifestação, etc. Como se pode ver, essa dinâmica que proponho pensar nesta pesquisa como campo de ativismo político está relacionada ao argumento da processualidade proposta por Fabiana D. Britto, para compreender uma dança pela dinâmica interativa que estabelece ⁴⁰. Conforme a autora,

Focalizar a dança pelo seu aspecto processual permite percebê-la na complexidade que lhe é própria, ou seja, a partir dos agenciamentos que ela tanto promove quanto é resultante. Uma abordagem, portanto, bem diferente daquela que busca compreendê-la pela descrição linear da sua configuração: do que se compõe e como seus componentes se ordenam no espaço e no tempo.⁴¹

A experiência urbana inscrita no corpo dos entrevistados confirma a hipótese que defendo nesta pesquisa: a relação entre o ativismo político desta manifestação que dança: O Bicho Caçador e a corpografia formulada ao longo da história neste bairro da/na cidade de Itacaré. Podemos ver que os entrevistados reconhecem um regime discriminatório na cidade, tanto no modo de ocupação quanto no uso da sua espacialidade em Itacaré.

[...] O que vejo é que pessoas como eu de São Paulo e dos Estados do sul que vieram morar aqui em Itacaré criam os seus guetos e não se misturam com as pessoas da cidade. Conhece-se mais as pessoas que trabalham em pousadas, não tem contato algum com a população local, não faz a miscigenação de cultura, nada, zero. E a minha experiência é muito diferente, eu já não sei conviver com gente que não seja daqui direito, mudei completamente, o meu marido é do Porto de Trás, meu filho

⁴⁰Esta noção de dança é retomada no próximo item, para desenvolver a noção de corpografia e sua ação política.

⁴¹Veja-se BRITTO, Fabiana. Processo como lógica de composição na Dança e na História. Sala Preta, Revista de Artes Cênicas - São Paulo PPG Artes Cênicas - USP, número 10 - 2010.

nasceu aqui. Existe uma diferença cultural muito grande, mas isso não impede a convivência.[...]⁴²

Podemos observar as diferenças entre os depoimentos sobre o bairro Porto de Trás: das pessoas que moram em outros bairros que nunca foram lá e, quando vão, estão vinculadas a uma festa e/ou a um encontro social. Vimos que neste contexto o ambiente é pensado de forma segmentada, a própria “impossibilidade de uso”⁴³ - a partir da influência do turismo na cidade, que fortalece a estratificação reconhecida tanto nos moradores do bairro Porto de Trás como nos moradores dos outros bairros de Itacaré. No entanto, os moradores do bairro têm um posicionamento muito diferente sobre este bairro:

[...] É um bairro que não sinto vontade de sair, pois você ainda pode sentar na porta, conversar com as pessoas; é um bairro seguro, você pode deixar a porta aberta, é um lugar que as crianças brincam à vontade. Há uma união no bairro, muitos dizem que já acabou, mas eu vejo que ela ainda existe, e é isso que difere dos outros bairros[...]⁴⁴

Vimos na própria espacialidade em relação ao *Bicho Caçador* e na a rotina que constitui os entrevistados as diferenças⁴⁵. Mesmo com o reconhecimento desta diversidade, há uma tentativa ao desaparecimento histórico das situações vividas nesta cidade.

Podemos identificar na manifestação do Bicho Caçador um "regime de visibilidade", essa manifestação instaura um tipo de organização condizente com este "valor de não ser visível". Pois este manifesto é do bairro, não há patrocínio, não tem apoio de político e nem de Prefeitura, cada um faz a sua roupa e se organiza espontaneamente.



FIGURA 18 - Rua 16 de Dezembro, bairro Porto de Trás
Fonte: acervo de imagens da Associação Cultural Tribo do Porto

⁴²Depoimento de uma moradora do bairro do Porto de Trás. Caderno de campo, 10/05/2012.

⁴³ibdem pg.73 e 74.

⁴⁴Depoimento de um morador do bairro do Porto de Trás. Caderno de campo, 08/05/2012.

⁴⁵Anexo depoimento de Junior e Celina pg.89-90 e 93-94.

A contribuição é dada voluntariamente, pelas casas que recebem o bicho, ou um amigo, um conhecido, como também pode ser feita no próprio bairro. Este regime tem a ver com a sua não institucionalização, não há uma associação que direciona o bicho. Vimos nos depoimentos os diversos posicionamentos referente à relação do Bicho Caçador com o turismo: muitos não vêm porque não é divulgado, outros defendem que deveria ter relação com turismo; que os turistas deveriam ser informados sobre a história, seu roteiro, como ter um lugar específico para o Bicho Caçador para ser visitado, por exemplo, etc. Mas no entanto não existe um movimento para essa demanda até então. Os mais envolvidos com o Bicho Caçador são claríssimos, esta manifestação não tem relação com o turismo e afirmam que não é para ter:

[...]Eu, sinceramente, não vejo nenhuma relação do Bicho Caçador com o turismo, se tivesse uma divulgação poderia ter, mas a gente não se preocupa que o Bicho Caçador seja uma atração turística. Quem samba? É só a comunidade do Porto de Trás, eu não vejo por este motivo. E quem acompanha? Quando o turista vê o nosso percurso desprevenido. E se nós quiséssemos, nós divulgaríamos na FM, colocaríamos na bicicletinha do Nem para anunciar, fariamos um monte de coisa que trouxesse o turista para cá. Não temos interesse do turista porque tem que ser o pessoal daqui da rua. Gostamos de ver o nosso bairro dançar e não queremos envolver outras pessoas. Surgiu um tempo atrás o desejo de se fazer uma sede para o Bicho Caçador e não deu certo. Então, o Bicho Caçador não tem sede própria. ele se veste na casa de um, na casa de outro, no centro, na Associação dos Moradores, isso aí que é interessante. Cada ano ele sair de um lugar diferente [...]⁴⁶

A organização do Bicho Caçador reconhece a "fúria" da turistificação. Porém, prefere não ter sede, não ser financiada, prefere a auto-organização que pratica, a "invisibilidade" e a fragilidade dos vagalumes:

Para conhecer os vaga - lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. [...]Assim, como uma literatura menor - como bem o mostraram Gilles Deleuze e Félix Guattari a respeito de Kafka -, haveria uma luz menor possuindo os mesmos aspectos filosóficos: 'um forte coeficiente de desterritorialização'; 'tudo ali é político'; tudo adquire um valor coletivo', de modo que tudo ali fala do povo e das 'condições revolucionárias' imanentes à própria marginalização. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 52)

Entretanto, segundo Ana Clara Torres Ribeiro, “ Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político” (RIBEIRO, REVISTA MARIMBONDO/MG, 2011, p.72) um bloqueio por parte dos mecanismos de controle da vida social e de manifestação da vida coletiva. E que mantém as mais tradicionais formas de ler, ver e de fazer política; não associam, ou não

⁴⁶Depoimento do organizadores do Bicho Caçador pg.98.

reconhecem outros modos de ações, de experiências urbanas que estão coimplicados no fazer política. São esses outros modos de ações que instauram, ou problematizam a luta, o confronto com o que é diferente, modifica a vida urbana e os imaginários também. Manifestações como O Bicho Caçador estão profundamente baseadas nas lutas contra opressão, numa luta de direitos de expor suas experiências no espaço público, sem o juízo de valor e/ou recompensa. O que acontece no bairro Porto de Trás e com a manifestação do bicho não é apenas resistência à turistificação, mas de ocupação pelo uso da cidade. Trata-se dos habitantes mostrarem os seus valores e as suas práticas dentro do contexto em que vivem. E que por mais que muitos habitantes não experienciem em seus corpos algo que amplie as suas percepções de si mesmo e de suas condições, os depoimentos nos confirmam que mesmo em experiências menores, na fragilidade dos vagalumes, segundo Didi - Huberman, abrir o imaginário é contribuir positivamente para o ativismo político.



FIGURA 19 - Saída do Bicho Caçador do bairro do Porto de Trás
Fonte: acervo de imagens da Associação Cultural Tribo do Porto

Pois quem não atua no Bicho Caçador e só ouviu falar ou viu passar e não tem qualquer relação com a coisa, queixa-se por ele não se tornar turístico, com ampla divulgação sobre a história, o enredo, as explicações sobre os movimentos da dança, das roupas e da programação/roteiro. Veja num dos depoimentos:

[...]Por exemplo, o Bumba meu Boi tem uma história, um roteiro, você entende qual a representação que está sendo feita. E no Bicho Caçador não tem essa coisa formalizada. Pra mim, isso é uma coisa que falta, mas também não sei se falta, vai

ver que é assim mesmo. Quando eu fui a São Luís, tem o museu explicando tudo sobre o Bumba meu Boi, e aqui não tem.[...] ⁴⁷

O apelo e a necessidade de experiência instrutiva são características da eterna peregrinação turística. São dispositivos que têm em suas características deslocamentos das coisas mantendo-as intactas as suas forças e que se limitam a deslocar de um lugar para outro, esta organização compõe o controle, o isolamento, um exercício de poder vinculado com o modelo sagrado, que está diretamente relacionado com o não uso dos espaços, das ações dos homens:

Se os cristãos eram ‘peregrinos’, ou seja, estrangeiros sobre a terra, porque sabiam que tinham no céu a sua pátria. Os adeptos ao novo culto capitalista não têm pátria alguma, porque residem na forma pura da separação. Aonde quer que vão, eles encontrarão, multiplicada e elevada ao extremo, a própria impossibilidade de habitar que haviam conhecido nas suas casas e nas suas cidades, a própria incapacidade de usar, que haviam experimentado nos supermercados, nos shopping centers e nos espetáculos televisivos. (AGAMBEN, 2007, pg.73)

Pois diante das instruções, das explicações do lugar em si, da coisa em si, esses corpos recusam-se, hoje, a experimentá-los, como também a conviverem com o que é diferente.

Podemos ver nos depoimentos⁴⁸: muitos falam da dificuldade de informação e da própria disponibilidade da manifestação do Bicho Caçador em relação ao público. Há também a dificuldade em relação às qualidades dos movimentos dos dançarinos - são agressivos, um tanto assustadora a proximidade desses corpos dançantes com o público, além da falta de transparência na composição e sequência dos movimentos. Isso causa a não identificação dos dançarinos por conta das máscaras, que geram expectativa e desconforto; O Bicho Caçador não é samba nem capoeira. A auto-organização na elaboração da dança improvisada em cada casa e a valorização do modo particular de cada um dos dançarinos são entendidas, muitas vezes, como “perda de qualidade” do Bicho Caçador.

O bairro não se prepara fisicamente para receber visitantes/turistas; não “arruma a casa”: uma visão puramente publicitária, ou seja, espaços assépticos⁴⁹ onde os conflitos são devidamente eliminados, na tentativa de eliminar a vitalidade dos espaços populares. Um projeto foi até

⁴⁷Anexo depoimento pg.81.

⁴⁸ Anexo pg. 81-82, 87 e 95.

⁴⁹Ver mais detalhes no artigo Notas sobre espaço público e imagens da cidade de Paola Berenstein Jacques, 2009 no site: <http://www.vitruvius.com.br> e no capítulo III desta dissertação.

feito para a padronização deste bairro, mas não foi realizado. Um espaço a céu aberto que seria transformado em ponto turístico; essa organização estaria direcionada a um tipo de público que usaria os seus cartões de créditos internacionais. Ou até mesmo a festa de São João no bairro Porto de Trás, que já é patrocinada por uma empresa privada: “o dinheiro investido da Petrobrás vale a pena?”⁵⁰



FIGURA 20 - Projeto não realizado para o bairro
Criação: U DESIGN

Mas com O Bicho Caçador as coisas são diferentes: percebe-se que quem tem relação com ele, com a festa e com quem o recebe em casa ou acompanha sua saída está envolvido por força de transmissão de hábito cultural na família, na cidade e não por modismo folclórico ou por agenda turística.

Por sua vez, a dança do Bicho Caçador não tem os seus parâmetros na coreografia, coordenada por uma lógica narrativa, com sequências de movimentos e passos distribuídos no espaço, sempre criados pelo coreógrafo e executada ordenadamente pelos dançarinos; neste ponto de vista um projeto para o corpo. E nem tão pouco, o seu percurso, na cartografia - na coleta de dados quantitativos e escalas ordenadas do espaço urbano (BRITTO E JACQUES, 2003).

⁵⁰Mais detalhes sobre esta questão no Anexo depoimento pg.93-94.

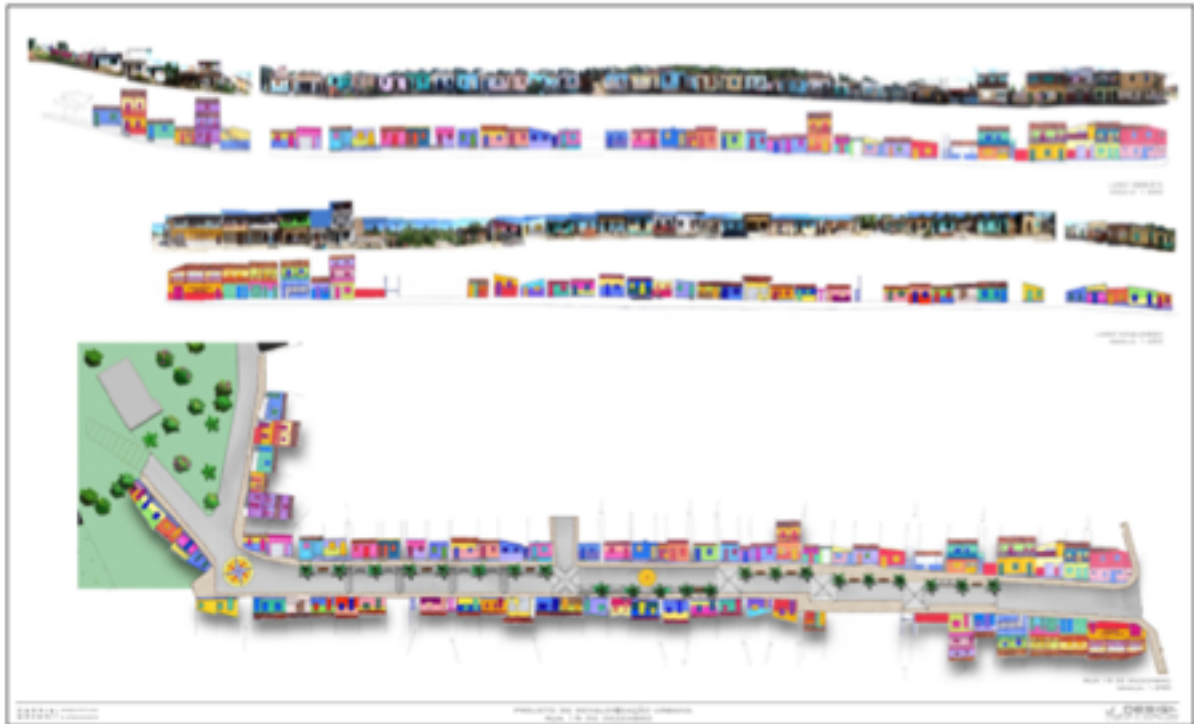


FIGURA 21 - Projeto não realizado para o bairro
Criação: U DESIGN

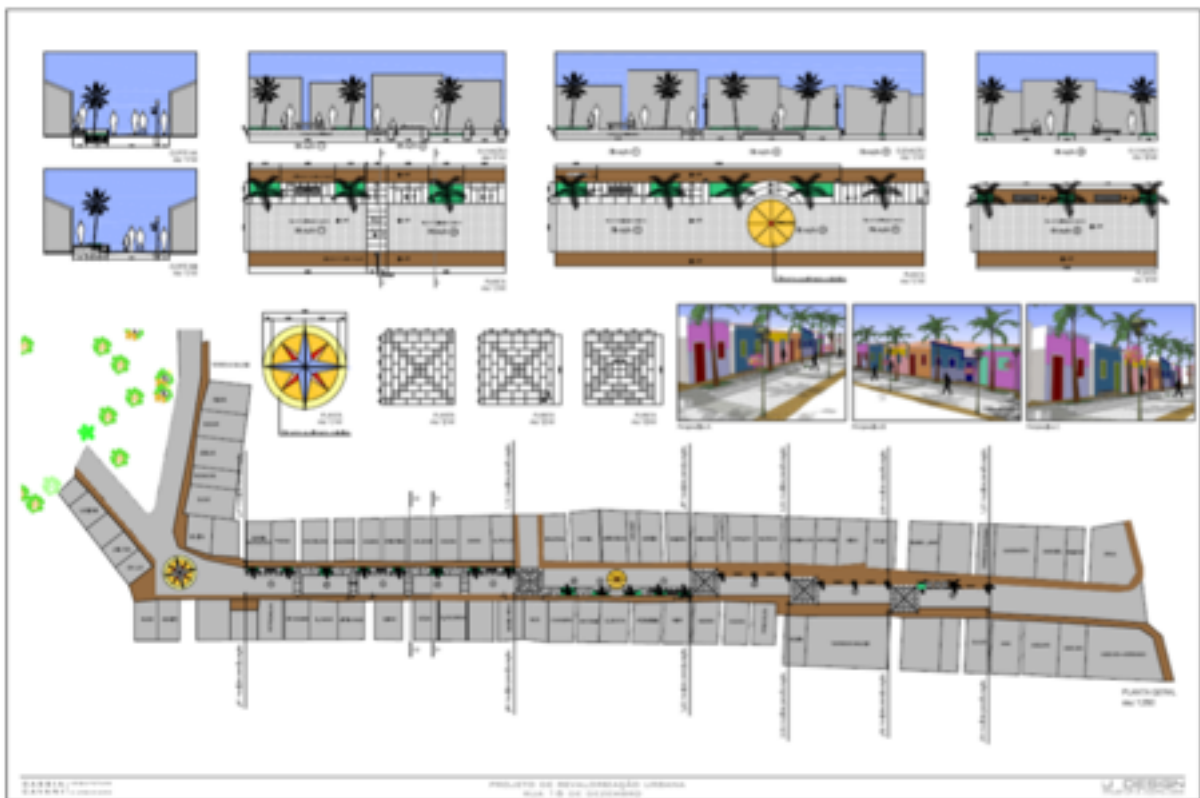


FIGURA 22 - Projeto não realizado para o bairro
Criação: U DESIGN

O Bicho Caçador, denominado como corpografia que dança⁵¹, mostra-nos que o projeto urbano turístico de Itacaré exclui tudo o que escapa ao projeto tradicional, explicitando as frágeis práticas urbanas, o combate aos poderes hegemônicos e do pensamento dominante do espaço vivido, e também a apropriação do espaço público. Diferente do comércio, com suas portas abertas e sua carga horária de trabalho relacionada diretamente ao público específico, dos roteiros turísticos mais vendidos da cidade de Itacaré e mapas, como também das logomarcas espalhadas na cidade com os seus grandes tamanhos para alcançar os olhos de cada cliente. Cada ano o percurso do Bicho Caçador, na cidade de Itacaré, modifica-se assim como a vida, a construção da história e a produção de ideias. A cena escolhida para este “percurso mutante”⁵² não está nos roteiros turísticos, ou distribuídos em faixas e cartazes pela cidade e nem nas áreas comerciais voltadas aos turistas⁵³. Este percurso se constrói no presente que segue. É a presença da sistematicidade popular nas ruas da cidade.

A construção dos movimentos do Bicho Caçador está relacionada ao ambiente de existência, com o modo de ser e de mover de cada dançarino. A composição desta dança se faz a partir da observação do próprio bicho, na escuta do toque do pandeiro e do timbau. Com isso, cada corpo da manifestação apresenta o resultado dos processos relacionais das situações e dos ambientes vividos na cidade de Itacaré, mostrando assim a diferença entre os dançarinos, pois cada integrante constrói uma “grafia corporal” que lhe é própria. No momento da exposição do bicho, há uma expectativa, uma curiosidade por parte do grupo que acompanha em saber, e tentam descobrir quem, a partir desta grafia corporal, está dançando?

Essa composição de dança não funciona como um produto com sua imagem publicitária para um consumo imediato e destacável, como na lógica espetacular de criação de imagens, ou uma técnica de dança cuja repetição tornasse alguém apto para dançar. A organização do Bicho Caçador recusa a homogeneização dos movimentos, treinamentos e métodos de ensino, pois valoriza o modo particular de cada um dançar como um fator de identificação, já que estão todos mascarados.

⁵¹Tema abordado no capítulo III.

⁵²Ver figura de n° 23 e n° 24 dos percursos mutante.

⁵³Remeto ao capítulo I desta pesquisa.



FIGURA 23 - Percurso do Bicho Caçador / 2011
Desenho: Verusya Correia



FIGURA 24 - Percurso do Bicho Caçador/2012
Desenho: Verusya Correia

Quem dança O Bicho Caçador apresenta a sua movimentação no tempo presente, as mais variadas situações encontradas neste “percurso mutante”; e o entrar e sair das casas nos informa que a própria temporalidade dessa ação dançante precisa se reorganizar no corpo e se adaptar com o que emerge desse processo.

[...]nas margens, isto é, através de um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre as quais sabemos pouco, logo para os quais uma contrainformação para sempre mais necessária. Povos-vagalumes, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do “reino”, fazem o impossível para afirmar seus desejos, emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros. (DIDI-HUBERMAN, 2011, pg. 155)

Lia Rodrigues, coreógrafa carioca, de sua parte, havia compreendido, por exemplo, em sua experiência no Complexo da Maré que sua companhia de dança⁵⁴ no seu espetáculo Encarnado, em 2005, que formas assumidas da diferença implicam ou supõem certa posição política. Deste modo, a manifestação do Bicho Caçador tem uma relação direta com este posicionamento político, da diferença, da alteridade nas ruas de Itacaré, como também no imaginário coletivo “... a dança viva dos vagalumes se efetua justamente no meio das trevas. E que nada mais é do que uma dança do desejo formando comunidade...” (DIDI-HUBERMAN, 2011, pg. 55).

Neste sentido, reconhecer ambiente como continuidade do corpo, como propõe Fabiana D. Britto (2010), onde os processos interativos do ambiente circundante quanto o do corpo estão coimplicados, construindo uma continuidade de modificações entre os dois sistemas, assim o meio é extensão do homem, tanto quanto o homem é extensão do meio. A capacidade de manipulação e resolução de problemas vai depender de estratégias e dos sistemas perceptuais possíveis de cada corpo.

Como abordados em dois dos depoimentos coletados:

É uma manifestação muito importante para a cidade, já é uma tradição. Aqui na cidade não tem um movimento cultural, ações como esta não há em Itacaré. O importante é que este encontro resiste a toda uma política de abandono, colocando a cidade em movimento. Por exemplo, as crianças, os adultos acompanham essa manifestação. Isso é muito interessante, pois de algum modo fica alguma coisa dessa experiência em cada um, e deve ser por este motivo que não acabou. (depoimento de uma moradora de Itacaré/BA- Adelenisia Silva Santos, 2011)

⁵⁴Em 2003, a Lia Rodrigues Companhia de Danças foi convidada por Silvia Soter para colaborar com o hoje extinto, Centro de Estudos e Ações Solidárias na Maré, na Casa de Cultura da Maré, no Morro do Timbau, para onde transferiu suas atividades diárias, ajudando a construir e a garantir a manutenção do local adequado para a dança, além de oferecer aulas e oficinas para jovens da comunidade e doar um grande acervo de vídeos de dança e livros. Antes, a sede dos ensaios desta companhia era na Zona Sul do Rio de Janeiro no Teatro Nelson Rodrigues.

Outro:

Se o turista tem conhecimento da história do bicho, é uma informação a mais da cultura de Itacaré; se ele não tem, então não tem importância. É algo que passa despercebido. E os turistas têm a vontade de conhecer o Porto porque todos falam da tradição que eles mantêm: um tipo de secar o peixe em frente de casa. É preciso ser mais divulgado tanto o bicho como o bairro. (depoimento de uma moradora de Itacaré/BA - Josenia Maria de Souza Pereira, 2011)

Pois a partir de uma dada percepção de mundo, existe todo um jogo de condições para evoluir com o crescimento de complexidade ou não. Com isto, os processos hegemônicos de uma dada realidade oferecem em seu sistema baixa diversidade, baixa variação na natureza das suas relações: uma boa estratégia para lidar com o entendimento de conservação, consenso e ordem.

Todavia, quando se está diante da manifestação do Bicho Caçador, que percorre dançando as ruas de Itacaré, podemos reconhecer a noção de que “a dança é uma atividade que se baseia na corpografia de quem dança” (BRITTO, 2011) e, portanto, O Bicho Caçador é uma ação que se baseia no modo como as pessoas do bairro do Porto de Trás sintetizaram em seus corpos a interação delas no ambiente urbano em que vivem - a cidade de Itacaré.

Ao recorrer ao material coletado durante a pesquisa, vimos que a cidade de Itacaré se rendeu e ainda se rende ao modelo turístico-monumental das cidades contemporâneas, baseado no princípio do consumo de imagem mais do que do uso espontâneo, conforme analisa a arquiteta urbanista Paola B. Jacques (2012). As diferenças culturais tendem a desaparecer, visto que uma outra visão de mundo se concretiza - *o espetáculo* (Debord, 1997) -, pois todas as ações decorrentes desta suspensão da temporalidade são justificativas para a continuidade e a preservação do sistema hegemônico. Porém, em seu livro *Sobrevivência dos Vagalumes*, o filósofo e historiador de arte Georges Didi-Huberman (2011) nos chama a atenção e apresenta a diferença entre a “grande luz” (*luce*) do Paraíso e a “pequena luz” (*lucciola*) dos pirilampos, dos vagalumes. As luzes menores estão relacionadas à desterritorialização, segundo Deleuze e Guattari, com o valor coletivo, com ações revolucionárias indo de encontro aos poderes dominantes. Por mais que frágeis e temporárias, elas sobrevivem, escapam, desviam do poder de controle. No entanto, qualquer maneira de imaginar é uma maneira de fazer política. E o autor nos fala que, apesar de tudo, dos sinais do facismo triunfante atingirem um número

significativo de pessoas, aniquilando os desejos, a inocência, os gestos de cada um, pela luz “feroz” dos projetores, os vagalumes não desapareceram, havia lampejos, brechas:

[...] Quando Pasolini emprega a palavra superlativa de ‘genocídio’, nessa época de enfraquecimento cultural que ele define por meio da expressão ‘genocídio cultural’ [...], nos tempos do fascismo histórico, resistir, ou seja, iluminar a noite com alguns lampejos de pensamentos, por exemplo, relendo o Inferno de Dante, mas também descobrindo a poesia dialetal ou simplesmente observando a dança dos vagalumes em Bolonha em 1941[...]. (DIDI-HUBERMAN, Georges, 2011, pg. 28)

Este enfraquecimento cultural ou o assujeitado ou reduzido às diferenças, como se referiu Pasolini (Didi-Huberman, 2011), nada mais é do que a claridade dos ferozes projetores da espetacularização, a grande luz, a linha do horizonte com o seu modo homogêneo de lidar com as situações. Pode-se identificar na cidade de Itacaré o comércio seletivo, a publicidade de um eterno bem-estar com a natureza, os espaços direcionados para um nível social, a não convivência dos nativos com moradores vindos de outras localidades, etc. Este enfraquecimento cultural pode ser também relacionado à ideia da cidade-mercadoria, do planejamento estratégico, da venda da cidade como imagem de marca, toda uma rede de negociações para compor as redes globalizadas de cidades turísticas e culturais (Jacques, 2012). Vimos nesses últimos anos a corrida acelerada das grandes empreiteiras e o poder público financiando os megaeventos, como a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016.

E quanto aos que colaboram para o fortalecimento desta estratificação, em prol da preservação das hierarquias sociais na tentativa para a eliminação dos valores e comportamentos contraditórios na construção de consensos, não são mais do que corpos transformados em mercadorias. Segundo Pier Paolo Pasolini, “[...] o comportamento imposto pelo poder do consumo[...]”⁵⁵, bem diferentes dos inocentes vagalumes, dos que instauram um tipo de organização condizente com o “valor de não ser visível”, de ser não-espetacular. Quando *O Bicho Caçador* sai pelas ruas de Itacaré, ele nos mostra o poder específico das culturas populares, quando não transformadas em mercadorias, pode-se reconhecer nesta manifestação uma capacidade de resistência histórica. Logo, política.

⁵⁵Ver DIDI-HUBERMAN, Georges, op cit, pg. 31.

4 O ATIVISMO POLÍTICO

4.1. O CORPO

4.1.1 Modo de composição

No Bicho Caçador, há o samba duro, mas há também um outro ritmo que os organizadores identificam como o ritmo da “marcha”, uma outra temporalidade e, sobretudo, uma outra qualidade de corporalidade que os participantes adquirem quando dançam, diferente do samba e da capoeira (ritmos já conhecidos). Com ações básicas (andar, correr, dançar), essa prática social apresenta uma heterogeneidade nos movimentos dos seus participantes. A dança/movimentação valoriza o modo particular de cada um dançar. A partir da síntese voluntária ou involuntária da relação entre os personagens (o bicho dominado e o caçador dominador), os moradores do bairro do Porto de Trás constroem suas danças. Esse confronto/dança não propõe uma representação realista da realidade da cidade de Itacaré, mas nos mostra uma tenacidade entre as fronteiras espaciais/temporais da cidade.

Não há uma metodologia de ensino ou treinamento para o aperfeiçoamento dos dançarinos que representam o bicho e o caçador, assim como as notícias da cidade ⁵⁶. Este conhecimento é adquirido a partir das conversas, histórias, nos encontros na rua, no ver a dança do próprio Bicho Caçador. Revela-se que a preparação e a construção da “grafia corporal” de cada dançarino tanto antecede como procede a saída do bicho.

O Bicho Caçador apresenta um outro corpo para a cidade de Itacaré e dá visibilidade a uma outra forma de sociedade não burguesa, muito mais espontânea, como também menos individual e mais coletiva. E mostra uma outra dança, uma forma diferente de construir, de elaborar seus movimentos, tendo como referência pessoas próximas do seu convívio. Os materiais utilizados nesta composição seguem a mesma lógica, desde os materiais mais antigos até os atuais. Na vestimenta, por exemplo, utiliza-se materiais que já foram usados, restos e pedaços misturados com muitos outros. A partir daí, surge uma outra forma de apresentação visual. Durante o percurso, a não definição da forma a ser atingida detalhadamente revela a ação aleatória, a instabilidade, a construção de materiais cênicos inventados naquele momento.

⁵⁶ As notícias em Itacaré são propagadas, principalmente, por via oral. É o famoso boca a boca. As conversas acontecem nas ruas, as informações transitam.

Assim, se fortalece o modo particular de cada dançarino construir e realizar os seus gestos. O Bicho Caçador apresenta a própria dança como um fator de identificação e pertencimento, já que além de estarem todos mascarados, ainda há possibilidade de troca entre os dançarinos durante o percurso, gerando curiosidade e expectativa para outros participantes.

Corpos anônimos, particularidades, criação coletiva, lógica não linear são características desta composição/dança popular, uma dança improvisada, sem projeto-coreografia, uma dança inventada na hora.

Assim, a composição da dança do Bicho Caçador tem os seus parâmetros na improvisação, na dança não profissional, na heterogeneização dos movimentos dos dançarinos, na coautoria, na experiência urbana.



FIGURA 25 - O Caçador e o Bicho
Foto: Verusya Correia

4.1.2 Modo de movimentação

A experiência de entrar e sair das casas no bairro Porto de Trás, entre os seus moradores, o trabalho compartilhado na rua principal, as decisões do bairro sendo tomadas no espaço aberto e o brincar das crianças que circulam livremente pelas ruas promove uma percepção

espacial singular. À medida que esses corpos vão ganhando espaço nas ruas do centro da cidade, vai-se descobrindo um ritmo de caminhar, de se mexer, proposto pela própria organização do bairro.

A locomoção do Bicho Caçador ora se dá com uma caminhada agressiva um tanto acelerada nas ruas com um aglomerado de pessoas que seguem a cadência da marcha; deslocando-se pela cidade, com passos largos, quase sem olhar no seu entorno, numa espécie de concentração, acúmulo de energia, preparação para o confronto; e ora com uma caminhada despojada com alegria, amparada nas relações de pertencimento e interação entre os moradores do bairro, os demais habitantes da cidade e turistas.

Cada participante, até com o mesmo personagem (o bicho e o caçador) constrói sua dança, sua movimentação, apresenta sua síntese a partir da relação entre os donos das casas, na rua que passa. Memórias da sua experiência urbana colaboram e compõem a sua movimentação. A diferença das intensidades em cada casa que O Bicho Caçador dança, sua relação com o entorno e afetos ali são expostos. Nesse sentido, não há uma imposição a homogeneização das relações tão em voga nas relações publicitárias e nos comércios turísticos. Portanto, essa dança não-profissional e sua evolução se configura a partir dos deslocamentos corporais, de uma memória coletiva e coimplicada na construção de referenciais a partir do meio urbano.

O penetrar nas casas é uma continuidade do modo de movimentação do espaço público para o espaço privado e vice-versa. Com uma movimentação nada convencional, O Bicho Caçador entra nas casas e, ora com formas esquisitas ou marginais, instaurando uma tensão e medo nas casas visitadas, ora com intimidade constroem situações em que o outro cuida desses corpos que dançam.

Os confrontos nas relações de poder emergem nos pares de oposição, representados pela movimentação deste cortejo: público e privado; exclusão e pertencimento; dispersão e concentração coabitam de forma objetiva as condições de realização deste cortejo, que circulam para mostrar uma outra posição que embaralha a nova hierarquia socioeconômica local, posto que o fluxo populacional que afluiu para o município, com a implementação do turismo, reconfigurou valores, hábitos, instaurou costumes segregatórios e redesenhou as territorialidades urbanas da cidade de Itacaré.

4.2 O AMBIENTE

4.2.1 Modo de organização

A espera do Bicho Caçador é vivida à base de muita bebida alcoólica, muitos dos seus participantes já estão embriagados no primeiro confronto do bicho ainda no bairro do Porto de Trás. Nessa noite, a embriaguez está autorizada, uma certa alegria, um diferente estado corporal é imprimido tanto nos que acompanham o cortejo como nas casas em que o bicho dança. Esse “estado”, esse corpo embriagado sem foco é que direciona o percurso nas ruas da cidade. A sinuosidade, a incompletude dos movimentos, o estar perdido corrobora com este roteiro do Bicho Caçador. E podemos ainda encontrar a imprevisibilidade deste percurso, tanto na modificação dos integrantes quanto na disponibilidade das casas.

O modo de organização do Bicho Caçador, seu modo de organização, emerge através das relações sociais das pessoas do bairro do Porto de Trás e isto se estende pelo centro da cidade, na medida que os moradores do centro abrem suas casas para recebê-lo, habitantes dos outros bairros e turistas participam deste encontro.

O seu roteiro, mesmo básico, mostra-nos a extensão deste encontro, desta dança coletiva e itinerante. Sai do bairro do Porto de Trás e rompe as ruas do centro de Itacaré (região tão privilegiada antes da BR 001) com um percurso mutante, que se modifica a cada ano, a cada momento, por conta da troca dos integrantes, da embriaguez de seus participantes, da solicitação de uma casa para O Bicho Caçador dançar e/ou, até mesmo, do encontro de uma casa fechada. O andar, o correr, o dançar em conjunto, revela o não planejamento de roteiro, a não indicação para serem guiados. Este regime espontâneo instaurado pelo roteiro do Bicho Caçador nos mostra uma auto-organização desta dança itinerante, pois a cada ano eles ajustam-na às suas necessidades e possibilidades.

Com esse regime, a organização de roteiro nos revela um outro modo de ação, baseado na espontaneidade que é própria à vida. A cena escolhida para este percurso não está nos roteiros turísticos ou distribuídos em faixas e cartazes pela cidade e nem nas áreas comerciais voltadas aos turistas com os seus cronômetros. O roteiro se constrói espontaneamente pela presença e sistematicidade popular nas ruas da cidade.

4.2.2 Modo de transmissão

Em uma conversa, um curto comentário, uma história fragmentada do Bicho Caçador na cidade de Itacaré, podemos ver estruturas móveis neste modo de transmissão, voluntárias ou involuntárias, com padrões não lineares e com lacunas que dificultam a orientação das informações sobre o bicho e sua saída. Pois, mesmo fazendo parte do “calendário oficial” das festas da cidade, encontramos moradores que nunca viram, nunca ouviram falar deste cortejo (ver no anexo). Até mesmo os que trabalham na zona turística ficam surpresos, por conta da desinformação. Mas, também encontramos moradores de outros bairros que têm um conhecimento muito familiar sobre o Bicho Caçador e outros que querem saber à respeito, mas não encontram modos de acesso.

Este modo de transmissão emerge por diferentes fatores: primeiro, pela não institucionalização do Bicho Caçador: não há um controle, reuniões periódicas para discutir o bicho e sua saída, nem um planejamento estratégico de criação e avaliação como objetivo o aperfeiçoamento ou o “melhoramento de qualidade” dos corpos que dançam; segundo pela gratuidade da participação, não há um fundo de capital ou nem mesmo patrocínio para este evento acontecer, por escolha das pessoas que estão à frente; terceiro por não haver um plano de divulgação pela cidade, pelos meios acessivos, como a FM Itacaré – uma rádio comunitária – e/ou a bicicleta do Nem – que é o mais popular meio de divulgação da cidade – , como também não há distribuição de cartazes nos lugares de maior circulação da cidade, indicando hora, data da saída e a identificação dos participantes. Os organizadores/realizadores preferem a “invisibilidade” desta divulgação e este regime de transmissão instaura um tipo de organização condizente com este “valor de não ser visível”.

Porém, instaura-se de um modo quase imperceptível, uma animação, uma alegria, tanto no bairro do Porto de Trás quanto no centro da cidade com comentários, perguntas sobre O Bicho Caçador. Este procedimento tanto antecede como procede a sua saída. São estes rastros, as diferentes narrativas das experiências do Bicho Caçador nas ruas, nas casas que compõe esta transmissão.

Isto difere do dispositivo publicitário dos eventos com patrocínios, das ações de modismo folclórico ou de agenda turística. Seria mesmo o seu oposto pois se constitui de uma estética própria, com características singulares do bairro do Porto de Trás diferentes da estética que vigora na cidade de Itacaré como resultante do seu planejamento turístico-comercial.

Com isso, o acesso à ampla ou pouca divulgação sobre a sua história, enredo, bem como as explicações sobre as roupas, os movimentos e a programação/roteiro se restringe a um grupo específico de pessoas que estão envolvidas no processo por meio de transmissão oral/corporal dos hábitos culturais na família e na cidade.

4.3 O ATIVISMO

4.3.1 Modo de participação

Na composição do Bicho Caçador há diferentes papéis que se apresentam nesta caminhada dançante. Temos o caçador, com uma certa perspicácia que demonstra o desejo de capturar a sua presa, representando assim o poder hegemônico. Em seguida, vêm os dois bichos que trazem para a cena o “tremar”, como um *design* próprio de corpo e movimento por conta da vestimenta. A instabilidade dessas suas movimentações, sugerindo uma tensão entre a relação dos dominantes com os dominados estabelecem assim as bases do confronto. No decorrer desta caminhada, pode-se ver “acompanhantes-protetores” do Porto de Trás que vigiam este pilar. Estão ali para protegerem principalmente os bichos tomando conta das vestimentas e atentos às necessidades deste trio. Eles se camuflam no meio do aglomerado correndo e dançando com os demais. Os moradores das casas que se abrem são os apoiadores, cada um contribui a seu modo para a continuidade deste encontro (ver no anexo). É no espaço privado dessas casas que o pilar se reorganiza, se prepara para o combate no espaço público e, ao mesmo tempo, esses moradores juntam-se com os habitantes dos outros bairros e turistas para correrem, dançarem, verem o caçador e os bichos confrontarem entre si.

Nesta composição não há “espectador”, com um espaço reservado, separado, o que existe é um “corpo” de participantes assim composto: os “acompanhantes-protetores” do bairro do Porto de Trás, os moradores das casas que se abrem, os habitantes dos outros bairros e os turistas. Este cortejo requer a participação corporal deste “corpo”, pois além de ser seguido, o cortejo requer que se veja, que se movimente, que se cuide e, em última análise, que se dance. Percebe-se a espontaneidade da composição na sua estrutura. Essa prática social tem como princípio a ação participativa pela ideia de coletividade anônima, incorporada nos habitantes do bairro do Porto de Trás. Como o aglomerado segue o pilar com uma certa dispersão, as

peessoas dançam sozinhas, mas como um grupo coeso. O corpo se apresenta não como suporte, mas com a possibilidade de descoberta da experiência do próprio corpo.

O campo de participação oferecido pela dinâmica do acontecimento estabelece uma coautoria deste “corpo” citado acima, juntamente com os organizadores, o caçador, os bichos e os moradores do bairro. Todo o processo da sua construção e a dinâmica da sua evolução nas ruas do centro da cidade mostram a importância deste poder compartilhado em torno dos valores que são defendidos nesta manifestação, a exemplo da heterogeneidade das funções; da maneira da dança ser inventada no instante em que acontece; do roteiro não definido mas a se construir durante a sua realização, da espontaneidade corporal, do anonimato.

A ideia de participação vigente no Bicho Caçador compõe um bloco com todos os envolvidos, nos seus diferentes níveis de envolvimento neste ambiente e diferentes escalas de temporalidade deste envolvimento.

4.3.2 Modo de ocupação

Na rotina da cidade, podemos ver incorporadas nos seus habitantes estruturas rígidas segregatórias espalhadas neste mapa horizontal de Itacaré: nos seus modos de circulação, de lazer, nos espaços de compras, na área de trabalho e moradia; cada grupo (dos nativos, dos sulistas, dos forasteiros, dos estrangeiros) isolado nos seus próprios espaços de convivência sem o contato com a diversidade de níveis socioeconômicos desta população. Mesmo que o turismo tenha criado uma cidade mais misturada, essas fronteiras mantêm-se bastante segregadas.

O modo de ocupação e o uso da espacialidade dessa cidade nos revela o regime discriminatório, pelo pouco deslocamento das pessoas, por não frequentarem ou até mesmo não conhecerem determinados bairros e costumes dessa pequena cidade. O não fluxo se estende a todos os grupos citados acima.

Porém, para os moradores do Porto de Trás e habitantes de outros bairros que participam da saída do Bicho Caçador, em sua extensão pelo centro da cidade, esta prática é uma das manobras para o não esquecimento dos costumes, do modo de viver deste bairro. Diálogos, encontros, movimentos, gestos e diferentes experiências de vida coexistem neste deslocamento. Este deslocamento chega ao bairro onde estes papéis se invertem, alterando a

lógica do que foi encenado no centro da cidade, pois os bichos abafam o caçador no final do cortejo. Revela-nos uma tenacidade entre as fronteiras espaciais da cidade diferentes do santuário; as pessoas se tornam vivas expondo-se, reconhecendo e dialogando como partes discordantes. Pois só os mais resistentes, os que atravessam a cidade e penetram neste bairro, conseguem ver o golpe final deste combate/dança profanatória (no sentido proposto por Agamben), pelo uso transgressor das regras segregatórias, e disciplinares de convívio, que o dançar junto promove.

O Bicho Caçador segue o modo espontâneo dos moradores do Porto de Trás, como corpos anônimos, com suas particularidades, com a sua criação coletiva, diferenciando-se, assim, da política do silêncio, do isolamento e do controle. Esses procedimentos se instauram nesta noite ocupando espaços interditos na época do auge do cacau da cidade de Itacaré. Nessa noite, o centro da cidade se transforma no quintal deste cortejo dançante: segue à frente, vira à esquerda, entra nas casas, inicia-se o confronto, escuta-se o estampido, instaura-se uma dispersão desce a ladeira, pessoas desconhecidas se juntam neste aglomerado, etc. Podemos ver o uso da cidade transgredindo suas fronteiras socioeconômicas cotidianas.

Nesse sentido, o ambiente urbano como campo de processos compartilhados, instantâneos e heterogêneos compõem toda a operação criativa de uma dança não profissional, do confronto do poder dominante com o poder dominado simbolicamente representado pelo caçador e o bicho, e do seu deslocamento na cidade de Itacaré.

De acordo com a ideia de corpografia urbana, desenvolvida por Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques, este contexto em que ocorre o Bicho Caçador é, para o corpo dos habitantes da cidade, do bairro Porto de Trás e dos participantes da manifestação, uma condição de relacionamento com o ambiente urbano em que vivem, a partir da qual, são formuladas suas corporalidades.

Partindo da noção de profanação sugerida por Agamben (2007) como modo de deslocar, modificar os dispositivos de poder, restituindo ao uso comum os espaços, as ações dos homens e tudo aquilo que estava isolado, inacessível, sacralizado, entendemos o ativismo político como atuação crítica de profanação do espetáculo – valor que permeia e princípio que sedimenta a organização dinâmica tanto das cidades contemporâneas, quanto da dança e do próprio corpo existentes nestes contextos.

Profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender com elas um novo uso, a brincar com elas. A sociedade sem classes não é uma sociedade que aboliu e perdeu toda a memória das diferenças de classe, mas uma sociedade que soube desativar seus dispositivos, a fim de tornar possível um novo uso, para transformá-las em meios puros. (AGAMBEN, 2007, p. 75)

Assim os modos de composição, de movimentação, de organização, de transmissão, de participação e de ocupação praticados na dança do Bicho Caçador ao profanar a cidade, profanam também a própria “dança” pelos usos transgressores das regras segregatórias, e disciplinares de convívio e sociabilidade da sociedade local, e também das regras compositivas tradicionais de dança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do mapa horizontal da cidade de Itacaré/BA a partir das relações dos seus habitantes nos revela uma segregação espacial muito grande na cidade. Detecta-se uma tenacidade e um acirramento no convívio dos diferentes grupos: os sulistas, estrangeiros, nativos, forasteiros e turistas. Cada grupo limita-se a conversar entre si, a circular nos ambientes, principalmente no comércio, organizados para um público específico. Os turistas com os seus roteiros já programados percorrem a Rua da Pituba, as três praias dentro do perímetro urbano (Resende, Tiririca e Ribeira), fazem o tranquilo passeio de canoa no Rio das Contas com parada para cachoeiras e dão mais ênfase às praias fora do perímetro urbano (Prainha, São José, Jeribucaçu, Engenhoca, Havaizinho, Itacarezinho). Os nativos e os forasteiros, ligados ao comércio e/ou moradia na rua Joaquim Vieira, no bairro da Passagem, no Porto de Trás, no Bairro Novo, Centro – que são os mais pobres – se veem totalmente vinculados à “revolução urbana” do turismo, que se instalou na cidade de Itacaré com a finalização da estrada BR 001. Já os sulistas e os estrangeiros – os maiores investidores da cidade – também são vinculados por esta revolução, mas com uma certa mobilidade neste ambiente. A multiplicidade dos grupos sociais: os sulistas, estrangeiros, nativos, forasteiros e turistas e a indiferença entre eles coexistem na cidade de Itacaré. Ainda que o ciclo sazonal do turismo tenha criado uma cidade mais misturada, suas fronteiras “tradicionais” mantêm-se bastante segregatórias; cada grupo controla e guarda seu próprio território.

O bairro do Porto de Trás guardou o seu território, isto por conta da sua posição geográfica, pela falta da assistência do poder público, pela pobreza e pela memória coletiva amparadas nas relações de pertencimento e exclusão do meio urbano. Essa segregação e abandono contribuíram para o aumento da diferença entre os grupos sociais do/no cotidiano deste bairro em relação com os demais bairros da cidade de Itacaré.

Neste território, coabitam diálogos, conflitos, convivência em grupo e manifestações populares. O Bicho Caçador é uma dessas manifestações, que acontece anualmente, criada e realizada pelos habitantes do bairro do Porto de Trás. E o modo de produção, de organização e de ocorrência dessa dança acontece à margem das normas do mercado e do sistema oficial de profissionalização em dança, arte ou cultura. Uma dança já tradicional, espontaneamente organizada que ocorre na rua e se baseia nas experiências cotidianas de segregação experimentadas pela população nos espaços públicos em que vive. O Bicho Caçador produz

um tipo de transgressão das normas tanto de organização urbanística e da dinâmica sociourbana vigentes quanto da própria prática artística coreográfica, na medida em que subvertem a lógica segregatória e espetacular que se impõe atualmente como modelo hegemônico de cidade, de arte e, inclusive, de corporalidade (BRITTO E JACQUES, 2008).

Ainda que consideremos o fenômeno turístico como uma lógica de consumo hegemônica que reforça o modelo urbanístico de espetacularização das cidades e que provoca mudanças avassaladoras em quase todas as sociedades onde aporta, é preciso observar que nem todas as mudanças implicam apenas num processo de descaracterização das culturas locais. No caso do Porto de Trás, o turismo, decorrente da construção da estrada, provocou a reconfiguração do espaço urbano e acirrou a resistência mediante as novas copresenças, ao mesmo tempo em que possibilitou novos processos de organização social. São essas organizações em torno de atividades coletivas que permitem a atualização e identificação dos legados culturais locais e desafiam as normas segregatórias cotidianas dos espaços públicos.

Que não se pense que o reconhecimento e a visibilidade tornaram os moradores do Porto de Trás menos atentos. As modificações vindas pelo turismo não apagaram as lembranças da segregação socioeconômica sofrida por mais de um século, mas é fato que parecem mais convictos ou conscientes do diferencial que construíram. Pois elaboraram práticas de sobrevivência, formas de sociabilidade e ações criativas com recursos disponíveis à sua volta – aqui, compreendidas como consciência política da diferença. É a construção de um outro saber, de uma outra dança.

Segundo Ana Clara Torres Ribeiro,

[...] entre as resistências, incluem-se as práticas sociais que buscam garantir a circulação e a permanência do Outro nos espaços públicos. (RIBEIRO, 2004. in JACQUES, 2011, pag. 297)

Neste estado de captura hegemônica do Outro, tudo que se cria serve de mercadoria, objeto isolado em si, um total monitoramento de assédios. Olhamos para *O Bicho Caçador* e ele nos oferece uma “sismografia” íntima de uma parte da história política de Itacaré, na medida em que “[...] não propõem uma representação realista da realidade, mas que não deixam de lançar uma luz particularmente sobre a realidade de onde elas são provenientes.” (KOSELLECK, 1981. in DIDI-HUBERMAN, 2011, pg. 137). As experiências vividas na cidade de Itacaré

tornam-se, através do Bicho Caçador, imagens, percursos e experiências produzidos a partir das memórias e rastros dessas vivências. Não podemos renunciar a observar com os nossos olhos em direção a esses ambientes improváveis das cidades contemporâneas.

Didi-Huberman afirma que no reino animal há o jogo cruel da atração: poder da vida e poder da morte versus apelo à reprodução e à destruição mútua. Citando os estudos de etologia introduzidos por Adolf Portman, Huberman pontua que esse jogo:

[...] não há comunidade viva sem uma fenomenologia da apresentação em que cada indivíduo afronta - atrai ou repele, deseja ou devora, olha ou evita - o outro.” (DIDI-HUBERMAN, 2011, pg. 57)

Tal é, no entanto, o desespero do mercado turístico na tentativa de acoplar a manifestação do Bicho Caçador em seu roteiro, que vimos também nos depoimentos pessoas que pensam e desejam que esta manifestação popular seja um atrativo turístico para regastar a autoestima e inserir a população local nos benefícios do turismo, para agregar valores, contribuir para o aumento do índice dos atrativos culturais da região⁵⁷.

Nessa pesquisa mostramos um outro modo compositivo de dança, um elogio aos não profissionais de dança. Isso não quer dizer que o campo da dança não precise de profissionais, mas que não deixemos de olhar o trabalho criativo e/ou transgressor de grupos que têm em seus padrões organizativos as noções de coimplicação entre corpo e ambiente (BRITTO, 2008), corpografia urbana (BRITTO E JACQUES, 2008, 2010) e profanação (AGAMBEN, 2007). O Bicho Caçador transgride – desde o nome – as regras de convívio e ocupação do espaço urbano, pelo seu uso dessacralizador da segregação espacial, socioeconômica e étnico-cultural vigentes na cidade. Revela-nos corpos anônimos, a heterogeneização dos movimentos dos dançarinos, a experiência urbana, a criação coletiva, a dança improvisada, a dança inventada na hora e itinerante.

Reconhecer a cidade como um ambiente de existência do corpo, que tanto promove quanto está implicada nos processos interativos geradores de sentido implica reconhecê-la como fator de continuidade da própria corporalidade de seus habitantes. A dança seria, então, um dos modos de que dispõe o corpo de instaurar coerências entre sua corporalidade e seu ambiente de existência, produzindo outras e diferentes condições de interação desafiadoras de novas sínteses - novas corpografias. (BRITTO E JACQUES, 2003, pg. 82)

⁵⁷Pesquisa encomendada pelo Ministério do Turismo *Estudo de Competitividade (Relatório Brasil 2010)*.

Podemos agora afirmar que há comunidades vivas, há brechas, desvios, há lampejos para ver e desejar. Então, por que o bairro do Porto de Trás inventou O Bicho Caçador? Por que sua própria luz, sua própria distinção de um bairro nativo ainda não acabaram se consumindo, se apagando e nem aniquilado a si mesmos?

Este bairro, em relação ao Bicho Caçador, há algo central no desejo de ver, no desejo em geral, logo um ativismo político. A pesquisa se dá conta de que ao colocar a dança como uma atividade que se baseia na corpografia de quem dança (BRITTO, 2011) é compreender melhor, um certo discurso – poético ou filosófico, polêmico ou artístico, coletivo ou individual – apresentado atualmente em seu percurso e que quer fazer sentido para nós mesmos, para nossa situação contemporânea. Nos cabe agora irmos à procura das outras danças menores ou danças vagalumes.

6 ANEXO

Entrevistas

As entrevistas foram realizada entre janeiro de 2012 a setembro de 2012. Concentrei-me na obtenção informações referentes a manifestação do Bicho Caçador, sua relação com os entrevistados, e como também com a cidade. Dividi em três blocos, fiz entrevistas com: moradores do bairro Porto de Trás, os moradores de outros bairros do município de Itacaré, e no final com os realizadores da manifestação do Bicho Caçador. O conjunto desse material foi enriquecedor para construir tanto um mapeamento das diferenças do ponto de vista de cada entrevistado em relação a manifestação do Bicho Caçador, quanto para compreender e / ou perceber os simbolismos sobre a cidade a partir da manifestação do Bicho Caçador, como também sobre a situação deles na cidade a partir desta manifestação.

Nos depoimentos foram conferidos outros nomes dos depoentes reais. Esta ação deve-se à responsabilidade da pesquisadora para com os seus colaboradores, no sentido de não atribuir responsabilidades públicas por depoimentos que possam ser vistos como comprometedores. Os depoimentos coletados tem como base as seguintes perguntas. Segue abaixo o modelo:

Nome:

Bairro:

Naturalidade:

Idade:

Há quanto tempo mora em Itacaré:

1. Você conhece o BC⁵⁸? Qual a sua relação com o Bicho Caçador?
2. O que lhe leva abrir as portas para receber o bicho?
3. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?
4. Normalmente vc frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?
5. Qual a sua relação com o bairro do Porto de Trás?
6. Qual a sua relação com os outros bairros?
7. Que relação você vê entre o Bicho Caçador e o turismo?
8. Que relação você vê entre o Bicho Caçador e o cotidiano da cidade?

⁵⁸ BC - O Bicho Caçador

Moradores do bairro Porto de Trás

Nome: Rita Silva

Bairro: Porto de Trás

Naturalidade: São Paulo/SP

Idade: 39

Profissão: Advogada

Há quanto tempo mora em Itacaré: 6 anos e meio

Eu conheço o bicho. É uma manifestação muito antiga e tem haver com as raízes do Porto de Trás. É a alegria do povo que quando sai a manifestação. Eles estão fazendo uma coisa que eles sabem e que eles gostam. É uma manifestação que quando eu vejo nas ruas eu não entendo muito bem. Sei que é o bicho e o caçador, o caçador caçando o bicho e todo mundo bebendo no caminho, tem as casa que oferecem as bebidas, o pessoal vai dançando e bebendo, não dá para entender a história, não tem mesmo uma explicação, então só eles entendem, mais é interessante que muitos param para olhar, ou acompanham e as pessoas de alguma forma tentam entender o que aquilo quer dizer. Qual é o enredo? O que a manifestação quer dizer? Por exemplo o Bumba Meu Boi tem uma história, um roteiro, vc entende qual a representação que está sendo feita. E no Bicho Caçador não tem esta coisa formalizada. Pra mim isto é uma coisa que falta, mas também não sei se falta, vai ver que é assim mesmo. Quando eu fui em São Luis, tem o museu explicando tudo sobre o Bumba Meu Boi e aqui não tem. Com toda a vestimenta, mascara eles fazem os movimentos para assustar, as vezes as crianças ficam assustadas, tem uma coisa agressiva, é esta a ideia. Eu moro no Porto de Trás e para mim é como se fosse a minha casa. Já me sinto de lá. Depois deste 6 anos e meio quase 7. O que vejo é que pessoas como eu de São Paulo e dos estados do sul que vieram morar aqui em Itacaré criam os seus guetos e não de misturam com as pessoas da cidade e, se conhece mais as pessoas que trabalham em pousada, não tem contato nenhum com a população local, não faz a miscigenação de cultura, nada, zero. E a minha experiência é muito diferente, eu já não sei conviver com gente que não seja daqui direito, mudei completamente, o meu marido é do Porto de Trás, meu filho nasceu aqui. Existe uma diferença cultural muito grande, mas isto não impede a convivência. Me sinto muito bem com isto. Vejo claramente uma estratificação cultural aqui em Itacaré, não há disponibilidade dos que chegam em conhecer este outro.

Acho tudo isto muito estranho pois se estou num lugar, eu tenho que deixar me absorver por aquele lugar, porque senão não tem sentido, então eu ficava morando aonde eu estava. Pode ser que também por parte do bairro exista uma segregação com as pessoas de fora, vejo que tem resistências das duas partes. Mas se o outro se aproximar eles aceitam sim, vejo isto com a minha experiência no bairro que início foi difícil, por eu ser branca. Vejo que em relação ao Bicho Caçador as pessoas são mais contagiadas pelo ritmo, pela dança do que pela história em si. O que observo que é as pessoas de outros bairros não vão dançar o Bicho Caçador no Porto de Trás, elas seguem o Bicho Caçador já no percurso, nas ruas.

Nome: Caio Santos

Bairro: Porto de Trás

Naturalidade: Itacaré/BA

Idade: 52

Profissão: Militar/ vereador

Há quanto tempo mora em Itacaré: fiquei um tempo fora, mas meu lugar é no bairro

Conheço o Bicho Caçador desde pequeno, e o nosso cuidado é de não deixar morrer está tradição. É mais uma demonstração da cultura daqui do bairro, é muito importante a saída, esta saída festiva, que leva o nome do Porto de Trás para as pessoas que não conhecem e ficam curiosos para saber como surgiu, qual a importância que se tem, eu mesmo não sei como surgiu, eu só faço acompanhar. O nosso bairro até hoje é discriminado, tem o maior número de nativo aqui em Itacaré, e esta discriminação não sabemos identificar ao certo. Vejo que os outros bairros pensam que aqui só tem miseráveis, mendigos, eu sempre combato quando vinham trazer uma panela de sopa para o Porto de Trás e, ou se querem fazer uma doação é para o Porto de Trás, não levam para a Passagem, para o Bairro Novo, para Pituba, eu vejo esta diferença, eles tem como o bairro dos miseráveis dos necessitados e luto para que isto não aconteça. Veja o empreendimento que estou fazendo hoje com a abertura da 1ª auto escola da cidade no Porto de Trás. A empresa levará o nome do bairro para onde for. Vejo o bairro com pessoas dignas, honestas, trabalhadoras. Vejo nós unidos para algumas coisas e para outras não. Há uma relação da cidade muito efetiva com a manifestação do BC, as pessoas pedem pra ele retornar por isto que sai duas vezes no dia 06 de janeiro e depois sai a convite, no dia 26 aniversário da cidade. Você vê criança de 02 anos até a minha mãe de 80

anos que segue o Bicho Caçador. Hoje eu vejo a violência como um ponto negativo para estas festas, o que a gente vê é gente armado nas ruas hoje em dia, isto é preocupante.

Moradores de outros bairros

Nome: Fernando Silva

Bairro: Alto da Telebahia

Naturalidade: Visconde do Rio Branco/MG

Idade: 34

Profissão: Dentista

Há quanto tempo mora em Itacaré: 10 anos

1. Você conhece o BC? Qual a importância do Bicho Caçador para você?

R. Não. Não sei.

2. Que contribuição o BC trás para o turismo da cidade?

R. Por enquanto nenhum, não é divulgado.

3. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?

R. Não. Por que não sabia.

4. Normalmente você frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?

R. Só nos eventos sociais e festivos.

Nome: Maria Machado

Bairro: Alto da Telebahia

Naturalidade: Uruçuca/BA

Idade: 32

Profissão: Técnica em alimentos

Há quanto tempo mora em Itacaré: 09 anos

1. Você conhece o BC? Qual a importância do bicho caçador para você?

R. Não. Como não conheço nenhuma.

2. Que contribuição o BC trás para o turismo da cidade?

R. Se o turista tem conhecimento da história do bicho é uma informação a mais da cultura de Itacaré e se ele não tem esta informação então não tem importância. É algo que passa despercebido e os turistas tem a vontade de conhecer o porto por que todos falam da tradição que eles mantêm um tipo de secar o peixe em frente de casa. É preciso ser mais divulgado o bicho e o bairro.

3. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?

R. Não. Nunca fui porque não sabia desta existência.

4. Normalmente você frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?

R. Eu conheço algumas pessoas que moram lá, termino que visito, não com muita frequência .

Nome: Lourdes Ferreira

Bairro: Centro

Naturalidade: Itacaré/BA

Idade: 1943

Profissão: Doméstica

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre morei em Itacaré

É tradição daqui da cidade, aonde nasci, me criei, me casei e fiquei viuva. É um orgulho para os filhos da terra, é uma alegria, quando chega janeiro todos ficam na espera. Esta manifestação tem uma força de contagiar todos, nós da cidade e os veranistas que estejam em Itacaré. Todo ano eu os recebo na minha casa. aguardo eles com muito bebida, eu não abro só a porta não, eu abro a minha casa, é um momento de muita animação. É uma festa, quando mais nova ia buscar o bicho lá no Porto de Trás e vinha dançando, cantado e bebendo. Só frequento o bairro do Porto de Trás de ano em ano, com a saída do bicho. A organização da manifestação do bicho informa que vai dançar na sua casa, e nós da cidade sempre aceitamos.

Mas este roteiro com o percurso as vezes é modificado, porque eles saem muito tarde. Tenho os meus filhos que moram fora e que não perdem esta manifestação, todo ano eles vêm. Eles falam: - O Bicho Caçador pode dançar na sua porta? E eu digo: - Pode. É uma alegria só.

Nome: Marcia Alencar

Bairro: Centro

Naturalidade: Itacaré/BA

Idade: 52

Profissão: Doméstica

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre morei em Itacaré

1. Vc conhece o BC?Qual a importância do bicho caçador para você?

R. É uma tradição, eu acho muito interessante eles dançando. Os pulos e modo como eles dançam, o samba de roda.

2. Que relação você vê entre o BC e o turismo?

R. Vejo uma ligação muito forte dos nativos de Itacaré com esta manifestação, nós acompanhamos e quando os turistas vêm o Bicho Caçador, eles tiram fotos.

3. O que lhe leva abrir as portas para receber o bicho?

R. Gosto da dança que eles fazem. O combate do Bicho Caçador é muito interessante, não é samba, não é capoeira, fico impressionada como eles elaboram esta dança, o bicho com os seus pulos, os seus braços abertos na espreita e o caçador na procura, e a sua luta para combater dois bichos. Abro a minha casa porque é uma alegria, e o importante é dá continuidade a este encontro e se posso contribuir, eu contribuo. O rapaz vai lá pedir a permissão. Então eu abro.

4. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?

R.Não eu espero em casa. Por que eles saem muito tarde.

5. Normalmente vc frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?

R. Não, uma vez ou outra. Só vou lá quando tem algum evento por lá.

Nome: Elinisi Costa

Bairro: Beco da Rodoviária

Naturalidade: Itacaré/BA

Idade: 48

Profissão: Professora

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre morei em Itacaré

1. Você conhece o BC? Qual a importância do bicho caçador para você?

R. Sim. É uma manifestação muito importante para cidade, já é uma tradição. Aqui na cidade não tem um movimento cultural, ações como está não há em Itacaré. O importante é que vejo este encontro resistir a toda uma política de abandono, colocando a cidade em movimento. Por exemplo as crianças, os adultos acompanham esta manifestação, isto é muito interessante, pois de algum modo fica alguma coisa desta experiência em cada um, e deve ser por este motivo que não acabou. Você pode observar aqui em Itacaré, que muitas gerações brincaram de Bicho Caçador quando criança, este é um dos nossos referenciais. Eu por exemplo, fazia a roupa do bicho com folha de fruta pão e saia pela rua com as minhas amigas. E isto há até hoje, é claro de um outro modo.

2. Que relação vc vê entre o BC e o turismo?

R. Olha não vejo nenhuma relação. O turismo está mais voltado para o surf, as belas praias e os passeios de aventura e pela Pituba. Não vejo o turista se arrumando e indo ver o Bicho Caçador.

3. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?

R. Não. O bairro fica distante. E só vou lá quando vou comprar siri catado.

4. Normalmente você frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?

R. Não frequento o bairro. É uma comunidade que não quer se misturar com as outras ruas de Itacaré. Eles preferem ficar lá mesmo ou de fora do que acontece na cidade. Eles mesmos resistem. Eles são bem fechados.

Nome: Catarina Serra

Bairro: Alto da Boa Vista

Naturalidade: Juiz de Fora/MG

Idade: 35

Profissão: Jornalista

Há quanto tempo mora em Itacaré: 07 anos

Quando eu conheci o Bicho Caçador foi através de duas amigas que já moravam aqui em Itacaré e me contaram sobre esta manifestação. Como eu já tinha um envolvimento com a cultura e, eu queria saber mais sobre a cidade, elas me contaram sobre o Bicho Caçador. Que tinha uma manifestação, que era realizado no Porto de Trás e, mobilizava toda a comunidade. Interessante de ver. Mas durante o meu primeiro ano que fiquei aqui, não tive a oportunidade de vê a manifestação. Só depois que vim a ver e achei muito legal, observei que as pessoas gostavam de fazer aquilo, é uma coisa que mobiliza. Fiquei me perguntando porque o pessoal não fazia mais? Eu nunca vi este tipo de manifestação em outros lugares, da forma como acontece o Bicho Caçador. Demonstra bastante assim a formação do povo de Itacaré, a relação deles. Muitos pensam que o Bicho Caçador tem só a conotação da natureza, entre o caçador e o bicho, estes personagens. Para mim vai além. Vejo uma relação ancestral, até sobre as histórias também dos escravos, do homem negro sendo escravizado, acho que tem este significado, que está intrínseco, que fica mais subjetivo, pois é uma manifestação forte, e por trás da cultura, da dança e da brincadeira existe um pouco de protesto. Quando cheguei aqui eu não tinha idéia da dimensão da dificuldade de aceitação das pessoas daqui com as pessoas de fora. Eu não percebia isto. Com o tempo, eu fui percebendo, sim que existe uma dificuldade de interação. Esta dança reflete a dificuldade de aceitação com o de fora e a dificuldade do de fora aceitarem os que são daqui. isto é recíproco. Acho que durante muito tempo, muita gente veio de outros lugares para só explorar, isto aos poucos criou uma resistência. As pessoas viam comprava terra muito barata e começava a explorar. Vejo no bicho este confronto. Itacaré é uma cidade que não tem uma Secretaria de Cultura, não tem uma equipe, um plano, um projeto, nem dinheiro. Nem um planejamento para o Bicho Caçador, nem para nenhuma manifestação na cidade. Nesta atual gestão não há um entendimento do que é cultura. Acham que cultura é evento turístico. Isto é uma consequência, pode acontecer, mas não tem nada haver com o dia-dia.

Nome: Julia Correa

Bairro: Centro

Naturalidade: Itacaré

Idade: 80

Profissão: Professora aposentada

Há quanto tempo mora em Itacaré: morei um tempo em Salvador

Este bicho é tradicional. E não é este nome, e de um certo tempo para cá que modificou, e coloram este Bicho Caçador. O bicho não caçador, ele é caçado. O caçador é um homem e não o bicho. Porque o Bicho Caçador é um bicho que come um outro bicho. O bicho é caçado. E quem trouxe para Itacaré foi Narzi Alzino, um nome um tanto esquisito. Ele era estivador, não sei se ele é itacarense ou de outro lugar. E começou a fazer o bicho, a vestimenta era da ponta da flecha, como também de saco de linhagem. Tinha um dado interessante que ele dava um nome diferente ao bicho todo o ano, como: *Já te come, Pitujú* e outros nomes que já me esqueci. E saía cantando na rua, este rancho era arrumado, era organizado. Primeiro cantava o Reis, depois a chula, e logo após era que se chamava o bicho para dançar. O bicho dançava e depois era que vinha o samba de roda. Hoje vejo que tudo está desorganizado. Tudo está muito rápido. O bicho tremia a espera do caçador muito bonito. É uma apresentação diferente de sair pela rua. Eu ia muito lá no Porto de Trás para dá risada com aquele povo. O bicho não tem medo de sair na rua com a violência que está hoje na cidade. Tem muito homens atrás, jovens. E os que fazem a violência respeitam a comunidade do Porto de Trás. Hoje eu tenho medo de sair de casa a noite, quando tem algum encontro da 3ª idade, uma reza por exemplo, eu só venho para casa acompanhada. Esta rua é muito deserta, só tem casa comercial, correio e outros. Casei de vim do clube Pirajá de festa sozinha 3 e 4 horas da manhã. Na verdade, o Bicho Caçador não se aperfeiçoou, é um negócio mal feito. Mais voltando para bairro nunca houve um crime lá. E pouco frequento porque é muito longe.

Nome: Celina Silva

Bairro: Centro

Naturalidade: Uruçuca/BA

Idade: 51

Profissão: Zootécnica, hoje é secretária executiva

Há quanto tempo mora em Itacaré: 12 anos

Conheço o bicho já tem um tempo. Quando vim trabalhar com o Instituto de Turismo de Itacaré (ITI) em 2005, o nosso grupo entendeu a importância do resgate das manifestações culturais e tradicionais. E nós entendemos que Bicho Caçador é a manifestação mais forte e mais autêntica que há em Itacaré, por que ela é exclusiva daqui. Não é como outras manifestações que você tem em outras cidades, principalmente no nordeste. É uma simbologia que é uma tradição de uma cultura baseada nas manifestações da população da zona rural e da migração da população da região quilombola para aqui na região, o quilombo urbano - no bairro Porto de Trás. A manifestação retrata com musicalidade, com dança, que passou a ser encarada como lenda, mas que tem as suas relações, suas verdades de realidade que aconteceu. Por isto que acho importante. Além de ser uma manifestação que há a participação de toda a comunidade, há um envolvimento. Não é uma apresentação em si com objetivo de mostrar para os turistas. É todo um conjunto de devoção, de crença que é colocada ali. Desde a construção das roupas, vestimentas e toda a população, as famílias saem nas ruas, até é o momento que toda a comunidade se sente forte, se sente unida para fazer esta manifestação, este é o primeiro momento. O segundo momento é o atrativo turístico. O primeiro momento é o reconhecimento das suas raízes, a auto valorização. Isto é muito forte e muito importante. Vimos a partir da Ministério de Turismo que os atrativos culturais de Itacaré tinha um índice muito baixo aqui na região. Nós entendemos que as ações culturais são ações mais fortes para se resgatar a auto-estima e, inserir a população local nos benefícios que o turismo pode trazer para comunidade. O Bicho Caçador é a mais legítima, então fortalecer isto é agregar valores, e com isto vai contribuir para aumentar este índice. Não esquecendo que estas manifestações culturais sejam um atrativo turístico muito forte e que seja também economicamente viável, a cultura tem que trazer um retorno econômico para as pessoas que vivem e que se dedicam desta arte. Eu acompanho na rua o bicho, quando eu ouço esta musicalidade fico emocionada e sigo dançado, gosto muito de ver a evolução do

Bicho Caçador. Vejo no bairro do Porto de Trás uma cultura impar, famílias que se reúnem, que tem as mesmas histórias, que são descendentes de quilombos e que construíram famílias entre si. Depois o ITI percebeu um movimento social e cultural muito forte, feito através de esforços de voluntários para a valorização da cultura e com o envolvimento das crianças. O espaço que a Associação Cultural Tribo do Porto tinha era muito precário e, fizemos a interlocução com empresas ligadas ao ITI para a construção do Centro Cultural Tribo do Porto para o fortalecimento deste esforço e esta cultura. Temos uma relação muito afetiva com esta comunidade. Acho interessante as transformações, pois você começa a atrair pessoas e, este modo de vida é difundindo, mostra a diferença deste Brasil. Você vê que o Porto de Trás é uma comunidade fechada, se sentiam de certa forma excluído da dinâmica da cidade, o turismo teve um aspecto positivo que começou a abrir as portas e com o reconhecimento da capoeira, do Bicho Caçador um movimento bem diferente, apesar da resistência.

Nome: Patrícia Reis

Bairro: Centro

Naturalidade: Itacaré/BA

Idade: 72 anos

Profissão: Professora

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre morei em Itacaré

1. Vc conhece o BC? Qual a importância do Bicho Caçador para você?

R. Sim desde o meu tempo de moça. O bicho é uma festa histórica de muitos anos. E que nunca acabou. Seu Luiz fazia o bicho. Veja, tenho 55 anos de casada. E recebo o bicho deste quando me mudei para esta casa, isto já faz uns 50 anos. Abro a porta para o Bicho Caçador. Eles entram na minha casa, um monte de gente fica em volta da minha casa e, eu fecho a porta, eles descansam lá dentro, tomam água, bebem, ficam a vontade. Logo depois, eu abro a porta e eles saem para dançar. Nós compramos bebidas e damos mais um agrado, para fortalecer o samba. Porém o bicho sai muito tarde, isto não é muito bom, nunca sabemos ao certo que horas o bicho chega.

2. Que relação você vê entre o BC e o turismo?

R. É uma festa popular, histórica que chama atenção. Quando eles chegam aqui em casa. Esta rua e praça fica cheia de gente. Porém tem muita gente que nem conhece o Bicho Caçador. Até peço para os taxistas no dia para eles não estacionarem aqui em frente.

3. O que lhe leva abrir as portas para receber o bicho?

R. Eu dou o suporte. Eles chegam com as vestimentas, ai temos que consertar. Eles também descansam, bebem água. Eles sempre dançaram aqui em casa.

4. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?

R. Não. Não vou apreciar não. Só vou no bairro no São João.

5. Normalmente você frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?

R. Só no São João. Fica muito longe.

Nome: Mauro Alves

Bairro: Bairro Novo

Naturalidade Ubaitaba/BA

Idade: 31

Profissão: Autônomo

Há quanto tempo mora em Itacaré: 14 anos

1. Você conhece o BC? Qual a importância do Bicho Caçador para você?

R. Não. Já ouve falar. Sei que tem haver com a cultura. Só ouço. Não me interessei em me informar.

2. Que relação você vê entre o BC e o turismo?

R. Como não sei nada sobre o Bicho Caçador, não sei que relação há.

3. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?

R. Não

4. Normalmente você frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?

R. Só vou porque tenho amigos lá. O bairro é mais família, é um bairro cultural, e um bairro diferente dos demais. As famílias cresceram por lá e todos foram morar um perto do outro. A união que o Porto de Trás tem, você não ver em outros bairros.

Nome: Marina Barros

Bairro: Passagem

Naturalidade: Taboquinhas distrito de Itacaré/BA

Idade: 28

Profissão: Garçonete

Há quanto tempo mora em Itacaré: 07 anos

1. Você conhece o BC? Qual a importância do bicho caçador para você?

R. Não, nunca ouve falar.

2. Que relação você vê entre o BC e o turismo?

R. Acho que nenhuma, pois trabalho aqui na Pituba e, eles não passam por aqui. As pessoas que trabalham por aqui não conhecem e, aqui é o lugar que os turistas transitam.

3. Você vai ao bairro Porto de Trás para dançar o bicho? Por que?

R. Não

4. Normalmente você frequenta o bairro Porto de Trás? Por que?

R. Não, pelo tempo. Por conta da rotina de trabalho.

Nome: Luzia Rocha

Bairro: Concha

Naturalidade: Ipiaú/BA

Idade: 57

Profissão: Comerciante

Há quanto tempo mora em Itacaré: 15 anos

Eu não sei o que venha a ser o Bicho Caçador. Sei que é uma apresentação que acontece aqui em Itacaré, um tipo folclore. Não sei qual a história. É um evento antigo que a comunidade toda do Porto de Trás participa, chama atenção a todos e, os turistas que estão circulando pela cidade. Um tipo de dança diferente, acho muito interessante. Eu como dona de cabana de praia, vejo que meus clientes, e que a maior parte são turistas, não sabem. Só a gente que é da cidade é que sabe. Por ser uma coisa que acontece uma vez no ano e, por não ter divulgação, muito gente nem fica sabendo. Uma coisa interessante é que todo mundo participa, os nativos e os turistas como já disse, a comunidade toda participa da festa. Na verdade eu nunca fui ver a saída do bicho, com a rotina de trabalho fica difícil. Porém eu já falei com alguns da organização que é só me falar que eu posso colaborar na compra de tecido para fazer a roupa, coisas assim, pois eu gosto de ajudar. Não frequento o bairro do Porto de Trás, mas quando vou é para comprar catado de siri nas mãos das mulheres, para poder fazer as moquecas aqui da cabana. Eu passo, falo: - Oi gente. Mas não sento para conversar, vejo que falta isto na cidade, necessitamos de alguém que faça isto, mobilize um ponto de encontro, para o desenvolvimento da cultura aqui na cidade. Tem um pessoal, hoje aqui, do Rio de Janeiro e, que me perguntou dos quilombos. Eu informei que tem o bairro do Porto de Trás, e que lá tem umas meninas bonitas, um bairro só de negros, com isto conversei com uma agencia de turismo que deveria divulgar mais ali. Sei que tem lá uma cultura, mas vejo que tem que ter um centro para trabalhar nesta divulgação.

Nome: Junior Gomes

Bairro: Centro

Naturalidade: Itacaré

Idade: 29

Profissão: Maitre Sommelier

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre morei em Itacaré

Desde de criança em conheço Bicho Caçador, é uma manifestação única, nenhum lugar tem o Bicho Caçador, só em Itacaré. Ele é importante para o adulto, tanto para as crianças, todo

mundo vai, todo mundo gosta, ele atrai o nativo e o turista, todo ano sai e, todos esperam o bicho sair. Ele é passado de pai para filho, de gerações a gerações, é a manifestação mais forte que tem aqui na nossa cidade. Acho interessante porque ele sai nas ruas, e dança na porta das casas das pessoas mais antigas da cidade. Hoje eu sinto emoção em ver o Bicho Caçador pelas ruas. Quando eu era pequeno sabia que tinha gente por trás das máscaras, mais mesmo assim ficava amedrontado, e acho interessante que esta manifestação ainda não acabou, e as pessoas conseguem levar adiante, com toda a sua modificação. O Bicho Caçador nunca precisou de apoio de político, de prefeitura, sempre quando ele chegava na nossa porta a gente dava um litro de vinho, um litro de bebida. Vejo por conta do turismo a tentativa de se pagar um cachê para sair, porém isto nunca houve. Com o turismo que rodeia Itacaré. Esta manifestação talvez venha acabar porque as pessoas estão visando muito mais o lado financeiro, do que o lado do encontro, do estar junto para produzir o Bicho Caçador. Como eu moro perto, minha infância foi toda no Porto de Trás e, todo ano eles tem a tradição de dançar lá na porta. E quando criança seguia sozinho o percurso junto com o pessoal da comunidade, minha mãe deixava. Minha infância foi toda ali dentro, eu vi o desenvolvimento do bairro. Eles procuram sempre preservar o laço familiar, no final eles casam entre eles, acho isto interessante. O ciclo familiar, o ciclo afetivo vai ficando tudo ali, isto é importante para a nossa cidade. Isto não foi imposto, eles mesmo que criação esta organização. No bairro da Passagem e no Bairro Novo tem gente de todos os lugares, no Porto de Trás são sempre as mesmas pessoas morando nos mesmos lugares e os filhos acabam construindo no entorno. Você vê que eles tem os mesmos costumes, às 16:00hs eles vão para coroinha bater o baba (jogar bola), e às 19:00hs eles voltam, as crianças vão a padaria comprar pão, eles são diferente, pois existe uma rotina do bairro. O São João antigamente não tinha banda e todo mundo do bairro, ganhava seu dinheiro. Se colocava um som mecânico e montava o arraial, todos vendiam seu licor, sua comida na janela mesmo e, todo dia estava cheio de gente, veja, a festa acontecia sem o apoio da prefeitura. Hoje o que a gente vê é um monte de banda e não fica tão cheio, o produto virou turístico, as coisas estão se acabando e a cada ano que passa fica mais fraco. Este dinheiro da Petrobras investido no São João vale a pena? O Bicho Caçador está seguindo uma linha muito interessante de não deixar este lado turístico entrar. Eu me emociono até hoje quando eu vejo a dança, os nomes de cada bicho.

Nome: Milton Cruz

Bairro: Centro

Naturalidade: Ubaitaba/BA

Idade: 39

Profissão: Publicitário

Há quanto tempo mora em Itacaré: 15 anos

Não tenho muito conhecimento sobre isto. Sei que é forte aqui na nossa cidade. Até mesmo eu não pude ajudar muito com o meio de comunicação, por ser um veículo mais comercial. E de todas as manifestações daqui de Itacaré, ela é a mais forte. Não tenho uma ligação cultural aqui em Itacaré, é um investimento que eu não tenho, uma pena. O que chega até a mim são informações via computador ou com alguém do bairro. Conheço todo mundo daqui de Itacaré, falo com todo mundo, muitas vezes nem por nome, mas pela fisionomia, não há uma ligação muito próxima. Conheço pessoas do bairro, falo com todo mundo. Me aproximei mais no bairro quando teve o festival de dança que fui fazer a cobertura de fotos, mas não tenho mais nada que isto. Vejo que o bairro tem um potencial turístico muito grande, e até indico, poderia ser transformado em um espaço turístico. Por eu não estar lá e não frequentar, não deixo de saber da importância que aquele bairro tem para a nossa cidade. Sei que é um bairro antigo e de muita cultura. Tem um pôr do sol lindo, um bom ponto para fotografia, poderia ser mais aproveitado. Olha eu fui lá em Salvador no Candial do Carlinhos Brown é tudo muito bonitinho, é um lugar que eu voltaria de novo, poderia ser aproveitado o Porto de Trás como um ponto turístico. Agora mesmo coloco o nome do Bicho Caçador no *google* e não encontro nada falando sobre. Como o meu trabalho tem foco na parte comercial, então fico só nesta linha, vejo que a cultura não é aproveitada, não sei quem é o culpado disto, se é o órgão público, ou os próprios moradores, se são os veículos, os visitantes. É importante incentivar o convívio, porque as pessoas que chegam na cidade têm o foco nas praias, e não há uma pulverização, a própria história de Itacaré vejo que não divulgada. Temos em Itacaré a Igreja, e sua história. O rio de Contas, a sua importância nesta região, mas não há um livro, uma história falando sobre. A informação que me chega do bairro Porto de Trás é que o tio criou o sobrinho do lado, é uma grande família que cresce na rua, que cuida do outro. Precisa ter a informação, pode até se fazer uma cartilha para ser entregue nas escolas para crianças se

familiarizem. Não é porque é uma cultura antiga que ela não possa estar atualizada na *internet*, no *facebook* para poder adquirir adeptos.

Nome: Nara Santos

Bairro: Centro

Naturalidade: Itacaré

Idade: 68 anos

Profissão Professora

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre morei em Itacaré

O Bicho Caçador sempre dançou na minha porta, eu acho importante porque é uma cultura de Itacaré. Eu aceitei, toda a população aceitou e apoiou esta manifestação. Tem uma colaboração que a gente dá. Antigamente tinha muitas eventos que saiam pelas ruas de Itacaré (o Bumba Meu Boi, o Terno de Reis e outros), hoje a gente não vê mais. Só quem está hoje é o Bicho Caçador. No bairro Porto de Trás eu vou mais não muito frequente. E sempre colaboro, tem a pastoral da crianças, eu faço doações - brinquedos, roupas, no final de ano uma parte desta doações vai para o bairro. Com tudo isto é um bairro que promove mais eventos do que os outros bairros. Tem o São João eles sempre fizeram e a comunidade toma a frente, o próprio bairro organiza as suas festas, o bairro Marimbondo, por exemplo, não é assim, não tem a criatividade que o bairro Porto de Trás tem. No Bicho Caçador há uma participação muito grande do povo de Itacaré. Quando o Bicho Caçador chega na minha casa, nós servimos eles, todos se juntam para ver a dança e depois seguimos com o cortejo. O Bicho Caçador tem uma qualidade de deixar a casa alegre com a sua brincadeira. A alegria do grupo transborda nas casas onde ele passa, e com o desânimo que ronda a cidade, vejo que este grupo nos mostra uma outra coisa. Tem a Casa do Boneco, eles tem uma programação cultural voltada para o turista, o foco deles é o *Zumbi*. O que eu observo nesses anos é que esta manifestação não tem cunho político. Eles dançam e já dançaram em casa de opositores políticos.

Organização do Bicho Caçador

Nome: Edmilson Silva e Carlos Oliveira

Bairro Porto de Trás

Naturalidade: Itacaré

Idade: 61 anos e 66 anos

Profissão: Pescadores

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre moramos em Itacaré

Eu toco pandeiro e meu compadre toca pandeiro também. O toque do Bicho Caçador não é samba e, só quem sabe tocar sou eu e ele, os outros não sabem. Porque a batida do Bicho Caçador é um tipo marcha. O Bicho Caçador vai na frente dançando na marcha. Quando saímos para rua é a batida diferente. As casas pedem para o Bicho Caçador dançar, tem vezes que a noite não dá, porque são muitas casas. Nós não sabemos quais são as casas que nós vamos tocar. Quem diz a gente é o Nêngo. Tem algumas casas que tem que dançar mesmo, pois esta desde o início. O compadre mesmo já está cansado e, tem um grupo aqui no bairro que estar já tomando conta - Biela, Xixito meu genro, Valmilson, Ditan, tem os filhos do Pai Totonho. E eu mesmo já estou ficando cansado. E nós já estamos entregando para eles fazerem, e eles mesmo fazem. Não tem dinheiro nem nada, é só para si divertir na rua e mostrar para o povo como o bicho dança. O povo lá contribui, dá bebida. Só é se vestir, colocar aquele mango nas costas e dançar. Já tem uns meninos aqui no bairro, danados e dança igualzinho os mais velhos. Há uma agilidade nos movimentos do caçador e do bicho. É um pulo aqui, um corre dali. Quando o Bicho Caçador sai no 1º dia o povo fica motivado, é bonito.

É muito forte, a multidão vem dançando, tocando palmas e elas ajudam muito. Outro dia vieram bater na minha porta para eu ensinar na escola como que se veste o bicho. Quando eu era pequeno eu tinha medo do Bicho Caçador e quando diziam: - É vem. Me entocava em casa que não saia mais. Quando estão dançando o Bicho Caçador quem sabe é a gente porque reconhecemos o modo de cada um dançar, mais por conta das máscaras é difícil saber quem é. E ai perguntam quem é este que está ai? Quem é? Tivemos aqui muita gente de fora que vem e filma e diz que vai trazer algo para o bairro e a gente só vê eles saído e nunca voltam.

Nome: Nilson Santos

Bairro: Porto de Trás

Naturalidade: Itacaré/BA

Idade: 37 anos

Profissão: Pintor

Há quanto tempo mora em Itacaré: sempre morei em Itacaré

Comecei a me identificar com Bicho Caçador quando eu tinha uns 15 anos, fazendo as brincadeiras na rua. Quando era época do Bicho Caçador ficávamos com ansiedade de ver o Bicho Caçador, a gente não conseguia vê-lo porque saia muito tarde. Depois começou a sair mais cedo e a gente começou a se envolver mesmo, a entrar, a ver. Até para ver era difícil e, toda preparação como a vestimenta do Bicho Caçador, como se fazia era tudo velado. Tinha uma expectativa para saber como ia ser a vestimenta, se era de pai ventura, de samambaia. Com o nosso interesse e os mais velhos ficando cansados, outros morrendo, começamos a entrar e entender um pouco desta brincadeira, como era a maquinária da vestimenta. Os velhos não chama você, você é que tem que entrar, você tem que ter a determinação de ir e participar da manifestação, porque eles são muitos fechados. Após a saída do Bicho Caçador, eu e meus amigos ficávamos brincando e eu sempre escolhia o caçador para dançar, e com isto fui criando um modo de dançar. Eu aprendi a dançar com Buzano (o outro caçador) e quando tinha uns 20 anos comecei a dividir com ele o caçador. E cada um tem sua característica de dançar, eu mesmo vou mais para o ataque, vou para cima. O Buzano não, vai muito para o chão. O nosso bairro tem um movimento grande de festas, encontros que nós mesmos produzimos, um tanto difícil, mais muito importante para a valorização nossa e do bairro também. É um bairro que não sinto vontade de sair, pois você ainda pode sentar na porta, conversar com as pessoas, é um bairro seguro, você pode deixar a porta aberta, é um lugar que as crianças brincam a vontade. Há uma união no bairro, muitos dizem que já acabou, mas eu vejo que ela ainda tem, e é isto que difere dos outros bairros. O Bicho Caçador movimenta toda a cidade, vamos nas portas das casas dançar. Itacaré hoje não tem nada, e o Bicho Caçador é uma coisa diferente. Há um tempo que Itacaré não tem uma praça. Itacaré tinha cinema quando eu tinha uns 10 anos e depois acabou. Quando o Bicho Caçador sai, as pessoas das casas recebem a gente muito bem, eu me sinto como rei, me sinto a vontade. Eu sinceramente não vejo nenhuma relação do Bicho Caçador com o turismo, se tivesse uma divulgação poderia ter, mas a gente não se preocupa que o Bicho Caçador seja uma atração turística. Quem samba? É só a comunidade do Porto de Trás, eu não vejo por este

motivo. E quem acompanha? Quando o turista vê o nosso percurso desprevenido. E se nós quiséssemos, nós divulgávamos na FM, colocava na bicicletinha de para anunciar de Nem, fazia um monte de coisa que trouxesse o turista para cá. Não temos interesse do turista porque tem que ser o pessoal daqui da rua. Gostamos de ver o nosso bairro dançar e não queremos envolver outras pessoas. Surgiu um tempo atrás o desejo de se fazer uma sede para o Bicho Caçador e não deu certo. Então o Bicho Caçador não tem sede própria, ele se veste na casa de um, na casa de outro, no Centro Cultural Porto de Trás, na Associação dos Moradores isso que é interessante. Cada ano ele sair de um lugar diferente. As vezes se vestem em lugares diferentes e depois se encontram, não há sede própria e não há esta identificação de onde sai o Bicho Caçador. A gente sempre acompanha o Bicho Caçador também, além de se divertir, beber, sambar, nós estamos de olho tomando conta da manifestação do Bicho Caçador para que não haja briga, que não toquem fogo no Bicho Caçador, nós fazemos a segurança, o bairro Porto de Trás em si faz a segurança da manifestação.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGABEM, Giorgio. Infância e história, a destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: editora UFMG, 2005.

_____. Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARANTES, A.A.. O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000.

ARANTES O.. A ideologia do “lugar publico”na Arquitetura contemporânea, in O lugar do arquitetura depois dos modernos. São Paulo: EDUSP, 1995.

ARGAN, Giulio C. A história da arte como história da cidade. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA., 1992.

AUGÉ M.. Não lugares: Introdução a uma antropologia da super modernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BENJAMIM, Walter. Experiência e pobreza in Documentos da cultura, documentos de barbárie. São Paulo: EDUSP, 1986.

BRISSAC, P. N.. Paisagens urbanas. São Paulo: SENAC/FAPESB,1996.

BRITTO, Fabiana D.. TEMPORALIDADE EM DANÇA: PARÂMETROS PARA UMA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA. Belo Horizonte: Fabiana Dultra Britto, 2008. 1ed.

_____. CORPO E AMBIENTE co-determinações em processo. Cadernos PPG-AU/FAUFBA-VOL.1, n°1 (2003) – Salvador FAUFBA: EDUFBA, 2003V.:IL.

_____. Processo como lógica de composição na Dança e na História. Sala Preta, Revista de Artes Cênicas - São Paulo PPG Artes Cênicas - USP, número 10 - 2010.

BRITTO, Fabiana D. & JACQUES, Paola B.. CENOGRÁFIAS O CORPOGRÁFIAS URBANAS um diálogo sobre as relações entre o corpo e cidade. .Cadernos PPG-AU/FAUFBA-VOL. 1, n°1 (2003) – Salvador FAUFBA: EDUFBA, 2003V.:IL.

_____ (org.). *Corpocidade: debates, ações e articulações*. Pag. 14 – 23, 26 - 41, 44 - 53, 56 - 79, 108 – 119 e 122 - 129. Salvador: EDUFBA, 2010.

_____ *CORPOGRAFIA: arte enquanto micro resistência urbana*. *Revista de Psicologia*, V.21 n°2, P/337-350, Maio/Agos. 2009.

CAUQUELIN, Anne. *A cidade e a arte contemporânea* in *Artes&Ensaio*. ano 3, n°3, 1996.

_____. *A arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins, 2005.

CORTE, Gustavo Pereira. *Dança, Brasil!: festas de danças populares*. Belo Horizonte, Ed. Leitura, 2000.

COUTO, Patrícia A. B.. *O direito ao lugar: situações processuais de conflito na reconfiguração social e territorial do Município de Itacaré-BA*. Niterói :UFF/PPGA, 2007.

DEBORD.G.. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: contratempo,1997.

DEWEY, J.. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. *Le public et ses problèmes*. Paris: Gallimard, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vagalumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOSTER, H.. *Contra o pluralismo* in *Recodificação, Arte, Espetáculo, Política Cultural*. São Paulo, 1996.

FRANGELLA, Simone Miziara. *Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo*. São Paulo: Annablume, FAPESB, 2009.

GIL, José. *Movimento total - o corpo e a dança*. São Paulo: Iluminuras, 2004

JACQUES, Paola B.. Estética da ginga: a arquitetura da favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. Elogio aos errantes. Salvador: EDUFBA, 2012.

_____. Do especular ao espetacular. [este texto é a apresentação da edição brasileira do livro de Henri-Pierre Jeudy, 2005].

_____. Elogio aos errantes. Texto originalmente escrito para a revista *Le Passant Ordinaire*, Bordeaux, 2004 (JACQUES, Paola Berenstein. “Eloge aux errants: bref historique des errances urbaines”).

_____. Notas sobre espaço público e imagens da cidade (1). O presente texto foi em parte apresentado oralmente na mesa redonda “Espaço Público e Imagens da Cidade” no XIII Encontro Nacional da ANPUR que ocorreu em Florianópolis (25 a 29/05/09).

JACQUES, Paola B. & JEUDEY, Henri P.(org.). *Corpos e Cenários Urbanos: Territórios urbanos e Políticas culturais*. Salvador: EDUFBA: PPG-AU/FAUFBA, 2006.

JEUDY Henry P.. *Questões sociais dos novos patrimônios in Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LEPECKI, André. *Exhausting Dance*. New York: Routledge, 2006.

_____. *Corpo colonizado*. Rio de Janeiro: Revista Gesto, nº 2, junho de 2003.

_____. *Desfazendo a fantasia do sujeito (dançante): ‘still acts’ em The Last Performance de Jérôme Bel*. Lições de dança 5. Rio de Janeiro: Ed. Univercidade, 2005.

_____. *Planos de Composição*. São Paulo: CARTOGRAFIA rumos itaú cultural dança 2009-2010.

MASSEY, D.. “Um sentido global do lugar” in ARANTES, A.A.(org.). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, pp. 177-185, 2000.

NEGRI, Antonio. Kairòs, Alma Venus, Multidão. Rio de Janeiro: Ed. DP&A , 2003.

OITICICA, Hélio. A dança na minha experiência (12 nov. 1965). In: _____. AGL.

PINKER, Steven. Tábula rasa: a negação contemporânea da natureza humana. Pag.541-566. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Corpo e imagem: alguns enredamentos urbanos. Resistências em espaços opacos do Caderno PPGAU- FAUFBA.

_____. Nós temos hoje uma espécie de contenção do imaginário político. Minas Gerais: Revista Marimbondo, 1º edição, 2011.

ROLNIK, Suely. Geopolítica da cafetinagem. Site:<http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>
10 2006

SENNET, Richard. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SITTE C.. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Ática, 1992.



ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA ALUNA

VERUSYA SANTOS CORREIA

Aos dez dias do mês de maio de 2013, às 10h realizou-se no Teatro Movimento da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, a sessão pública de defesa da Dissertação: **“DANÇA COMO CAMPO DE ATIVISMO POLÍTICO: O BICHO CAÇADOR”** apresentada pela aluna Verusya Santos Correia que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de **Mestre em Dança**. A abertura da sessão foi realizada pela presidente da Banca Examinadora **Prof.ª Dr.ª Fabiana Dultra Britto** orientadora da mestranda que iniciou os trabalhos, convidando os integrantes da banca a compor a mesa constituída pelas seguintes Professoras Doutoras: **Prof.ª Dr.ª Adriana Bittencourt Machado (PPGDança/UFBA)** e **Prof.ª Dr.ª Thaís de Bhanthumchinda Portela (PPGAU-UFBA)**. Após a apresentação do trabalho, a Banca Examinadora passou a arguição pública. Encerrada a arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, tendo sido a mesma **aprovada**. Proclamado o resultado pela **Prof.ª Dr.ª Fabiana Dultra Britto**, presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar eu, Ana Lúcia Soares da Conceição Araújo, lavrei a presente ata que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora e os presentes. Salvador, 10 de maio de 2013//

Thaís de B. Portela
Verusya Santos Correia
Fabiana Dultra Britto
Adriana Bittencourt Machado
Ana Lúcia Soares da Conceição Araújo